



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

WESLEY LUCAS BATISTA DA SILVA

TRABALHADOR ESCREVE LITERATURA?
UMA HISTÓRIA DO AUTODIDATISMO DE OTACÍLIO DE AZEVEDO

FORTALEZA

2023

WESLEY LUCAS BATISTA DA SILVA

**TRABALHADOR ESCREVE LITERATURA?
UMA HISTÓRIA DO AUTODIDATISMO DE OTACÍLIO DE AZEVEDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Júlio Cezar Bastoni da Silva

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S584t Silva, Wesley Lucas Batista da.
Trabalhador escreve literatura? : Uma história do autodidatismo de Otacílio de Azevedo / Wesley Lucas Batista da Silva. – 2023.
116 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Julio Cezar Bastoni da Silva.
1. Otacílio de Azevedo. 2. Autodidatismo. 3. Trabalho. 4. Escrita operária. 5. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 400

WESLEY LUCAS BATISTA DA SILVA

**TRABALHADOR ESCREVE LITERATURA?
UMA HISTÓRIA DO AUTODIDATISMO DE OTACÍLIO DE AZEVEDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Júlio Cezar Bastoni da Silva

Aprovada em 07/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva (UFC)

Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira (UFC)

Dr. Atilio Bergamini Junior (UFC)

“[...] filho,
o lápis é mais leve que a pá.”
(BATISTA, 2023, p. 12).

AGRADECIMENTOS

Às primeiras professoras, que me ensinaram a ler e a escrever: Eliane, Socorro e Albaniza;

Ao meu pai, que me comprou meus primeiros livros e me ensinou, na garupa da bicicleta, a caminho da escola, que “o lápis é mais leve que a pá”;

À minha mãe, que, na inconclusão dos seus estudos, possibilitou que eu concluísse os meus;

Aos meus irmãos, que compartilharam comigo silenciosas horas de estudo, após barulhentas jornadas de trabalho;

Ao meu orientador Júlio Cezar Bastoni, pela leitura e escuta sinceras e sempre abertas a sugestões e pelos sucessivos estímulos à minha escrita;

Ao professor e amigo Atilio Bergamini, pelos inúmeros e-mails trocados ao longo e depois da graduação, pelas taças de vinho que ajudaram a manter a sobriedade em momentos de angústia e pelas palavras de afeto;

Ao Rinaldo Viana, que me ajudou – com a boa prosa no bosque da Letras – a gestar essa dissertação, quando ela era apenas um projeto de pesquisa;

À Karina Morais, por me acompanhar desde a graduação, com amizade e ternura, sempre celebrando minhas pequenas conquistas;

Ao Lucas Alameda, por ter partilhado parte das minhas angústias no início da feitura desta dissertação;

Aos amigos Lourenny Nascimento, Emmanuel Damasceno, Leônidas Oliveira e Fernando Gleibe por terem me acompanhado em muitas noites e dias no descanso deste trabalho;

Ao Matheus Picanço Nunes, por ter dividido comigo ombros e mãos – nos momentos de leitura e de escrita nos intervalos do almoço e nas noites suaves aos finais de semana;

A todas essas mãos, sem as quais esse trabalho não seria possível, meu muito obrigado.

RESUMO

Os estudos que pensam as classes populares como produtoras de discurso literário são recentes e ainda incipientes. Em geral, as pesquisas que tomam esses grupos como objetos de análise se concentram apenas em suas representações. Nas últimas décadas, porém, temos assistido a uma “virada” dos grupos subalternos que, tradicionalmente relegados à margem e afastados das práticas culturais legitimadas, têm reivindicado seu lugar para falar e representar em nome de si mesmo. Fração desses grupos são os trabalhadores populares que, apesar de terem uma produção literária significativa, não têm recebido a devida atenção da Crítica e da Academia no que concerne à sua produção literária. Nessa perspectiva, partindo de uma análise da situação da educação e da imprensa oficial e alternativa em Fortaleza no último quartel do XIX e no primeiro do século XX, nossa pesquisa busca investigar, a partir da leitura atenta de *Musa Risonha* (1920) e de *Fortaleza descalça* (1978), do trabalhador-escritor cearense Otacílio de Azevedo, como a questão e a representação do trabalho e do trabalhador aparecem imbricadas na poesia do autor, isto é, como ele elabora as questões do mundo do trabalho na composição de seus versos. Além disso, investigaremos como o caso de Otacílio não é isolado na História, uma vez que há inúmeros exemplos ao longo dos séculos em que vemos trabalhadores lendo e escrevendo. A partir da análise dessas obras, em diálogo com pressupostos teóricos, esta dissertação busca formular uma história do autodidatismo de Otacílio de Azevedo e contribuir com questões para a compreensão das relações entre trabalho e escrita na literatura brasileira, bem como para a discussão sobre a importância da literatura como forma de expressão das vivências dos trabalhadores.

Palavras-chave: Otacílio de Azevedo; autodidatismo; trabalho; escrita operária; literatura brasileira.

ABSTRACT

The studies that consider the popular classes as producers of literary discourse are recent and still incipient. In general, studies that take these groups as objects of analysis focus only on their representations. In recent decades, however, we have witnessed a “turn” of subaltern groups that, traditionally relegated to the margins and away from legitimized cultural practices, have their place to claim and represent in their own name. Fractions of these groups are popular workers who, despite having a significant literary production, do not receive due attention from the Critics and the Academy with regard to their literary production. From this perspective, starting from an analysis of the situation of education and the official and alternative press in Fortaleza in the last quarter of the 19th and in the first quarter of the 20th century, our research seeks to investigate, from a careful reading of *Musa Risonha* (1920) and *Fortaleza descalça* (1978), by the Ceará worker-writer Otacílio de Azevedo, how the issue and representation of work and the worker appear intertwined in the author's poetry, that is, how he elaborates the issues of the world of work in the composition of his verses. In addition, we will investigate how Otacílio's case is not isolated in History, since there are considerable examples throughout the centuries in which we see workers reading and writing. Based on the analysis of these works, in dialogue with theoretical assumptions, this dissertation seeks to formulate a history of Otacílio de Azevedo's self-education and contribute with questions for the understanding of the relationship between work and writing in Brazilian literature, as well as for the discussion about the importance of literature as a form of expression of workers' experiences.

Keywords: Otacílio de Azevedo; Self-education; Work; Worker writing; Brazilian literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A RAÍZ.....	24
2.1 “É nunca fazer nada que o mestre mandar... Sempre desobedecer, nunca reverenciar”	24
2.2 O sequestro da história da literatura operária brasileira.....	35
2.3 A disputa pela voz: quem pode falar em nome de quem?.....	39
2.4 Escrito por mim mesmo: a reivindicação da autoria.....	44
3. O CAULE.....	47
3.1 A circulação de impressos na Fortaleza do século XIX.....	47
3.2 Investir o sonho na cultura letrada.....	49
3.3 Trabalho e instrução na imprensa dos trabalhadores do Ceará.....	55
4. O FRUTO.....	60
4.1 O caminho aberto para Otacílio de Azevedo.....	60
4.2 Poeta pobre e poeta alienado? – ou Quem é esse caboclinho?.....	65
4.3 Musa Risonha: uma autobiografia operária em verso.....	68
4.4 A formação do poeta e intelectual Otacílio de Azevedo.....	83
5. CONCLUSÃO: A SEMENTE.....	91
5.1 Não se nasce poeta, torna-se.....	91
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXO A – MUSA RISONHA.....	104
ANEXO 02 – POEMAS DE “O JORNAL”	111

1. INTRODUÇÃO

O sol começava a desaparecer no horizonte quando Otacílio de Azevedo firmou pela primeira vez os pés na cidade de Fortaleza. Vinha de Redenção pelos caminhos do ferro, os quais ligavam, há pouco mais de três décadas, o interior à capital, através da Estrada de Ferro de Baturité¹ (EFB). Da janela do trem, o jovem migrante deslumbrava-se com a luz dos combustores a gás, “através da fumaça lançada em golfadas escuras pela trepidante locomotiva”². A cidade ainda se encontrava descalça – “a *Praça da Estação* [...] era literalmente cheia de carroças”³ – embora já fosse possível visualizar uma multidão de espantar o rapaz, que chegava à cidade na companhia da mãe e de dois irmãos, Abílio e Maria, trazendo, na algibeira, corpo para o trabalho e sonhos de poeta. O século novo há pouco havia feito a sua curva; o ano era o de 1910; Otacílio mal completara a maioridade.

Na companhia do irmão Júlio Azevedo, com quem passaria a morar juntamente com a família naqueles primeiros anos, o jovem Otacílio não fez cera para conhecer a província. Logo tomou um refresco no *Café do Comércio*, um artístico quiosque feito de madeira localizado na Praça do Ferreira; assistiu à agitação citadina na venda de legumes, hortaliças e carnes do *Mercado de Ferro*; frequentou cinematógrafos, como o *Cinema Júlio Pinto*, da rua Major Facundo, e o *Cinema di Maio*, também localizado no centro da cidade; e deslumbrou-se com aqueles que, “nos duríssimos bancos de ripas da Praça do Ferreira”, liam *O Malho* e as divertidas aventuras de Zé Caipora, escritas e desenhadas por Angelo Agostini; o *Leitura Para Todos*; o *Jornal do Ceará* ou ainda *A República* (dos Nogueira Accioly)⁴.

Naquela Fortaleza descalça, não havia ainda automóveis nem caminhões, o que proporcionava o silêncio necessário à boa prosa nos cafés, nos restaurantes, nas barbearias, nas farmácias, nas bodegas, nos bancos de praças ou até mesmo sob a sombra das árvores. Debaixo de uma destas, alcunhada pelos seus frequentadores de “Cajueiro Botador”, “homens da sociedade, plebeus, artistas,

¹ A esse respeito, ver ALMEIDA, Nilton Melo. **Os ferroviários na cartografia** de Fortaleza: rebeldes pelos caminhos de ferro. 2009. 307 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2009.

² AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: SECULT/CE: 2012, p. 39.

³ *Ibid.*, p. 39.

⁴ *Ibid.*, pp. 40-42.

pequenos comerciantes, brancos e pretos, enfim, toda casta de gente” reuniam-se ali para prosear e ler “cartazes pregados no tronco nodoso do cajueiro”⁵.

É de Joaquim Pimenta⁶ o depoimento a respeito das conversas que rolavam debaixo dessas árvores, na mesma Praça do Ferreira:

nós cascalhudos do Liceu e estudantes da Faculdade, nos reuníamos, todas as tardes, para conversar e discutir religião, filosofia, história, literatura, questões de gramática e assuntos de política partidária, até nove ou dez horas da noite, quando o velho relógio nos avisava que era tempo de dispersar e seguir para casa⁷.

Àquela altura do século, o silêncio era “interrompido apenas pelos risos das crianças ou pelo pregão de um vendedor de guloseimas. Nem um apito, nem uma buzina antipática de automóvel vinha perturbar a nossa tranquilidade”⁸. O primeiro veículo automotor acabara de chegar, em 1909. Enquanto isso, na Praça do Ferreira, “boêmios faziam honras a Baco [...] e discutiam literatura, metendo a lenha nos medalhões da época, como Barão de Studart⁹, Papi Júnior¹⁰, Antonio Sales¹¹ e outros”¹².

⁵ *Ibid.*, p. 43.

⁶ Nasceu em Tauá, no município de Inhamuns (CE), no dia 13 de janeiro de 1886, filho de João Nepomuceno Pimenta, farmacêutico e pequeno proprietário, e de Vicência de Sousa Pimenta. Fez os primeiros estudos em Inhamuns, com o padre Joaquim Ferreira de Melo. Devido à pobreza de sua família começou cedo a trabalhar, tendo sido sucessivamente cobrador de impostos em feiras, alfaiate, sacristão e professor de uma escola noturna para menores. Em 1904, seguiu para Fortaleza, onde exerceu o magistério primário enquanto prosseguia seus estudos. Após concluir os preparatórios no liceu do Ceará, matriculou-se em 1906 na Faculdade de Direito da capital do estado. Por essa época licenciou-se na literatura socialista, rompendo com o pensamento católico que até então defendia. Auxiliado por colegas com os quais formava um grupo de oposição ao governo estadual de Antônio Pinto de Nogueira Acióli (1904-1912), fundou a revista A Fortaleza e os jornais O Demolidor, anticlerical, O Regenerador, de propaganda socialista, e A Terra da Luz. Ainda acadêmico, colaborou em outros jornais cearenses, como o Unitário e o Jornal do Ceará, escrevendo artigos políticos. (BARBOSA, 2018).

⁷ BARROSO, s/d *apud* GONÇALVES, Adelaide. **A imprensa dos trabalhadores no Ceará**, de 1862 aos anos 1920. 2001. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001, p. 321.

⁸ AZEVEDO, *op. cit.*, p. 56.

⁹ Guilherme Chambly Studart (Barão de Studart) nasceu em Fortaleza, no dia 5 de janeiro de 1856. Filho primogênito do cônsul inglês no Ceará, John William Studart e de Leonísia de Castro Barbosa, foi um dos fundadores e também presidente, por determinado período, do Instituto do Ceará. Realizou seus estudos primários no Ateneu Cearense, depois, seguiu com o pai para Salvador, ali estudando no Ginásio Baiano, onde seria professor de Inglês e de História do Brasil. Ver em Instituto do Ceará: <https://www.institutodoceara.org.br/socio/guilherme-studart-barao-de-studart/>

¹⁰ Antonio Pápi Júnior foi um escritor e professor nascido no Rio de Janeiro mas radicado no Ceará. Além disso, participou ativamente das campanhas abolicionistas e republicanas. Sua obra mais importante é O Simas (1898). Ver em Academia Cearense de Letras: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/papi-junior-3/>

¹¹ Poeta e romancista cearense (1868 – 1940), Antonio Sales foi também um trabalhador-escritor do comércio, além de um dos fundadores da Padaria Espiritual. Uma das suas obras mais importantes é Aves de Arribação (1914). Ver em Academia Cearense de Letras: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/antonio-sales/>

¹² *Ibid.*, p. 71.

Num dos bancos desta praça, inclusive, foi fundada a *Sociedade dos Banquistas*, nada mais do que uma concentração de jovens-há-bastante-tempo – advogados, farmacêuticos, políticos, comerciantes, escritores, poetas, artistas pintores e de teatro e músicos – que se reuniam para debater os mais variados assuntos cuja relevância não podia esperar: “críticas ao prefeito e a outras autoridades, questões de português ou outras disciplinas, questões religiosas e reviravoltas políticas”¹³.

Outro espaço de circulação da palavra impressa ou falada que o jovem Otacílio de Azevedo também frequentava era o *Café do Pedro Eugênio*, localizado onde hoje fica o bairro Benfica. Ali, “recitava-se, cantava-se, falava-se de política. Muitas vezes a conversa esquentava e atravessava a noite inteira”¹⁴. Para o poeta cearense,

Aquele suave retiro espiritual, verdadeira colmeia de poetas e artistas, era um oásis, um seio de Abraão, aonde, de sábado a domingo, iam centenas de pessoas de todos os bairros de Fortaleza, saborear um delicioso mungunzá, a suculenta panelada com unhas de boi, os doces, as tapiocas, o pão de milho, os refrescos, arroz doce e outros quitutes¹⁵.

Na interpretação de Gleudson Passos (2009), “as guloseimas regionais, assim como a localização daquele quiosque nos arrabaldes de Fortaleza, sugerem uma frequência de maior contingente de populares e pessoas de hábitos simples naquele ambiente”¹⁶. Era, portanto, um espaço onde Otacílio podia lidar e estar com os seus pares, sem sentir-se, como veremos adiante, acuado ou intimidado dada a sua simplicidade.

Da mesma maneira, o *Café Iracema* era outro espaço que “juntava os boêmios e os conservadores da *Academia Rebarbativa* que, noite adentro, comentavam da política, dos sonhos e da literatura”¹⁷. Do outro lado, o *Café Riche* também era lugar onde se cultivava a boa prosa, como anota Herman Lima¹⁸ em

¹³ *Ibid.*, p. 79.

¹⁴ *Ibid.*, p. 52.

¹⁵ *Ibid.*, p. 49.

¹⁶ PASSOS, Gleudson. **Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos**. Produção Literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. 2009. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001, p. 152.

¹⁷ GONÇALVES, *op. cit.*, p. 323

¹⁸ Herman de Castro Lima (1897 – 1981) foi um importante contista, memorialista e crítico de arte cearense. Entre suas obras mais conhecidas, está o livro de contos *Tigipió* (1924), que, além de receber menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, teve o conto homônimo adaptado para o cinema. Ver em Instituto do Ceará <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1997/1997-CentenarioHermanLima.pdf>

suas “Memórias” (1967), destacando que a falta de instrução não era empecilho para aqueles que queriam participar das discussões:

Nessas rodas apareciam alguns quase analfabetos, de poucas letras ou sem maiores estudos, mas de “inspiração impressionante” ou de “esteio fascinante”, exemplos de autodidatismo. Diziam-se versos às vezes escrevinhados ali na hora ou comentavam-se autores e livros adquiridos na Livraria Ribeiro – Martins Fontes, Eça, Camilo, Junqueira, Grave, Anatole, Balzac, Flaubert, Zola.¹⁹

No “Mata-Galinha”, atual Dias Macedo, o ponto de encontro dos amigos do rapaz recém-chegado era a casa de Pedro Dantas²⁰. Naquelas tardes, sempre aos finais de semana, os jovens deliciavam-se “tocando, cantando ou recitando ou ainda narrando casos pitorescos. Eram verdadeiros saraus literários e musicais, agradáveis e instrutivos onde nunca surgiram elementos estranhos para empanar o seu brilho”²¹.

Além dos cafés e quiosques, dos bancos das praças e das casas dos amigos, as livrarias também se configuravam como importantes núcleos de experiências letradas e literárias. As livrarias do “Banco do Ceará”, a “Imperial”, “Araújo”, “Hermínio Barroso” e o “Sebo do Guimarães”, dentre outras, além das novidades literárias, foram as constelações aspiradas por alguns trabalhadores que desejavam se projetar no meio literário²².

A *Livraria Araújo*, por exemplo, também chamada de *Cenáculo* e encabeçada pelo livreiro Ildefonso de Araújo, “animava a vida intelectual da cidade”. Seu público era diverso. Por esse motivo, para que algumas discordâncias não se inflamassem, “de manhã, iam os oposicionistas, e à tarde, os governistas”²³. Segundo seu caixeiro, Theodoro Cabral, “lá se encontravam, diariamente, professores da Faculdade de Direito e do Liceu, literatos, estudantes e quantos amigos dos livros [...] que mantinham palestras ansiosas que eram verdadeiras tertúlias literárias”²⁴.

Antes da diversão, contudo, vinha o trabalho. O jovem Otacílio “trabalhava duramente a semana inteira à espera do domingo – quando ia para o Mata-Galinha cantar e recitar”²⁵. Seu primeiro emprego, assim que chegou a Fortaleza, foi de retocador de negativos na *Fotografia Olsen*, localizada na Rua Formosa, atual Visconde do Rio Branco. Naquele espaço, Azevedo aprendeu a “lidar com o papel

¹⁹ LIMA *apud* GONÇALVES, 2001, p. 323.

²⁰ Um violonista amador que fazia de sua casa ponto de encontro do deleite artístico.

²¹ AZEVEDO, *op. cit.*, p. 57.

²² PASSOS, *op. cit.*, p. 152

²³ GONÇALVES, *op. cit.*, p. 321.

²⁴ Gazeta de Notícia, 11/12/1927 *apud* GONÇALVES, 2001, p. 322.

²⁵ AZEVEDO, *op. cit.*, p. 59.

albuminado, no qual copiava retratos à luz do sol”²⁶, ao mesmo tempo que manteve contato com diferentes artistas, dentre eles, “Júlio Azevedo, meu irmão, Augusto Cabral, musicista, Herman Lima, que desenhava para o *Tico-Tico* o seu gozado João Balabrega e começava a escrever contos, e Raimundo Varão”²⁷.

Também em outros espaços de socialização de leitura e de compartilhamento de ideias o vate cearense marcava presença. No *Passeio Público*, por exemplo, a segregação espacial não limitava a organização das gentes do povo em torno da boa prosa. A praça, na qual, de um lado, ficava a avenida Caio Prado, onde se concentrava a elite e, de outro, a avenida Carapinima, onde se reuniam alguns medalhões da classe média, possuía, ainda, na avenida Padre Mororó, o espaço da ralé e de toda sorte de prostitutas, rufões e operários pobres que se reuniam em serões, conversas e serenatas²⁸. Era a Fortaleza do início do século, já desigual, mas com rachaduras por entre as quais penetravam aqueles que buscavam um lugar ao sol.

De igual modo, nas barbearias, o livro e a prosa também encontravam amigos. A de João Catundo, por exemplo, era lugar de destaque. Nela, “os fregueses se equilibravam em velhos bancos e se refletiam em espelhos mofados e carcomidos”, o que “não impedia de se criar, ali, verdadeira academia”²⁹. A simplicidade do lugar “com teto de estopa caiada, dava abrigo a uma colmeia de pintores, poetas e músicos”³⁰, que debatiam e discutiam os mais variados assuntos.

Na barbearia de Francisco Brilhante, cujo proprietário era também poeta, as leituras também circulavam no mesmo compasso da navalha. A respeito de Otacílio, comentou certa feita o barbeiro: “o senhor é um verdadeiro poeta, li o seu poema *Dentro do passado* [...]”³¹. Fato que ilustra como os textos circulavam com certa facilidade entre o povo trabalhador, que não lia apenas sobre assuntos de interesse geral, mas sobretudo liam uns aos outros.

²⁶ *Ibid.*, p. 219.

²⁷ *Ibid.*, p. 219. Na descrição de Otacílio de Azevedo, Varão era “alto, magro, perfil grego, sobrancelhas espessas e juntas, olhos fundos, com olheiras cor de azinhavre. O rosto, muito branco, era um mapa-múndi de veias azuladas. Não dava muito valor à higiene e, quando vestia uma camisa, esta acabava-se-lhe em tirar sobre o corpo. Debaxo dessa imundície, porém, batia um verdadeiro coração de poeta. Lia muito, na maioria das vezes literatura estrangeira. Lavava cuidadosamente as mãos para poder pegar nos seus livros – que eram, num gritante contraste, imaculadamente limpos, sem um risco, sem uma nódoa”. (AZEVEDO, 2012, p. 219).

²⁸ *Ibid.*, p. 66.

²⁹ *Ibid.*, p. 71.

³⁰ *Ibid.*, p. 71.

³¹ *Ibid.*, p. 60.

A respeito dessas figuras, são de relevo as contribuições de Gleudson Passos (2001):

Ali [na Fortaleza do início do XX] se destacaram barbeiros conhecidos pela vivacidade e poder de agraciar diferentes clientes, desde intelectuais renomados como o Barão de Studart até poetas estreados e anônimos, como tantos caixeiros, artistas e pequenos funcionários das repartições públicas. A maioria delas se localizou no entorno da Praça do Ferreira, centro da capital, como foram as seguintes: “Salão Izidro” (de Izidro Marçal), “Salão Cearense” (Teófilo Cordeiro), “Salão Viana”, “Barbearia Popular” (Raimundo Nonato Rodrigues) e as barbearias de Antônio Macieira, Antônio Israel, Fenelon Pereira Maia, João Cirino, Francisco Brilhante, José Piancó, Neném Grampão, Chico Budu, José de Sales, Morel, Deoclécio, dentre outras [...] Otacílio de Azevedo fez menção ao Chico Coruja, cujos “senadores, deputados, escritores, artistas sempre o procuravam na certeza de momentos de agradável e inteligente palestra”³².

Na Praça General Tibúrcio, atual Praça dos Leões, os amigos dos livros também se reuniam no calor da noite, conforme nos conta Gastão Justa³³: “à noitinha, após as cansaças do trabalho e do estudo, nos reuníamos ali, à Praça [...], em frente ao Palácio do Governo, para os comentários do dia. De preferência, falávamos sobre literatura, sobre nomes de autores nacionais e estrangeiros”³⁴. Batizado por Joaquim Alves³⁵ de “Jardim dos Tristes”, era assim chamado pois “ali se reuniam os tristes: namorados sem ventura e desocupados sem destino”³⁶.

O lugar social de convívio e de troca de ideias na Fortaleza descalça, como pode ser observado, era diverso. Para Gonçalves (2001), não se restringia ao ambiente de trabalho; se fazia com

as livrarias e suas tertúlias literárias, a conversa nos cafés, as rodas de discussão em volta da mesa do botequim, a ida ao mercado e às feiras do bairro regatear preços para esticar o salário, a conversa com um ou outro caixeiro mais letrado atrás do balcão, a conversa ao pé do balcão das bodegas, onde, do colorido desalinhado das prateleiras, saltava de tudo³⁷.

Ver amigos dos livros, portanto, entre o povo trabalhador, era lugar comum para Otacílio de Azevedo. Para isso, não precisava ir muito longe. Quase de frente a sua casa, por exemplo, “morava um marceneiro mulato que dava serenatas, tocava

³² PASSOS, *op. cit.*, p. 157.

³³ Gastão Justa foi redator de alguns periódicos cearenses, tendo fundado os jornais “Ceará Socialista” e “A Muralha”, e colaborado com a revista “Fon-Fon”, do Rio de Janeiro. Faleceu em Fortaleza, no dia 10 de dezembro de 1969. Ver em Academia Cearense de Letras: <https://academiacearensedelettras.org.br/membros/gastao-justa>

³⁴ Unitário, 27/07/1952 *apud* GONÇALVES, 2001, p. 318.

³⁵ Joaquim Alves (1894 – 1952) foi um escritor cearense com interesse nas temáticas de sociologia, pedagogia, história, geografia e crítica literária. Colaborou com jornais e revistas do sul do país. Integrou o grupo Clã. Ver em Instituto do Ceará: <https://www.institutodoceara.org.br/socio/joaquim-alves-de-oliveira/>

³⁶ GONÇALVES, *op. cit.*, p. 318.

³⁷ *Ibid.*, p. 294.

violão, fazia versos. Chamava-se Hemetério Cabrinha³⁸ [...]”. Juntos, trocavam “impressões e discutíamos nossas produções poéticas nem bem elas saíam, ainda mornas, das fornalhas do crânio”. Por estar ainda engatinhando na poesia, para ele, “Hemetério era um semideus, como Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia ou Cruz e Sousa. Tornou-se ele meu professor de métrica”³⁹.

Assim como Hemetério, Abraão de Carvalho foi, também, além de amigo de Otacílio, um amigo do livro, que possuía uma mercearia, onde hoje fica o Joaquim Távora. Azevedo o conheceu em 1915, quando se empregou como pintor na *Companhia de Bondes Ceará Tramway Light and Power*. Foi, de certo modo, “a pessoa que mais contribuiu para o meu progresso intelectual”. Era uma figura muito peculiar, que colecionava partituras de música – óperas, valsas vienenses, músicas populares [...]” e “lia muito. Todas as suas horas de folga eram dedicadas a esse mister. Muitas vezes, em meio a uma página luminosa de Alexandre Herculano, era obrigado a se levantar para vender no balcão cem réis de querosene”⁴⁰.

Toda essa movimentação intelectual frutiva e diletante, nos dizeres de Otacílio de Azevedo, começam a se estreitar conforme Fortaleza foi sonhando com os “primeiros calçados de pedra”⁴¹, isto é, quando começou a se modernizar. Nas palavras de Azevedo, a tecnologia, através “do aparecimento dos gramofones, vitrolas e, posteriormente, do rádio” fez desaparecer o clima boêmio e a tranquilidade da antiga Fortaleza descalça: “os violões ficaram abandonados, sem cordas; as flautas, caladas”⁴². Com a chegada do rádio, afirma o poeta, “acabaram os reisados, congados e fandangos”⁴³. O próprio “Cajueiro Botador”, símbolo da boa prosa e da tranquilidade, foi derrubado por ordem do então prefeito Godofredo Maciel, sob a desculpa da modernização da Praça do Ferreira⁴⁴.

Esse saudosismo é elaborado e poetizado em “Minha Fortaleza”, poema no qual o eu-lírico rememora os lugares e as festividades da época, ressalta sua

³⁸ Hemetério Cabrinha (1892 – 1959) nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 3 de março de 1892 e faleceu em Manaus, Amazonas, em 12 de fevereiro de 1959. Poeta filiado ao Espiritismo, de formação romântica e parnasiana, trabalhava como carpinteiro. Estreou com o poemeto *Satã* (1922) e depois publicou *Vereda Iluminada* (1932) e *O Cristo do Corcovado* (1952). Ver **Poesia e poetas do Amazonas**. Organizadores: Tenório Telles; Marcos Frederico Krüger. Manaus: Valer, 2006.

³⁹ AZEVEDO, *op. cit.*, p. 148.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 67.

⁴¹ *Ibid.*, p. 43.

⁴² *Ibid.*, p. 70.

⁴³ *Ibid.*, p. 78.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 43.

simplicidade e destaca seu fazer literário nos primeiros momentos de sua vida na capital do estado.

Ainda contemplo, ó linda Fortaleza,
nos sorrisos de sol que, ora, desatas,
a antiga Canaã num sonho presa
ao choro dos violões nas serenatas...

Calçadas desiguais... A tela acesa
do Cinema Di Maio e me retratas
a minha mocidade de tristeza
quando andavas, outrora, de alpercatas.

Fortaleza dos Congos, dos Reisados,
e do Bumba-Meu-Boi, Gatos Pingados,
dos verdadeiros poetas sonhadores...

E, onde, cabelos a revoar, dispersos,
eu escrevia os meus primeiros versos,
ao rosário de luz dos combustores.⁴⁵

Ainda nessa esteira, é de autoria do poeta o poema “Bem que eu tenho saudade”. Diferente do último – um soneto escrito em decassílabos –, neste podemos ver alexandrinos e versos bárbaros. Numa espécie de poema-síntese de tudo que vimos aqui tratando, Otacílio de Azevedo faz, nesse longo poema, um passeio pelas paredes da memória, desenhando quadros das pessoas, dos lugares, dos objetos e dos eventos da Fortaleza dos tempos idos. As rimas são ricas, e os versos, longos, como quem procura esticar o pensamento ou ainda passar a limpo toda uma vida.

Bem que eu tenho saudade! Uma saudade enorme
de um passado feliz que no meu peito dorme
diante do qual minha alma, extática, de joelhos,
chora a lembrança ideal de ígneos lábios vermelhos
que me sorriram e me ficaram ao pensamento
como dois astros a brilhar no firmamento...
Bem que eu tenho saudade, e em lágrimas recorde
a casa em que passei a infância, no rebordo
da antiga Redenção, quando era pequenino
e era da vizinhança o mais belo menino...
Lembro a velha Clariana e a Raimunda pretinha,
e a turma original dos amigos que eu tinha:
– os três filhos de Horácio. O velho engenho... O fumo
da negra chaminé, rumando espaço e prumo.
Que é do comboio que me trouxe dos sertões,
e a carga colossal de minhas ilusões?
E o cinema Di Maio, ainda me lembro e vejo
acompanhado por sinfrônio realejo...

⁴⁵ AZEVEDO, O. “Minha Fortaleza”. In: **Trigo sem joio**. Fortaleza: sem editora, 1986, p. 185.

A caixa d'água, o catavento, os quatro quiosques,
os pequenos jardins, quais minúsculos bosques,
cheios de estátuas e de flores? E a mangueira
que ensombrava o *meu* banco à Praça do Ferreira?
E o cassino, o Art-Nouveau, o Riche, o Politeama,
veja-os como através de estanho cosmorama...
E o cajueiro, cujo tronco varonil
era um falso "placard" no Primeiro de Abril?
E ainda o frade de pedra, ampla argola embutida
onde amarravam os cavalos na avenida?
Tudo, tudo revejo e esquecê-los quem há-de
se em cada coração há uma eterna saudade!
E o Amerikankinema? o Júlio Pinto, o Rio
Branco foram depois o luminoso trio
de ouro onde sempre eu tive uma segunda classe.
Ah! Se em vez de escrever minha pena falasse
de Tom Mix, de Harold, e Chaplin, Tontolino,
Max-Linder, Theda Bara, e depois, Valentino?
E as orquestras? Ao piano, o velho Pilombeta,
o Sindulfo, o Gondim tocando uma opereta
para um filme de amor, cujo enredo pudico
era o assunto melhor às irmãs Teodorico...
Ah! e o Ramos Cotoco, o A. Roiz, Gerson Faria,
William Peter, João Catunda e a barbearia
– tudo o tempo levou aos trambolhões, de rastro,
Gil Amora, Goiana, e o Genuíno de Castro...
E o bom Carlos Gondim, e o Mário da Silveira
em que céus andarão na luminosa esteira?
E as noites que lá vão, inesquecíveis, gratas,
quando os violões se ouvia as belas serenatas
sob a poeira de luz de um nível luar de argento,
quem as retirará de nosso pensamento?
Aqueles tempos, sim, de alma ansiosa e irrequieta
vibrava em cada peito um coração de poeta,
cada poeta um cantor, da saudade irmão gêmeo
e além de poeta e de cantor, músico e boêmio!
E quem há-de esquecer o que se foi... Quem há de?
Bem que eu choro... e que tenho uma imensa saudade!⁴⁶

Foi sobre o chão dessas duas Fortalezas – a descalça e a que começava a se calçar – que Otacílio de Azevedo foi se formando e se firmando poeta. Para isso, contou com o afago e as conversas com os amigos, nos postos de trabalho que ocupou, nas livrarias, nos bancos das praças, nos cafés que frequentava, nas barbearias, nas farmácias, nas bodegas e nas filas dos cinematógrafos. Para essa finalidade, teve como amigos fiéis os companheiros que encontrou ao longo dos anos e os jornais e os livros, os quais jamais o abandonariam.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 187.

Nessa história da leitura e da escrita de Otacílio de Azevedo que aqui propomos, permeada pelo lugar na qual estão inscritas, buscaremos refletir sobre sua formação enquanto intelectual e trabalhador-escritor, que, pelas margens, mas sempre acompanhado de muitas mãos, realizou o sonho operário de assumir as rédeas da própria história.

Com seu exemplo notável de autodidatismo, analisaremos, nessa dissertação, as relações entre trabalho e escrita, as quais, segundo nossa hipótese, podem ser investigadas a partir de, pelo menos, duas perspectivas de análise: a do escritor-trabalhador e a do trabalhador-escritor. Na primeira delas, consideramos o próprio ato de escrever um gesto habitual de trabalho, no qual aquele que escreve é, também, um trabalhador, ou, nas palavras de Ana Miranda, um “operário do verbo”⁴⁷. Nesse caso, considera-se o ofício de escrever um labor, independente de outra formação profissional de quem o faça. Na segunda abordagem, consideramos o trabalhador – o operário tradicional – como, também, escritor, isto é, um trabalhador-escritor. Nesse último viés, o trabalho não é, *a priori*, como naquele caso, a atividade escrita, mas a ocupação em qualquer atividade laboriosa remunerada, sendo o ato de escrever, portanto, senão uma atividade secundária, pelo menos concomitante⁴⁸. No primeiro caso, a escrita vem primeiro; no segundo, a escrita, em geral, vem depois.

Nessa segunda abordagem, à que nos determos nesta pesquisa, encontramos uma significativa tradição de experiências de leitura e de escrita realizadas por trabalhadores no mundo do trabalho. São relatos, depoimentos, diários, entrevistas, autobiografias, inventários, registros em bibliotecas, marcas de leitura e narrativas ficcionais, dentre outros gêneros, que dão conta da coexistência do universo letrado no universo do trabalho, em oposição ao estereótipo, difundido a larga escala e já naturalizado, de que trabalhador não escreve e trabalhador não lê. São histórias que contam do longo esforço da classe trabalhadora em se manter historicamente organizada e consciente de sua classe, contra todos os esforços do

⁴⁷ MIRANDA, Ana. “O trabalho criativo”. In: Os trabalhadores na literatura brasileira. **Revista Sinpro-Rio** / Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. – no 04 (set. 2009). – Rio de Janeiro: Sinpro-Rio, 2009, p. 8. Distribuição gratuita.

⁴⁸ Trataremos, nesta pesquisa, do trabalhador-escritor, isto é, daqueles que “[...] vivem como operários e não como escritores. Isso faz deles não escritores operários, mas operários que escrevem. A maior dificuldade que enfrentam é encontrar tempo para ler e escrever, o que os torna operários incomuns. A dupla atividade representa uma fadiga suplementar para esses trabalhadores. É preciso grande vontade, porém os esforços sobre-humanos acarretam consequências trágicas” (COOPER-RICHET, 2013, p. 115).

poder dominante que a quer subjugada. A arma escolhida para essa rebeldia encontra-se no objeto-livro e em suas apropriações, na forma de leitura, falada ou ouvida, e também na forma de escrita.

Nesse sentido, a partir de um estudo da historiografia literária brasileira, latina e Ocidental, de modo geral, buscaremos analisar os vários episódios não isolados nos quais os trabalhadores têm se organizado em torno do impresso, da leitura e do livro, ora lendo, ora escrevendo, ora discutindo. Nessa empreitada, voltaremos nossos olhos para os relatos de charuteiros cubanos do século XIX que dividiam o tempo entre enrolar charutos e fazer leituras em voz alta; dos sapateiros que engraxavam sapatos enquanto debatiam questões políticas; das catadoras de papel que liam, compunham e escreviam; das prostitutas que tomavam notas da jornada informal de trabalho em seus diários; dos pescadores, caixeiros, trabalhadoras do lar, artesãos, lojistas, comerciantes, entre outros, cuja instrução sempre esteve associada ao trabalho, muitas vezes, através da extensão dessa jornada.

Sob essa perspectiva, esta dissertação surge com o objetivo de analisar, a partir das experiências de instrução, leitura e escrita no mundo do trabalho, a produção literária de um desses trabalhadores populares: o cearense Otacílio de Azevedo. Nascido em fins do século XIX, o poeta e cronista popular e autodidata, sem nunca ter ocupado os bancos escolares, escreveu boa parte de sua produção literária enquanto dedicava-se, desde a tenra idade, às mais diversas ocupações: funileiro, caixeiro, copiador de retratos, pintor de placas e paredes, de letreiros de loja e tabuletas de cinema, fotógrafo, porteiro e operador de cinema e, ao mesmo tempo, artista plástico e poeta.

A partir dessas circunstâncias, buscaremos investigar como a questão e a representação do trabalho e do trabalhador aparece imbricada na poesia de Otacílio de Azevedo, isto é, como ele elabora as questões do mundo do trabalho na composição de seus versos. Para isso, faremos uma leitura atenta e analítica da sua autobiografia em versos *Musa Risonha*, de 1920, bem como de outros poemas complementares. Além disso, também recorreremos ao livro de crônicas e reminiscências *Fortaleza Descalça* (2012), buscando informações complementares do contexto da época e da biografia do autor que nos ajudem, eventualmente, a ler sua obra⁴⁹.

⁴⁹ Muitos teóricos da literatura defendem a independência do autor em relação à sua obra e desta em relação a seu autor. Não discordamos. Nem sempre, para se compreender as várias camadas de um

O que se busca, com essa discussão, é tomar Otacílio de Azevedo como fruto de sua geração e do seu tempo, isto é, como alguém que é resultado de um trabalho de cultivo da palavra que o antecedeu e que, a partir disso, cresceu e semeou novos frutos. Nesse sentido, para confirmar este nosso argumento, dispomos esta dissertação em cinco capítulos estruturados na forma de árvore, ou seja, com raiz, caule, flor, fruto e semente⁵⁰.

No capítulo “Raíz”, mostraremos como o exemplo de Otacílio de Azevedo não é caso isolado na História, pelo contrário, possui raízes no passado. Por esse motivo, faremos nesse momento da pesquisa um apanhado histórico-crítico das experiências de leitura e de escrita operária ao longo dos séculos. Inicialmente, partiremos dos relatos concernentes à Europa, para os quais são importantes as contribuições e formulações de Roger Chartier (1999), Diana Cooper-Richet (2013), Edward Thompson (1987), Jacques Rancière (1988), Eric Hobsbawm (2015), dentre outros.

Em seguida, nos voltaremos às reflexões de Alberto Manguel sobre algumas dessas experiências na América Latina. Mais à frente, para pensarmos sobre o caso brasileiro, nos debruçaremos sobre o ler e o escrever desde a mão de obra escravizada, a partir das reflexões de Atilio Bergamini (2017). Além disso, pensaremos, com base em Adelaide Gonçalves (2021), os casos dos trabalhadores-escritores e leitores cearenses que rejeitaram a condição de apêndices das máquinas nos séculos XIX e XX.

Ainda nesse capítulo, discutiremos a ausência e a urgência de se pensar uma historiografia operária brasileira que dê conta de mapear e analisar os casos dos trabalhadores populares que escreveram e publicaram livros no Brasil. Para isso,

texto, faz-se necessário recorrer ao que é externo a ele. Contudo, no caso de nossa pesquisa, em virtude de a principal obra analisada, *Musa Risonha* (1920), ser uma autobiografia, julgamos relevante considerar outros textos – os crônísticos do autor, por exemplo, mas também os historiográficos – a fim de ampliar o nosso horizonte de leitura. Ver a esse respeito o ensaio “Uma aldeia falsa” (*in*: Na sala de aula, 1998), de Antonio Candido. Neste trabalho, depois de fazer uma análise formal da lira 77 de Tomás Antonio Gonzaga, esmiuçando a linguagem, as imagens, a sonoridade, os versos e estrofes, a tessitura do poema, enfim, Antonio Candido lança mão de aspectos biográficos do autor, sem os quais, segundo ele, “a lira seria diferente, embora sendo a mesma”, isto é, “a estrutura e a organização seriam as mesmas, mas o significado seria diferente em boa parte” (p. 33). Isso porque “só sabendo que [a lira] é de Gonzaga, e conhecendo as circunstâncias biográficas em que foi composta, ela adquire significado pleno e, portanto, exerce pleno efeito. O conhecimento da estrutura não basta” (p. 33).

⁵⁰ Como sabemos, a raiz é a base de toda árvore e tem como função puxar da terra a água e os nutrientes para a planta. O caule é o que deixa a planta de pé. Seu trabalho consiste em levar os nutrientes que a raiz sugou para toda a planta. O fruto, por sua vez, é o resultado desse processo. Uma das suas funções é proteger as sementes. Já as sementes, que ficam dentro dos frutos, têm como função dar origem a uma nova planta.

analisaremos o caso do Sapateiro Silva, contrastando-o com os manuais de história e historiografia literária e de crítica escritos por José Veríssimo (1998), Alfredo Bosi (2015), Antonio Candido (2014) e Roberto Schwarz (1983). Além disso, debateremos a questão da disputa pela voz, analisando por que e como, historicamente, esses trabalhadores-escritores buscaram falar em nome de si mesmo em oposição à larga tradição de serem representados por uma elite letrada. A esse respeito, recorreremos aos pressupostos de Regina Dalcastagnè (2005; 2007; 2012), Inês Signorini (1999), Sergius Gonzaga (1981), João Cezar de Castro Rocha (2006) e Luís Bueno (2012), dentre outros.

No capítulo “Caule”, afunilando nossa pesquisa, faremos um apanhado histórico-crítico do contexto de Fortaleza dos fins do século XIX ao início do século XX, mostrando como ele foi importante para o surgimento e a “sustentação” de Otacílio de Azevedo. Primeiramente, faremos uma abordagem a respeito da circulação dos impressos na capital, isto é, analisaremos como tipógrafos, livreiros e comerciantes do livro se mobilizaram para fazer chegar ao leitor cearense jornais, revistas, suplementos e livros lançados e traduzidos na última hora tanto nas outras províncias como no além-mar, no século XIX.

Em seguida, discutiremos a situação da educação no estado naquele período, a partir da análise da situação dos bancos escolares, dos níveis de educação, do papel do estado e das organizações independentes que se mobilizaram em prol da educação da classe trabalhadora. Por fim, dedicaremos um espaço a tratar da imprensa operária e de seu esforço em prol do lema “trabalho e educação”, a partir dos modos e espaços de circulação das leituras operárias, de sua articulação na fundação de escolas, bibliotecas e imprensa próprias e de seus modos de subversão por meio da escrita literária. Para isso, partiremos, respectivamente, das contribuições de Gleudson Passos (2001), Ozângela Silva (2011) e Adelaide Gonçalves (2001).

No capítulo “Fruto”, abordaremos como essa movimentação em torno do livro e do impresso, explicitada e discutida no capítulo “Caule”, abriu espaço para o surgimento de Otacílio de Azevedo na literatura cearense. A partir dessa abertura, faremos um passeio pela trajetória do autor, desde sua chegada a Fortaleza até seu primeiro aparecimento na imprensa como poeta, passando pelo contato com outros nomes da literatura cearense, os quais o acompanharão nas rodas de conversa, nas

tertúlias literárias, nos cafés, nos postos de trabalhos e em outros espaços de circulação do impresso e do livro na capital.

Ainda nesse capítulo, discutiremos alguns textos críticos que questionam o engajamento ou não do poeta em virtude de sua origem pobre: seria Otacílio de Azevedo um poeta alienado? Além disso, analisaremos o *corpus* de nossa pesquisa: o livro autobiográfico *Musa Risonha*, publicado em 1920, pela Tipografia Moraes⁵¹, investigando como o poeta tematiza e elabora literariamente as questões implicadas no fato de ser um trabalhador-escritor. Por fim, abordaremos como se deu a formação desse trabalhador-escritor como artista e intelectual, apesar das intempéries.

No capítulo “Semente”, mostraremos como o exemplo de Otacílio de Azevedo, embora geograficamente isolado, possibilitou que, historicamente, outros nomes surgissem após o seu – dado que a história não é um fenômeno isolado. Nessa perspectiva, a partir de dois exemplos, ilustraremos como têm se autorrepresentado algumas das novas vozes de trabalhadores-escritores que têm surgido na literatura brasileira contemporânea, a fim de apontar como essa questão e essa realidade não estão encerradas. Pelo contrário, em muito se assemelham a dos casos aqui analisados, dentre eles, o de Otacílio de Azevedo.

A partir da disposição e da discussão desses capítulos, buscaremos formular uma história da leitura e da escrita autodidata de Otacílio de Azevedo, colocando-a, também, em perspectiva com os movimentos literários ocorridos no Ceará, os quais, de algum modo, possibilitaram o surgimento do autor estudado na cena local, no sentido de criarem um espaço de circulação do impresso, com autor-leitor-obra.

Entre esses movimentos, destacam-se a *Fênix Caixeiral*, inaugurada em 1870, a *Academia Francesa*, de 1872, o *Gabinete Cearense de Leitura*, o *Centro Literário*, a *Academia Cearense de Letras* e também a *Padaria Espiritual*. São movimentos literários que nos contam da movimentação na capital cearense em torno da palavra falada e impressa, através da qual se buscava colocar o estado na mesma esteira das outras províncias brasileiras, destacando o potencial criativo, literário e político do lugar.

No que concerne ao cunho desta pesquisa, além de um trabalho de natureza literária, histórica e sociológica, podemos classificá-lo também como de natureza

⁵¹ A edição que utilizaremos, contudo, é a presente na coletânea *Trigo sem joio*. Fortaleza: sem editora, 1986, organizada pelo filho do autor, Sânzio de Azevedo.

metalinguística, na medida em que o objeto pesquisado e o sujeito pesquisador, guardadas as devidas proporções, compartilham uma matéria em comum: o fato de sermos ambos, Otacílio de Azevedo e eu, dois trabalhadores-escritores, que, durante a lida, precisamos driblar o tempo do trabalho – o qual, muitas vezes, deveria ser de descanso – em prol da instrução e da fruição.

São horas de leitura nos intermináveis ônibus, muitas vezes em pé, a caminho do trabalho, além dos outros tantos minutos surrupitados da hora do almoço para manter a leitura em dia; são notas tomadas no turno da noite, quando o corpo deveria descansar para o dia seguinte de mais trabalho; são finais de semanas, que também deveriam ser de descanso do corpo, da mente e do cultivo do amor, dedicados à escrita deste texto. Momentos, portanto, de intenso cansaço, de um recorrente “abrir mão”, mas que, por outro lado, pela natureza mesma desta pesquisa, nos faziam rememorar os nomes daqueles trabalhadores lidos ali na hora mesma do trabalho, com suas histórias de rebeldia, por trás dos balcões, escondidos dos patrões, em meio ao chão de fábrica, em prol do letramento, da instrução e da escrita literária.

Nesse sentido, escrever esta dissertação é também um dar-se conta de que não se escreve um texto, dessa natureza, sozinho. São necessárias muitas mãos: desde aquelas que nos trouxeram os textos e livros a que tivemos acesso, nas pessoas dos pesquisadores, editores, livreiros, bibliotecários, diagramadores, revisores, tradutores, àqueles que nos fizeram chegar até este momento, no que diz respeito à nossa formação enquanto profissional e indivíduo, na figura de professores, familiares, amores, alunos, colegas de trabalho e amigos.

Por esse motivo, esta pesquisa é, também, uma espécie de homenagem àqueles que escreveram seus poemas, contos e crônicas em meio à labuta; àqueles que mediaram muitas dessas leituras, através do empréstimo de livros e da abertura de suas bibliotecas particulares aos trabalhadores desafortunados, mas também àqueles trabalhadores que, por razões diversas, não conseguiram se apropriar das ferramentas necessárias à escrita e à leitura.

2. A RAÍZ

2. 1 “É nunca fazer nada que o mestre mandar... Sempre desobedecer, nunca reverenciar”

Nesta dissertação, tomamos Otacilio de Azevedo como exemplo notável de trabalhador-escritor que escreveu literatura *apesar* do trabalho e das dificuldades materiais. Neste tópico, abordaremos como o autor não é um caso isolado, visto que, nos últimos quinhentos anos, há exemplos de trabalhadores-escritores, no Ceará, no Brasil e no mundo, que se organizaram em torno da palavra, seja ela falada, seja ela escrita.

Esses exemplos, que compõem vestígios de uma história da leitura e da escrita da classe trabalhadora, mostram que o livro não era e não é um objeto nem a leitura um ato alheios ao meio popular, na medida em que casos como esses podem ser encontrados, por exemplo, desde o período da Renascença, conforme levantamento de Chartier (1999) em inventários desse período.

Caso notáveis são os de Amiens, na França, no período compreendido entre 1503 e 1576, onde se verificou a presença do livro no inventário de 11% dos comerciantes e artesãos falecidos. Também em Canterbury, na Inglaterra, entre 1620 e 1640, onde se percebeu que o livro também estava presente no inventário de 45% dos artesãos do vestuário; no de 36% dos operários da construção e em 31% no dos trabalhadores que moram na cidade. Isso sem mencionar “os livros que os leitores não possuíam, mas tomaram emprestados, leram na casa de outra pessoa ou ouviram ler”⁵², apropriações, portanto, que os registros formais – inventariados, por exemplo – não dão conta.

Mais à frente, no século XVII, a historiadora Diana Cooper-Richet toma nota da existência do marceneiro-poeta Adam Billaut (1602-1662), que escrevia poemas em Nièvre, na França, e cujas obras só não desapareceram devido à sua reedição no século XIX, em 1806. Além deste, a autora destaca, entre outros talentos operários, o pasteleiro Ragueneau, o marceneiro Réault, o esmaltador Jean Grillet e o pedreiro Alexandre⁵³, poetas-operários que, ao lado de poetas-tapeceiros,

⁵² CHARTIER, Roger. “Leituras e leitores ‘populares’ da Renascença ao período clássico”. In: CAVALLLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**, v. 02. São Paulo, Ática, 1999, p. 118

⁵³ COOPER-RICHET, Diana. **Classe operária e literatura**: ensaio sobre as representações e os fenômenos de aculturação. Trad. Francisco de Fátima da Silva. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013, p. 104.

marceneiros, serralheiros, cabeleireiros, vidraceiros, tipógrafos, tanoeiros, porteiros e ferroviários, pertenciam ainda ao mundo do trabalho artesanal, antes de serem devorados pelas máquinas da revolução industrial⁵⁴, fato que esfacelou, na Europa, os raros encontros dos trabalhadores com a palavra.

Thompson (1987), por sua vez, registra as vilas e aldeias que, no primeiro meado do século XIX, ressoavam “com a energia dos autodidatas”: diaristas, artesãos, lojistas, escreventes e mestres-escolas que “punham-se a aprender por conta própria, individualmente ou em grupos”⁵⁵. No início desse século, reitera Thompson, “cerca de dois em cada três operários conseguiam ler de alguma forma, embora fossem menos os que sabiam escrever”⁵⁶. No caso desses últimos, o fato de não saberem escrever não era exatamente uma barreira para que “[...] deixassem de ir todas as semanas a um bar onde lia-se em voz alta e discutia-se o editorial de [William] Cobbett”⁵⁷. É, também, justamente durante esse século que o fenômeno da escrita operária toma impulso, de início com os trabalhadores dos ateliês, isto é, dos artesãos qualificados, antes de conquistar os operários da indústria, quando esta se desenvolverá em grande escala”⁵⁸.

Rancière (1988), de outra forma, investiga, através de cartas pessoais, artigos publicados em jornais de trabalhadores e relatórios, os casos de centenas de proletários que, por volta de 1830, durante “noites de estudo e embriaguez”, prolongavam suas jornadas de trabalho “para ouvir a palavra dos apóstolos ou a lição dos instrutores do povo, para aprender sonhar, discutir ou escrever”. Dessas noites, surgiram poetas, músicos e políticos que, contra o curso natural das coisas, decidiram suspender a “ancestral hierarquia que subordina os que se dedicam a trabalhar com as próprias mãos” para os “que foram contemplados com o privilégio do pensamento”⁵⁹.

Caso também notável dessa resistência é a dos sapateiros ingleses e franceses do segundo meado do século XVIII e início do século XIX. Admirados pelas opiniões independentes e caracterizados pela reputação de radicais, quem dizia sapateiro frequentemente estava querendo dizer jornalista, verzejador,

⁵⁴ *Ibid.*, p. 105.

⁵⁵ THOMPSON, Edward P. Consciência de classe. *In: A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores* (vol. III). tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 304..

⁵⁶ *Ibid.*, p. 304.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 305.

⁵⁸ COOPER-RICHET, *op. cit.*, p. 104.

⁵⁹ RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**. Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 10.

pregador, conferencista, escritor, editor etc⁶⁰. A razão para a inclinação intelectual dessa categoria pode ser entendida tanto pelo fato de “o ofício ser sedentário e pouco exigente do ponto de vista físico [...], o que pode ter fornecido um incentivo para a aquisição de outros tipos de prestígio”⁶¹, além de permitir “o pensamento e a discussão durante sua execução”⁶², quanto pelo trabalho muitas vezes itinerante, que levava os sapateiros a estarem em constante deslocamento, de modo que “não faltava ocasião para discutir os problemas do ofício, as notícias do dia, e para a difusão da informação em geral”⁶³.

À essa loquacidade, somava-se também a relação desses sapateiros com a escrita. São importantes os nomes de Thomas Holcroft, dramaturgo e jacobino inglês que foi também sapateiro; Friedrich Sander, fundador do Sindicato dos Trabalhadores de Viena, em 1848, que também escrevia poemas; Jean Grave, sapateiro, gráfico e editor de uma revista artístico-literária, assim como o do sapateiro radical John Brown que, em sua autobiografia, comenta que “as pessoas que gozam das vantagens de uma educação intelectual mais refinada dificilmente imaginariam o volume de conhecimento e de cultura livresca que pode ser encontrado entre os membros do meu vulnerável ofício”⁶⁴.

Ainda na Inglaterra, há registros do árduo esforço de trabalhadores para se manterem instruídos, como é o caso, dentre outros, de um mecânico de Yorkshire chamado Thomas Wood, que:

alugava, quando tinha 16 anos, um jornal velho de sete dias a uma taxa de um penny por semana e o lia perto da lareira por não ter dinheiro para comprar velas. [...] Winifred Foley, governanta, foi agredida por sua patroa nonagenária por ler *A cabana do pai Tomás*. Maxim Gorky, que não tinha recebido educação formal, continuou suas leituras, apesar de trabalhar 14 horas por dia em uma padaria da cidade de Kazan, em 1887 – um dos locais que ele chamou com ironia de “minhas universidades”⁶⁵.

Na Alemanha do fim do século XIX e início do XX, por sua vez, o acesso dos trabalhadores aos livros e à leitura dá-se, significativamente, por meio das bibliotecas de fábricas, criadas para afastar os operários “da bebida e da literatura

⁶⁰ HOBBSAWN, Eric. Sapateiros politizados. In: **Mundos do trabalho**. 6° Ed. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 152.

⁶¹ *Ibid.*, p. 160.

⁶² *Ibid.*, p. 162.

⁶³ *Ibid.*, p. 158.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 155.

⁶⁵ LYONS, Martyn. **As classes operárias**: leituras impostas, leituras secretas. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. História da leitura no mundo ocidental, v. 02. São Paulo, Ática, 1999, p. 191.

perigosa, tendente para o socialismo, a superstição excessiva ou a obscenidade”, bem como para suavizar as tensões sociais, através de livros utilitários e moralizantes⁶⁶.

Em Duisburg-Meiderich, por exemplo, na seção de livros da Usina de Aço do Reno, “a proporção de trabalhadores registrados como leitores subiu de 17% em 1908 para 47% em 1911. [...]”. Em Essen, a biblioteca da Companhia Krupp (considerada uma das maiores bibliotecas circulantes do país) possuía por volta de 61.000 volumes, os quais eram tomados emprestados por pelo menos 50% da sua força de trabalho.

Fora das instituições, muitas dessas leituras, na realidade europeia, só foram possíveis devido ao trabalho de alguns livreiros-editores que buscaram popularizar a circulação das obras para os menos abastados, entre eles artesãos, lojistas e pequenos comerciantes, através da invenção de um mercado popular, que pressupunha “uma fórmula editorial que baixe os custos de fabricação e, portanto, o preço de venda; a distribuição dos impressos pelos vendedores ambulantes [...]; a escolha de textos e gêneros capazes de reter o maior número possível de leitores e, entre eles, os mais desprovidos”⁶⁷.

A atitude surtia efeito e a prática da leitura – ouvida ou falada – criava um público amplo de leitores do meio popular, o que incluía “tanto os mal alfabetizados como os analfabetos”⁶⁸. Aliás, conforme mencionamos anteriormente,

o alto grau de analfabetismo não constituía em princípio um obstáculo para a existência de um público muito numeroso: bastava que em uma família ou em uma comunidade houvesse uma pessoa que soubesse ler para que, virtualmente, qualquer texto chegasse a ser desfrutado por muitos⁶⁹.

Além disso, o que também permitiu essa acessibilidade aos textos foi a popularização da imprensa. Nessa hora, as camadas populares passaram a, de um lado, acessar os jornais – isso o fez para além dos noticiários, debruçando-se, por exemplo, com um gênero que surgia na nota de rodapé: o *folhetim*, cuja forma fatiada em capítulos que saíam dia a dia criava um público curioso e, por isso mesmo, fixo, que precisava comprar o jornal do dia seguinte para saber o desfecho

⁶⁶ *Ibid.*, p. 189. Chama a atenção, nesse caso, aquilo que vínhamos argumentando, com base em Chartier (1999), sobre apropriação da leitura. O modo como os trabalhadores se apropriam dos livros nas bibliotecas da referida fábrica é diametralmente oposto àquele pensado pelos seus idealizadores.

⁶⁷ CHARTIER, *op. cit.*, p. 120.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 124..

⁶⁹ *Ibid.*, p. 125.

da história⁷⁰ – e, de outro, a produzir os próprios jornais, muitas vezes impressos em poucas páginas, em tipografias artesanais, com tiragem pequena e, em geral, de vida curta, mas sempre a propagar o sonho e os ideais dos operários.

Na América Latina, por outro lado, precisamente em Cuba, na segunda metade do século XIX, quando o país enfrentava saturação do mercado americano, desemprego crescente e crescimento da cólera, o charuteiro e poeta Saturnino Martinez criou o jornal *La Aurora*, destinado aos trabalhadores da indústria do charuto. O analfabetismo, contudo, apresentava-se como uma barreira à popularização do periódico, o que motivou as práticas de leituras públicas voltadas aos operários.

Nessa ocasião, um dos operários, pago através de uma cota dos trabalhadores, assumia o papel do *lector*, responsável por fazer leituras que “iam de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia clássica e moderna”⁷¹. Para os charuteiros da fábrica *El Fígaro*, “ouvir alguém lendo para eles [...] permitia-lhes revestir a atividade de emendar as folhas escuras do tabaco – atividade mecânica e entorpecedora da mente – com aventuras a seguir, dicas a levar em consideração, reflexão das quais se apropriar”⁷².

No Brasil colonial, quando não havia ainda a formação de uma classe trabalhadora, senão uma massa de indivíduos cujas liberdades foram expropriadas para servir de mão de obra escravizada, há registros, através de pelo menos 239 anúncios, publicados pelo *Jornal do Comércio*, de 1830 a 1888, de escravizados fugidos que sabiam ler e escrever, e pelo menos 65 anúncios de aluguel ou venda desses indivíduos com as mesmas “qualidades”. No *Diário de Pernambuco*, entre 1825 e 1888, mais ou menos 100 anúncios contam também dos escravos com essas habilidades, conforme levantamento feito por Bergamini (2017) nesses dois periódicos brasileiros⁷³.

Além destes escravos fugidos, destacam-se caixeiros e feitores que se ofereciam para trabalhar usando a mesma designação de que “sabiam ler, escrever

⁷⁰ Essa prática de comprar e ler esses folhetins, conduzida sobretudo pelas mulheres, que eram grandes leitoras desse tipo de literatura, levava-as a recortar e juntar esses capítulos, “a fim de compor verdadeiros livros que elas conservam e que irão formar, na segunda metade do século XIX, com os manuais escolares, a base da biblioteca das famílias mais humildes” (CHARTIER, 2003, p. 125).

⁷¹ MANGUEL, Alberto. A leitura ouvida. In: **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 135.

⁷² *Ibid.*, p. 136.

⁷³ BERGAMINI, Atilio. **Escravos: leitura, escrita e liberdade**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, p.115-136, 2017.

e contar”, e administradores, barbeiros, comerciantes, guarda-livros, sangradores e tropeiros ligados à prática da escrita e da leitura. Entre as ocupações desses rebeldes, temos

advogados, alfaiates, barbeiros, boleiros e cocheiros, caldeiros, calafates, carregadores de café, carpinteiros, chapeiros, charuteiros, copeiros, cozinheiros, empalhadores, ferradores, ferreiros, lustradores, maquinistas, marceneiros, mucamas, músicos, oficiais de propiagem, ourives, pajens, padeiros, pedreiros, pintores, sapateiros, tipógrafos⁷⁴.

No Brasil moderno, Carolina Maria de Jesus é o nome que se destaca entre as trabalhadoras que se relacionaram diretamente com a leitura e a escrita. Nascida no interior de Minas Gerais, a poeta passa por uma longa peregrinação, de casa em casa, como trabalhadora doméstica, chegando a morar na rua, até finalmente alojar-se na capital São Paulo, lugar que lhe prometia trabalho, dinheiro e felicidade. Chegando lá, porém, Carolina depara-se com um grande salão de visitas cujo espaço que lhe sobrava era o quarto de despejo, no caso, a favela do Canindé, onde construíra por conta própria seu barraco. Ali, diante da falta de emprego, Carolina começa a trabalhar na coleta de papel. A partir desse material que recolhe, começa a escrever poemas, contos, novelas, peças de teatro e romances.

Em 1960, com o apoio do jornalista Audálio Dantas, publica seu primeiro livro *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, que bate recorde de vendas, superando escritores como Clarice Lispector e Jorge Amado. Em uma das entradas do diário, do dia 21 de julho de 1955, ela registra sua relação com os livros e a escrita:

[...] Passei o resto da tarde escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei a comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem (JESUS, 2005, p. 22).

Com Carolina de Jesus, empregadas domésticas, pescadores, cozinheiras, prostitutas e sambistas, além de toda uma tradição de escritores negros e periféricos, como Conceição Evaristo, Ferréz, Paulo Lins, Sérgio Vaz, dentre outros, dão continuidade ao trabalho iniciado por ela, a saber, o de falar em nome de si mesmo. Não que antes dela não houvesse outros nomes – a vasta lista que aqui introduzimos confirma a existência de inúmeros – mas é a partir de Carolina que temos, no campo da literatura operária no Brasil, uma continuidade literária, entendida por Antonio Candido como

⁷⁴ *Ibid.*, p. 7.

uma espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar⁷⁵.

A esse respeito, Penteado (2016) analisa como Carolina Maria de Jesus foi, para a história da literatura, mais do que um acontecimento isolado como se querem pensar alguns críticos, visto que, depois dela, outros tantos escritores pobres e periféricos como ela se lançaram no mundo das letras, dentre os quais destacam-se as experiências das trabalhadoras domésticas Zeli de Oliveira Barbosa, que escreveu um livro de memórias – *Ilhota: testemunho de uma vida* – sobre o período em que viveu na favela de Ilhota/RS, na década de 60; Dora de Oliveira, que publicou, em 1970, *Confissões de uma doméstica*; e Francisca Souza da Silva que, na década de 1980, trouxe a lume *Ai de vós!*: diário de uma doméstica, apoiada pela mulher para qual trabalhava; além de Francisca, Herzer, Lins, Vaz, Esmeralda, Buzo, Jocenir, Mendes, Laura e Ferréz e outros tantos de uma ramificação, um galho de uma árvore nascido a partir de Carolina⁷⁶.

No sertão cearense, Patativa do Assaré, depois de ficar órfão de pai aos oito anos de idade, teve de trabalhar no cultivo da terra para sustentar a família, o que o distanciou da escola, a qual só viria a frequentar aos treze anos de idade, durante pouquíssimos meses, período que foi suficiente para aproximá-lo da poesia. Em um de seus poemas mais famosos, “Aos poetas clássicos” (2002), Assaré traz essa realidade para dentro do seu texto, à medida que compara a si mesmo e a sua forma de fazer poesia com a dos “poetas de cademia” – isto é, os que receberam instrução formal, mas cujos poemas, segundo ele, não têm rima. O eu-lírico, já na primeira estrofe, se apresenta como “um poeta camponês”, que, por ter vivido “sempre a trabaíá”, não pode “estudá”. Nas estrofes seguintes, ele credita aos dois livros didáticos do professor Felisberto de Carvalho – “os livro de valô/ Mais maió que vi no mundo” – seu conhecimento básico de Língua Portuguesa, o qual lhe “tirô da treva escura/ Mostrando o caminho certo”. Esse caminho, fica subentendido, é o da

⁷⁵ CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 15° ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014, p. 26.

⁷⁶ PENTEADO, Gilmar. **A árvore Carolina Maria de Jesus**: uma literatura vista de longe. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 49, pp. 19-32, set/dez 2016, p. 32.

poesia, a sua “lira servage”, que lhe permite cantar o que a alma sente, as coisas de sua terra e a vida de sua gente⁷⁷.

Ainda no Ceará, no final do XIX para o início do XX, casos notáveis são os dos caixeiros que, organizados em torno do lema educação e trabalho, reivindicavam redução da jornada de trabalho, folga aos domingos, tempo para instrução, maior remuneração, exclusividade de sua função (muitos deles acabavam fazendo trabalho doméstico na casa do patrão), dentre outras pautas. Para isso, organizavam-se em associações, sociedades, clubes, jornais e escolas, essas últimas combatidas pelo patronato que “não viam com bons olhos a reivindicação de seus empregados”⁷⁸.

Nome que ganha relevo na classe desses trabalhadores do Ceará é o de Rodolpho Teophilo. Caixeiro inconformado com os abusos do patronato, ele nos diz, em suas memórias: “compreendi que só o livro podia me libertar. Devia estudar, mas como? Os dias eram do patrão, só dispunha eu das noites (...) Continuei na minha labuta do comércio, cada vez mais convencido de que só o livro me libertaria”⁷⁹. E assim o fez. Voltando à Bahia, estado onde nasceu, consegue ser aprovado nos exames preparatórios para o ensino superior e se forma em Farmácia, pela *Faculdade de Medicina da Bahia*. Anos depois, torna-se um importante nome da estética regional-naturalista no Ceará e no Brasil, escrevendo poemas, contos e romances, chegando a ocupar uma cadeira na *Academia Cearense de Letras*.

Como Teophilo, outros caixeiros também se rebelaram em prol da experiência com as letras e os livros. Alguns deles compunham, na Fortaleza de fins do XVIII e início do XIX, a *Sociedade Phenix Caixeiral* – uma organização de caixeiros que defendia e mobilizava a luta pela instrução e pelo trabalho, através da criação de uma imprensa, política e literária, que servia de veículo moralizante e diletante; de uma escola, criada para instruir a categoria; de uma biblioteca, criada em 1894 a partir de um bazar e que servia de apoio aos trabalhadores; e de uma revista, criada em 1911, que era “um experimento do sonho e da teimosia de jovens trabalhadores do comércio que se não conformam à vida atrás do balcão [...]”⁸⁰.

⁷⁷ ASSARÉ, Patativa. Aos poetas clássicos. In: **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 17a edição, 2002, p. 7.

⁷⁸ GONÇALVES, Adelaide e LIMA, Rafaela Gomes. **Phenix Caixeiral**: história de uma biblioteca. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2021, p. 27.

⁷⁹ THEOPHILO, Rodolpho. **O Caixeiro**: reminiscências. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 26.

⁸⁰ GONÇALVES & LIMA, *op. cit.*, p. 90.

Essa mobilização para a instrução, contudo, ainda encontrava resistência dos patrões, como mostra o jornal *A centelha* (1909):

é com grande pesar que registramos a obstinação de alguns comerciantes desta cidade. Muitos dos nossos colegas que frequentavam as aulas da Phenix, foram (...) obrigados a abandoná-las (...). Para evitar uma deserção quase completa dos bancos escolares, a Diretoria da Phenix dirigiu, por intermédio de uma comissão especial, um pedido a muitos comerciantes para darem liberdade a seus empregados ao menos às sete e meia da noite, quando eles ainda poderiam alcançar as aulas; infelizmente, porém, o pedido foi indeferido pela maioria e alguns que o satisfizeram foi somente por alguns dias, voltando depois à faina costumeira⁸¹

O depoimento do caixeiro Vicente à Revista Phenix dá conta disso:

[...] o patrão está sempre alerta, não posso ler nas lojas as muitas revistas aparecidas em nosso meio, até mesmo os jornais e 'boletins' que têm vindo à tona da imprensa ultimamente. O patrão me adverte todo dia, que preste mais atenção aos 'bons' fregueses, que não saia do balcão, que é proibido ler na loja, que caixeiro não pode ser 'poeta' e outras tantas cousas mais, que me fazem receio de perder o meu lugar.⁸²

Por conta dessa opressão, surge o autodidatismo como alternativa à castração do desejo de se instruir. O que fazer diante da escassez de condições materiais e, sobretudo, da falta de tempo? Muitas autobiografias, como a de Theophilo, relatam a determinação da classe trabalhadora para superar essas dificuldades e a pobreza, de modo a compreender o mundo à sua volta, como é o caso também do sapateiro inglês Thomas Cooper, que

pensava que seria possível, até os 24 anos de idade, já ter dominado os rudimentos de latim, grego, hebraico e francês; já ter entendido Euclides e completado o curso de álgebra; ter memorizado todo o *Paradise lost* e sete das melhores peças teatrais de Shakespeare; ter lido um grande e sólido curso de história e de assuntos religiosos, além de estar familiarizado com a produção literária corrente. Não cheguei nem perto disso, mas fui em frente cheio de alegria⁸³.

Embora não tenha atingido suas metas, Thomas Cooper “lia toda madrugada das 3 ou 4 até as 7 horas, continuava a ler durante as refeições com o livro em pé diante do prato, prosseguia das 7 da noite até cair de exaustão, sempre recitando algum texto enquanto trabalhava no seu cubículo de sapateiro”⁸⁴. Morreu, contudo, aos 25, por esgotamento físico. Aliás, a morte precoce era muito comum entre esses trabalhadores, que precisavam se dividir entre o trabalho remunerado e o trabalho criativo. Foi assim que, ainda muito jovens, morreram o revisor de textos Eugène

⁸¹ *A Centelha* apud GONÇALVES & LIMA, 2021, pp. 67-68.

⁸² Revista Phenix, ano II, nº XVII, out./1913. Fortaleza apud GONÇALVES, 2001, p. 315.

⁸³ LYONS, *op. cit.*, p. 191.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 192.

Orrit (1817-1843), o serralheiro Jérôme-Pierre Gilland e o tipógrafo Armand Labilly (1840-1864), todos eles vítimas de esgotamento, depois de anos de trabalho exaustivo⁸⁵.

Para Marx (2013), a razão para esse esgotamento físico da força de trabalho se dá porque não interessa ao capital a duração da vida desse trabalhador. Pelo contrário, ao capital importa tão somente que essa força seja posta em constante movimento, produzindo mais-valor a qualquer custo. Dessa maneira, a produção capitalista “prolonga o tempo de produção do trabalhador durante certo período mediante o encurtamento de seu tempo de vida” produzindo, assim, o “esgotamento e a morte prematura da força de trabalho”⁸⁶.

Com essa sede por mais-trabalho, como fica “o tempo para a formação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o cumprimento de funções sociais, para relações sociais, para o livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais [...]” do trabalhador?⁸⁷ questiona o autor. Para Marx, o prolongamento excessivo da jornada de trabalho

[...] usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção saudável do corpo. Rouba o tempo requerido para o consumo de ar puro e de luz solar. Avança sobre o horário das refeições e os incorpora, sempre que possível, ao processo de produção, fazendo com que os trabalhadores, como meros meios de produção, sejam abastecidos de alimentos do mesmo modo como a caldeira é abastecida de carvão, e a maquinaria, de graxa ou óleo. O sono saudável, necessário para a restauração, renovação e revigoramento da força vital, é reduzido pelo capital a não mais do que um mínimo de horas de torpor absolutamente imprescindíveis ao reavivamento de um organismo completamente exaurido⁸⁸.

O apreço pelo livro e pela leitura, contudo, era persistente, como aparecem também nas autobiografias do marceneiro James Hopkinson e dos tecelões Samuel Bamford e Willie Thom. O primeiro dizia: "Que vida desperdiçada [...] é a daquele que não tem livro favorito, que não possui coleção de pensamentos ou de lembranças felizes sobre o que tenha feito, experimentado ou lido". O segundo, quando “descobriu o que chamava de "abençoado hábito da leitura", enveredou por um caminho que o levaria a tornar-se agitador em favor da reforma do Parlamento, a praticar o jornalismo e, mais tarde, a ter uma carreira como leitor público de poesia”. O terceiro, em seus momentos de folga, lia Walter Scott, "o mago de Waverley".

⁸⁵ COOPER-RICHET, *op. cit.*, p. 116.

⁸⁶ MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro 1 – o processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 428.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 427.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 427.

Para ele, “os livros fornecem “vislumbres – os únicos que nos são permitidos – de uma existência verdadeira, natural e racional”⁸⁹.

A legitimidade para tal gesto de resistência encontra afago em Antonio Candido (2007). Para o teórico,

no tipo de sociedade que é a nossa, faz parte da luta do trabalhador instruir-se e cultivar-se, usando o mais que for possível e as escassas margens de tempo que lhe sobram. Na medida em que se instrui, ele transforma o tempo em enriquecimento e se prepara para não ser uma máquina destinada a produzir mais-valia. Se juntar a isso o cultivo da imaginação pelas artes e pela literatura estará subindo a níveis mais altos de realização humana e ajudando a preparar, ao lado das lutas políticas, a marcha para a democracia de todos, que estabelecerá o direito ao tempo – tempo para estar com a família, para amar, para se divertir, para conviver com os amigos, para ler Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade⁹⁰.

Para Cooper-Richet (2013), tempo e espaço são questões fundamentais para a realização do sonho dos operários que buscavam escrever seus poemas e adquirir conhecimentos. Pontua a autora que, nas memórias de muitos desses poetas-operários, havia sempre a evocação de algum livro que os marcou e que os levou a ler outros, além do desejo expresso de ampliar suas bibliotecas pessoais. Além disso, reiteravam constantemente a insalubridade dos locais onde trabalhavam e escreviam, quase sempre hostis. “Como então se isolar para escrever?” Não obstante, por se meterem a fazer o que, em tese, não lhes cabia, ainda eram “vítimas de sarcasmos dos colegas de trabalho, até da família”⁹¹.

Em suma, pelo exposto, inferimos que a história é categórica: há evidências, durante quase cinco séculos, de experiências de leitura e de escrita da classe trabalhadora. Ainda que o que se desenhou até aqui tenha sido apenas um esboço da complexidade e diversidade dessas experiências, somos levados a crer que elas são relevantes para desenhar um panorama da história da leitura e da escrita da classe operária.

Contrariando a tese de que o livro, a leitura e a escrita são objetos e práticas das elites, esses trabalhadores-escritores populares se apropriaram⁹² dessas ferramentas a fim de mostrar que, mais do que inconciliáveis, os trabalhos manual e

⁸⁹ LYONS, *op. cit.*, p. 192.

⁹⁰ CANDIDO, Antonio. “Palestra na inauguração da biblioteca”. Disponível em <https://fpabramo.org.br/csbnh/palestra-na-inauguracao-da-biblioteca-por-antonio-candido/> Acesso em 01 mai. 2023.

⁹¹ COOPER-RICHET, *op. cit.*, p. 116.

⁹² CHARTIER, Roger. “Leituras ‘populares’”. In: **Formas e sentido** – Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

intelectual, objetivo e subjetivo, são dialéticos, na medida em que se entrecruzam e se sobrepõem. Trazer isso à superfície passa, também, por historicizar, mapear, classificar e elencar essas experiências – fato que discutiremos no tópico seguinte.

2.2 O sequestro da história da literatura operária brasileira

Flora Sussekind (1983), certa feita, surpreendeu-se, em seus estudos, com a existência de um personagem interessantíssimo de fins do século XVIII e início do XIX de cuja história pouco ou nada se sabia. Tratava-se não de um escritor de beca e sapatos bem lustrados que a história, por um deslize, houvesse esquecido; pelo contrário, tratava-se do próprio fabricante de sapatos que, concomitante ao trabalho manual, levava a vida a escrever versos. Seu nome: Joaquim José da Silva, um sapateiro carioca, pertencente, a julgar pela estética, à geração árcade, sem, contudo, fazer parte de qualquer organização de letrados, árcades ou parnasos.

Sapateiro Silva, como se autodenominava, tinha como local de trabalho sua oficina, onde escreveu variados sonetos e glosas que poderiam ser “enquadrados” na estética árcade, tanto pelos temas ali trabalhados, como pelo elevado apelo à mitologia clássica, quanto pela forma escolhida, o soneto. Alguns *poréns*, contudo, deixaram-no de fora dos principais manuais de historiografia literária brasileiros, restando-lhe, quando muito, uma nota de rodapé ou, no máximo, uma entrada pela porta dos fundos.

As razões para esse apagamento não são difíceis de serem localizadas: além da origem pobre que, de imediato, poderia colocá-lo “na lata de lixo da história”, para usar uma expressão de Sussekind (1999), Sapateiro Silva não seguiu com rigidez os passos dos colegas de escola literária do período, tais como Claudio Manuel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga. Primeiramente, por não ter diploma ou posses; em segundo lugar, porque seus versos, carregados de sátiras, ironias, palavrões, insultos e temas inesperados, como trabalho, comida e dinheiro, escapavam às regras prestigiadas daquela corrente literária. Ora, “sem beca, sem diploma, sem posses, e até sem nome árcade, como seria possível que o poeta-sapateiro coubesse no retrato?”⁹³.

Não cabia. Não por demérito do autor, cujo valor literário é inquestionável, mas por hipocrisia e preconceito dos críticos, que condenavam o coloquialismo, o

⁹³ SUSSEKIND, Flora. “Nas suas costas estava escrito - Sapateiro”. In: **O sapateiro Silva**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 36.

grotesco e a sátira do autor como atributos menores (fazendo inclusive recortes de versos inteiros do poeta para que só assim pudesse aparecer em uma História Literária), ao mesmo tempo que saudavam essas mesmas características quando estas apareciam nos versos de um Tomás Antonio Gonzaga. Para Sussekind (1983), isso acontecia porque

Quando a pena está nas mãos de bacharéis, altos funcionários ou grandes proprietários de lavras ou terras, torna-se mesmo poderosa. Mas este poder é diretamente proporcional à posição social dos que a detém. Nas mãos de um poeta-sapateiro a pena recebe significação bastante diversa. E se eventualmente adquire algum poder é o de corroer essas regras e papéis literários [...]”⁹⁴.

Mas, se do ponto de vista literário, Sapateiro Silva distanciava-se dos seus pares, evitando, de um lado, qualquer semelhança com o “retrato cortesão dos poetas árcades” e, de outro, comportar-se “como um jogral que faz apenas gracinhas para os mais poderosos”, do ponto de vista da linguagem ele procura “não se afastar dos modelos cultos e dos padrões aceitos e festejados”, pois, parece ter compreendido que, sem essa assimilação, não seria lido e aceito.

A hipercorreção – isto é, a preocupação excessiva com o erro, que, traiçoeiramente, leva ao erro – observada por Rachel Teixeira (1983) nos poemas do autor, é um sintoma do interesse do poeta-sapateiro em forjar um lugar entre os poetas lidos. Para a autora, esse é “o maior indício que temos do fascínio representado pelos conceitos de bom, certo, culto, sobre o espírito daqueles que, sendo socialmente marginalizados, ousam produzir um discurso poético”⁹⁵.

Os esforços, contudo, nem sempre são suficientes, na medida em que foi necessário vasculhar as latas de lixo da história para desvendar qualquer informação sobre o autor. O que dispõem os historiadores Varnhagen, Brito Aranha, Sílvio Romero, Sacramento Blake, Afrânio Peixoto, Raimundo de Meneses, Antonio Candido sobre Sapateiro Silva, segundo Sussekind, é quase nada: apenas que era sapateiro, morava no Rio e tinha um irmão cônego. Sua biografia é parca. Nesse sentido, “os mecanismos historiográficos de esquecimento foram tão eficazes que não se pode sequer traçar-lhe um bom perfil biográfico. Seria negro, branco, ou mulato? É difícil responder. Seria completamente “sem estudos”? Possivelmente não”⁹⁶.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 96.

⁹⁵ TEIXEIRA, Rachel. “Desencaixes com plumagem”. In: **O sapateiro Silva**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p. 118..

⁹⁶ SUSSEKIND, *op. cit.*, p. 14.

A razão do esquecimento é simples: como muitos autores vindos das camadas populares da sociedade, Sapateiro Silva “desobedeceu as regras mais elementares da polícia discursiva de nossas histórias da literatura”⁹⁷, a começar pela sua origem social e por não assimilar de todo a estética vigente. Além disso, o trato dos historiadores citados em ressaltar sempre o caráter pitoresco de sua obra, o que nela havia de cômico e burlesco, vendo apenas sapatos onde havia poemas, não os levou a um aprofundamento das análises do trabalho poético do poeta-sapateiro, deixando, sem dúvidas, a história da literatura mais homogênea e, por isso mesmo, incompleta.

Na *História da Literatura Brasileira* (1998), de José Veríssimo; na *História Concisa da Literatura Brasileira* (2015), de Alfredo Bosi; ou ainda na *Formação da Literatura Brasileira* (2014), de Antonio Candido, por outro lado, não se escutam a voz do povo – tampouco, em particular, do trabalhador – como sujeitos criadores de artefatos literários. Mais uma vez, quando aparecem, os trabalhadores se mantêm na condição de representados – como “o outro”.

Uma das consequências desse silenciamento está no *efeito de naturalização*, de que nos fala Pierre Bourdieu⁹⁸, para quem “as diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas”, em outras palavras, não levar em consideração a produção desses grupos, deixando-a de lado, pode nos levar a naturalizar o seu “desaparecimento”, como se fosse natural que eles não estivessem ali.

Na mesma esteira, podemos citar a coletânea de ensaios organizada por Roberto Schwarz (1983), a qual teve como escopo os pobres na literatura brasileira, num período compreendido entre a era colonial e a contemporaneidade. Na obra, priorizou-se o estudo sobre a representação dos pobres – não necessariamente trabalhadores – em detrimento de uma eventual investigação sobre a produção literária desses grupos. A exceção vem de um ensaio de Francisco Foot Hardman, a respeito da literatura anarquista, em que se menciona algumas dessas produções. Além do mais, dos trinta e quatro ensaios que compõem a obra, poucos são os que ressaltam autores que falam de um lugar de pobreza, tais como Carolina de Jesus, Marilene Felinto, João Antonio, Adoniran Barbosa e Lima Barreto⁹⁹.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 13.

⁹⁸ BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 160.

⁹⁹ SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Reis (1987), ao analisar o referido estudo de Schwarz (1983), argumenta que ali está posto o vasto mundo da marginalidade em oposição aos operários e ao mundo do trabalho. Para o autor, essa visão distorcida se dá em virtude do problema dos estudos sobre nação: ao se pretender estudar a representação dos pobres na literatura brasileira, os autores dos estudos críticos terminam por homogeneizar a classe, sem distinguir os grupos de que dela fazem parte. Reverter esse papel, afirma o autor, passa por “intensificar esforços de pesquisa no sentido de levantar uma possível literatura proletária ou de expressão popular” e ainda “revisar e recompor nossa tradição literária e crítica, de um ângulo que se possa compreender a literatura diante das classes sociais”¹⁰⁰, como o fizeram Ragon, com sua *História da Literatura Proletária na França*, e Erich Auerbach, com seu livro *Mimesis*.

Antonio Candido (2004), por sua vez, quando argumenta a respeito do direito à literatura¹⁰¹ como um bem incompressível, isto é, como bem que não pode ser negado a ninguém, tais como alimentação, moradia, vestuário, instrução, saúde etc., trata apenas do direito à leitura de literatura, ou seja, à sua fruição, mas não discute a possibilidade de um direito à escrita literária, à criação de universos ficcionais. Naturalizar essas lacunas implica o desaparecimento ou silenciamento, como no caso do Sapateiro Silva, de vozes que poderiam ampliar o horizonte de expectativas da historiografia literária¹⁰².

Nesse mesmo embalo, no ano de 2009, o Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro e Região (Sinpro-Rio), a partir de um Seminário, organizou um número de sua revista intitulado “Os trabalhadores na Literatura Brasileira”, com artigos que tinham por objetivo “procurar, no imaginário nacional, o lugar dos trabalhadores na sociedade brasileira e o papel da literatura nacional nessa construção identitária”¹⁰³. Curiosamente, dentre os sete trabalhos que compõem o volume, nenhum se

¹⁰⁰ REIS, Zenir Campos. O mundo do trabalho e seus avessos: a questão literária. In: Bosi, Alfredo. (org.): **Cultura brasileira** - temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

¹⁰¹ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, 4^o edição.

¹⁰² Apesar desta lacuna nesse texto em específico, há inúmeros e significativos trabalhos de Antonio Candido que versam e discutem, com muita seriedade, alguns tipos populares, alguns deles, trabalhadores, com os quais teve contato ou alguma espécie de vínculo afetivo. Ver, por exemplo, *Cartas do voluntário* (1958), *Os parceiros do Rio Bonito* (1964), *Teresina e seus amigos* (1980), *O jovem Florestan* (1996), dentre outros. Ainda a respeito de Antonio Candido e dessa discussão, ver o ensaio BATISTA, W. L. Antonio Candido e as cartas de mamãe. Ao Pé da Letra (UFPE. Online), v. 21, n.1, p. 35-50, 2019.

¹⁰³ QUÊDO, Wanderley. Apresentação. In: Os trabalhadores na literatura brasileira. **Revista Sinpro-Rio** / Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. – no 04 (set. 2009). – Rio de Janeiro: Sinpro-Rio, 2009, p. 5. Distribuição gratuita.

debruça sobre a questão da produção literária feita por trabalhadores – mais uma vez, priorizou-se a representação – o que muito nos chama atenção, na medida em que o objetivo da revista era justamente procurar, *no imaginário*, o lugar dos trabalhadores na sociedade brasileira.

Ou seja, exatamente como em Schwarz (1983) e Candido (2004), os autores do número referido da Revista Sinpro-Rio (2009) atestam que não há, no imaginário da maioria das pessoas, incluindo pesquisadores, espaço para os trabalhadores na literatura brasileira quando se trata de investigar a produção literária deles. Seu lugar, mesmo para os pesquisadores mais simpáticos a eles, permanece sendo o do representado, isto é, de objeto, mas ainda não de sujeito, o que representa. Essa representação, por outro lado, é, em geral, feita de fora para dentro, de cima para baixo, isto é, pela ótica das elites.

Caso parecido ocorre com a coletânea de contos organizada por Roniwalter Jatobá (1998, p. 15) chamada *Trabalhadores do Brasil: histórias do povo brasileiro*. Surgida a partir do interesse do autor em investigar “como o autor nacional abordou, neste último período de cerca de cem anos de vida brasileira, homens, mulheres e crianças no dia-a-dia de sua sobrevivência”, em torno do tema “trabalho”, a obra faz um mapeamento interessantíssimo de várias ocupações da classe trabalhadora, dos mais pobres aos mais ricos, o que é, em si, uma conquista para a literatura brasileira em termos de representação e autorrepresentação. Contudo, a imagem panorâmica fica um pouco embaçada quando nos damos conta da ausência de trabalhadores lendo e escrevendo, como se, mais uma vez, o inconsciente coletivo não conseguisse visualizar o trabalhador se apropriando desse capital cultural¹⁰⁴.

2.3 A disputa pela voz: quem pode falar em nome de quem?

Regina Dalcastagnè (2007) argumenta que essa ausência se dá pelo menos em dois polos: no da representação e no da autorrepresentação. No primeiro caso, muitas vezes “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles”, vozes de fora, “que buscam falar em nome deles”. No segundo caso,

¹⁰⁴ Não queremos tornar suspeita, com esse exemplo, toda a obra de Roniwalter Jatobá. Trata-se de caso isolado, com recorte específico nosso: investigar, na literatura brasileira, a representação de trabalhadores lendo/escrevendo. No caso em destaque, além do mais, trata-se de um livro organizado e não escrito por ele. O autor, como é por nós sabido, foi e é, como muitos trabalhadores largamente discutidos aqui, um trabalhador-escritor, com muitos personagens trabalhadores – o que, por outro lado, faz dele, metalinguisticamente, a própria representação do trabalhador que lê e escreve. De sua autoria, ver, por exemplo, *Crônicas da vida operária* (2006).

trata-se de uma ausência não mais dos marginalizados enquanto objeto, mas como sujeitos produtores do discurso literário. Para a autora, isso se deve à exclusão das formas não convencionais de escrita, a qual se dá por meio das formas de consagração do que se considera literário, deixando de lado vozes dissonantes. A autora argumenta ainda que

aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de literatura exclui suas formas de expressão¹⁰⁵.

Sintoma dessa problemática pode ser encontrado em matéria do jornal carioca *A noite*, que, no intuito de investigar a repercussão da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, no meio popular, foi às ruas do Rio de Janeiro, na manhã do dia 27 de dezembro de 1960, entrevistar alguns “representantes das classes mais humildes da sociedade”¹⁰⁶, a fim de saber, em primeiro lugar, se eles estavam a par do lançamento da obra de Carolina de Jesus e, em segundo, se eles, trabalhadores, acreditavam que suas vidas dariam “margem para livro como o de Carolina”. Na ocasião, foram entrevistados “um lixeiro, um servidor geral, uma doceira, uma lavadeira, um engraxate, um servente de pedreiro, um condutor de bonde, um funcionário da Light, um dono de um carrinho de mão e um faxineiro, totalizando dez pessoas”¹⁰⁷:

Otávio Drummond (48), o lixeiro, casado, pai de sete filhos, disse não conhecer o livro, e que sua vida não daria para um romance. “A única coisa importante foi um atropelamento que sofri o ano passado. Trabalho diariamente das 6 às 14h. Não tenho tempo para ler”. Adelino Valentim dos Santos (51), casado e pai de cinco filhos, “começou a trabalhar aos cinco anos de idade, na lavoura. Foi ajudante de caminhão e servente de um hospital”. Disse que “sua vida daria para um livro bem grosso”, mas que nunca ouvira falar de *Quarto de despejo*. Henriqueta, doceira, ficou sabendo da publicação do livro de Carolina, mas não o leu, “porque não sabe ler”. Tereza Fernandes, portuguesa, casada, mãe de três filhos, “nunca ouviu falar do *Quarto de despejo*” também “não poderia lê-lo porque é analfabeta”. Mas, “sua vida tem muita coisa interessante, que ela contaria se soubesse escrever”. Edson da Cunha Almada Rodrigues, engraxate da Cinelândia, trabalha na rua. Como Henriqueta, “sabe da existência do livro [...] Gosta de leitura. Já leu Vitor Hugo e Érico Veríssimo. Sua vida é bastante movimentada. Gostaria de escrever sobre ela, se tivesse capacidade e

¹⁰⁵ DALCASTAGNÉ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 21, dezembro, 2007.

¹⁰⁶ *A Noite*, 27 dez. 1960, p. 9. *apud* BATISTA, W. L. Leitores e leituras de Quarto de despejo na mídia impressa. In: **Cadernos de Estudos Literários** – CEL – 2019, dossiê de Carolina Maria de Jesus, organização de Atilio Bergamini, Fortaleza, ano 1, número 1, anualmente, março 2019, pp. 53-87.

¹⁰⁷ *Ibid.*

tempo”. Geraldo Emídio dos Santos, o servente de pedreiro, é paraibano e “não sabe da existência de Carolina. De leitura, só aprecia o Evangelho. Sua vida não dá assunto para livro. Pouco sabe e não tem tempo para quase nada”. João de Freitas (57), o condutor de bonde, é pai de quatro filhos e empregado da Light há 39 anos, “nunca ouviu falar de *Quarto de despejo*. Tem uma vida apertada, mas está satisfeito com ela, nada ambiciona”. Sebastião Macieira (68), também funcionário da Light, é casado e pai de sete filhos. “Não sabe que existe uma mulher da favela que escreveu um livro”. Segundo ele, “se tivesse tempo e capacidade, gostaria de escrever a sua biografia”, visto que sua vida “é cheia de episódios que dariam para ser postos em letra de forma”. Domingos Pascoal, o proprietário de um carrinho de mão, e também presidente de uma escola de samba e diretor da Confederação das Escolas de Samba, é o único que conhece algumas páginas do livro. “Leu-as quando visitava uma pessoa das suas relações” e “gostaria de escrever um livro sobre sua vida se tivesse competência para fazê-lo”. Finalmente, o jornal ouviu Otaviano dos Santos, o faxineiro, que “mal sabe assinar o nome. Nunca ouviu falar de Carolina nem de seu livro”¹⁰⁸.

Chama-nos atenção, na matéria, mais do que o desconhecimento da obra de Carolina de Jesus pelos trabalhadores, a incapacidade para escrever literatura apontada pela lavadeira Teresa Fernandes; pelo engraxate Edson da Cunha; pelo funcionário da Light Sebastião Macieira, e pelo dono do carrinho de mão Domingos Pascoal. Contraditoriamente, todos eles gostariam de escrever suas histórias, publicar seus livros, se tivessem, nas palavras deles, competência, capacidade e, também, tempo para ler. Ora, que ferramentas imprescindíveis à escrita são essas a que apenas um grupo de pessoas têm acesso? O que leva trabalhadores e trabalhadoras do mundo todo e no Brasil, em especial, a acreditar que não têm capacidade e competência para escrever suas histórias?

Silva (2013) argumenta que a literatura é uma das artes mais baratas de se compor, uma vez que para fazê-la podem bastar “um pedaço de papel qualquer, uma ponta de lápis, uma pedra ou o resto de uma carga de caneta. A parede de uma prisão, papel de cigarro, embrulho de pão, os restos do que foi um caderno, um bilhete no exílio”¹⁰⁹. Por que então, apesar dessa “facilidade” de meios materiais, uma grande parcela dos trabalhadores brasileiros não se consideram aptos para a escrita? ¹¹⁰

¹⁰⁸ *Ibid.*, pp. 78-79.

¹⁰⁹ SILVA, Mario Augusto Medeiros da. Introdução. In: **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013, p. 34.

¹¹⁰ Ressaltemos que Silva (2013) trata aqui do processo de escrita de literatura, de fato relativamente simples, se considerarmos, conforme citado, os meios materiais para fazê-lo. Contudo, sabemos que, para fazer uma obra circular, isto é, para produzi-la, uma série de fatores e elementos são indispensáveis, de modo que, sem eles, um escrito engavetado é apenas um escrito engavetado. Falamos dos curadores, editores, revisores, diagramadores, impressores, divulgadores e outros tantos profissionais envolvidos no processo de produção de uma obra literária. Nosso argumento

Regina Dalcastagnè (2005), respondendo indiretamente a pergunta, argumenta que “a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros”. Com efeito, essa violência simbólica, aponta a autora, só pode ter solução na democratização do fazer literário – “o que, no caso brasileiro, inclui a universalização do acesso às ferramentas do ofício, isto é, o saber ler e escrever”¹¹¹.

Alfredo Bosi (2002) também reflete sobre a questão, quando afirma que há duas maneiras, pelo menos, de se considerar a relação entre a escrita e os excluídos. Na primeira delas, o excluído é tomado como objeto da escrita, na forma de temas, personagens e situações narrativas; na segunda, o excluído é, ele mesmo, “sujeito do processo simbólico”. Para o autor, interessa pensar também “como o excluído entra no circuito de uma cultura cuja forma privilegiada é a letra de forma?” e, vale acrescentar, não qualquer letra de forma, mas aquela formal, padrão e normativa. A resposta à sua indagação consiste na inserção dessa camada da sociedade no universo da leitura, da discussão e da escrita, para a qual sua experiência de letramento literário com jovens operários de Osasco é um exemplo¹¹².

Essa representação feita do povo – e não pelo povo – nada mais era do que uma mera abstração, o que se dava, segundo Gonzaga (1981), porque “o intelectual considerava-se o intérprete natural do povo”, [...] um povo, contudo, “construído em torno de chavões e palavras de ordem”, cuja “marginalidade [...] funcionava como ilustração, mero pretexto para enunciação de clichês revolucionários”. Nesse sentido, tínhamos, “de um lado, os opressores; de outro, a flutuação delimitada como povo. E acima de todos, o letrado para guiar a massa. No entrechoque dos dois sistemas, não havia espaço para o marginal”¹¹³, o qual “continuava fora do processo de fatura artística de ordem letrada”¹¹⁴.

Esse gesto do intelectual de guiar a massa pode ser melhor compreendido a partir da noção de turismo elaborada por Bueno (2012). Entendendo turismo por

corroborar que, para além desse processo de produção, há em muitas dessas pessoas um sentimento de inaptidão, que antecede o processo de fazer circular o texto.

¹¹¹ DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26, p. 20, 14 jan. 2005. Acesso em 10 out. 2020.

¹¹² BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 257-269.

¹¹³ GONZAGA, Sérgio. Literatura marginal. In: FERREIRA, João-Francisco (Coord.). **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981. p. 145.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 148.

movimento em direção não a um lugar, mas ao *outro*, o autor argumenta que “o intelectual, no Brasil, sempre fez o gesto corajoso – embora também muitas vezes desastroso – de ir ao encontro desse exótico, praticando as mais diversas formas de turismo [...]”, deparando-se, contudo, com “limitações e potencialidades que a consciência da alteridade traz”. Por isso mesmo, esse esforço mostrou-se desastroso, em virtude da “separação radical entre o universo da elite letrada (dos escritores) e o mundo do iletramento (dos seus personagens)”¹¹⁵.

Esse duplo entre os que falam em nome do outro *versus* os que falam em nome de si implica uma guerra de relatos, sobre quem pode falar em nome de quem. A esse respeito, Rocha (2006), citando o episódio em que Carolina Maria de Jesus, em seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, critica os cineastas que “não gostam da favela, mas precisam dela”, acrescenta que “as implicações éticas de falar em nome dos que sofreram, em vez de fornecer-lhes condições de contarem suas próprias histórias, é um dilema ético que tem se tornado cada vez mais claro”¹¹⁶.

Esse dilema pode ser entendido a partir das noções de dialética da malandragem e dialética da marginalidade também elaborada por Rocha (2006). Segundo o autor, no primeiro caso, a literatura trata o fator social e as injustiças do cotidiano de uma forma jovial e descontraída; no segundo, as violências são esmiuçadas, exploradas e expostas, “a fim de explicitar o dilema da sociedade brasileira”¹¹⁷. Ou seja, enquanto aquela é conciliatória, esta visa a superação das desigualdades, através do confronto direto e da exposição da violência”¹¹⁸.

Nesse sentido, o termo “marginal” associado a esse tipo de literatura estava, na verdade, relacionado não a uma autoria marginal, mas ao meio de editoração e de circulação das obras (independente, mimeografada etc); à linguagem (aquela, feita pelo intelectual pequeno burguês, que buscava se aproximar do falar marginal) e, ainda, à representação (quase sempre tipificada, homogeneizada e estereotipada) dos tipos nacionais: o malandro, a prostituta, o ladrão, o mendigo etc. Ao legítimo

¹¹⁵ BUENO, Luís. “O intelectual e o turista”: regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira. Revista **IEB**, São Paulo, n. 55, pp. 118-119, mar.-set. 2012.

¹¹⁶ ROCHA, João Cezar de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a ‘dialética da marginalidade’. **Letras**, Santa Maria, n. 32, p. 30, jan-jun, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 29.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 37.

marginal, o indivíduo produto do meio que vive à margem da sociedade, ainda não era dado o direito de falar em *nome de si mesmo*.

Bueno (2012), mais uma vez, defende que é com Paulo Lins, autor de *Cidade de Deus* (1997), que “o outro, o iletrado, adquire os meios do letramento e se autorrepresenta” passando de “objeto de estudo a sujeito da escrita”¹¹⁹. Antes dele, contudo, como já mencionamos aqui, houve vários esforços de inserção desse público no fazer literário, quase sempre escrita numa letra de forma não convencional – insuficiente, portanto, para mexer na estrutura do sistema literário.

Nessa perspectiva, o caso de Lins reforça os argumentos de Dalcastagnè (2005) e de Bosi (2002), segundo os quais só através do acesso à leitura e à escrita será possível que essas vozes entrem para o campo literário brasileiro. Mas, como escrever a própria história com uma definição de literatura excludente? Como narrar a si mesmo?

2.4 Escrito por mim mesmo: a reivindicação da autoria

Muitos trabalhadores-escritores, na Inglaterra do século XIX, para demarcar sua autonomia e independência intelectual, assinalavam, logo abaixo do título de seus livretos, a frase “escrito por mim mesmo”, demonstrando, além de certa vaidade, a confirmação do ato aparentemente improvável para um operário.

Essa reiteração era plausível, uma vez que adivinha não só de um esforço, mas também de uma obsessão. Era, na verdade, “o único recurso de que dispunham para superar as imensas dificuldades materiais que havia em seu caminho”¹²⁰.

Cooper-Richet (2013) argumenta que, a partir da publicação de *Germinal*, de Émile Zola (1885), há uma cisão entre o apagamento e aparecimento dos trabalhadores na literatura ocidental. Até então, os operários, quando apareciam representados, estavam sempre num plano secundário, de coadjuvância. Com *Germinal*, essa classe social ganha relevo e maior atenção dos escritores e críticos literários, que, antes, se não ignoravam, pelo menos pouco reconheciam a existência do grupo como matéria literária. Além disso, o surgimento da obra de Zola incita, nos próprios trabalhadores, o desejo de, eles mesmos, escreverem as suas histórias. Para a autora,

¹¹⁹ BUENO, *op. cit.*, p. 124.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 194.

Os trabalhadores braçais que escrevem são mais numerosos do que normalmente se pensa. Seus escritos são, em geral, resultado de experiências pessoais no trabalho, no cotidiano. O estilo predominantemente autobiográfico e a vontade de dar um testemunho de vida são centrais, tanto nos operários escritores do século XIX como na corrente literária da, poderíamos assim chamar, literatura proletária¹²¹.

Esse sentimento emancipador, contudo, como temos mostrado, nem sempre foi bem assimilado pelos trabalhadores, que se consideravam, o mais das vezes, indignos da pena do escritor. Para Terry Eagleton (2006), esse movimento rebelde dos trabalhadores operários de se imporem como escritores de suas próprias narrativas reflete que, embora não tenham sido estimulados pelo Estado e tenham passado, durante muito tempo, despercebidos pela Academia, assumir o controle da sua voz “é um dos indícios de um rompimento significativo com as relações predominantes de produção literária”, o que parte, inclusive, como vimos a exemplo da *Phênix Caixeiral*, em Fortaleza, da criação e do esforço de “empresas editoras comunitárias e cooperativas” [...] que “desafiam e modificam as relações sociais existentes entre autores, editores, leitores e outros trabalhadores da literatura”¹²².

Esse controle social da voz, inclusive, tem sido amplamente discutido por Susana Moreira de Lima (2011), que entende o espaço social da voz como uma categoria que delimita – por meio da fala e da escrita – a inclusão ou exclusão de indivíduos em determinados lugares do discurso, por exemplo, no acadêmico e no literário¹²³.

Consonante a essa fala, Signorini (1999) argumenta que

as produções de não ou pouco escolarizados, em suas tentativas de inserção em práticas institucionais letradas, são geralmente percebidas como cópias imperfeitas ou precárias de um dado modelo (...) se considerarmos que são construções híbridas as que circulam e atuam de fato, cada vez que um desses agentes marginalmente inseridos nas práticas socioculturais de prestígio toma a palavra e tenta se fazer ouvir, notadamente pelos representantes institucionais, não nos parece razoável continuar negando-lhes a visibilidade e a importância pelo argumento de sua inadequação e falta de legitimidade diante da “verdadeira escrita”¹²⁴.

¹²¹ COOPER-RICHET, *op. cit.*, p. 102.

¹²² EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 336.

¹²³ LIMA, Susana Moreira de. O espaço social da voz: preconceito e literatura. In: DALCASTAGNÉ, Regina (org.). **Pelas margens**: representação na narrativa brasileira contemporânea. São Paulo: Horizonte, 2011.

¹²⁴ SIGNORINI, Inês. **O oral na escrita de sujeitos não ou pouco escolarizados**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 11.

O que leva, contudo, esses trabalhadores, sem instrução, autodidatas, na maioria das vezes em condições insalubres, a se disporem à escrita literária, “a fazer o que não lhes cabe, aquilo para o que não foram talhadas”?¹²⁵. Imaginemos o desconforto desses trabalhadores, de quem foi roubado o tempo de formação intelectual e a autoestima em “se querer escritor, ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é “muita pretensão”¹²⁶.

É a partir do momento que acessam à escrita e, conseqüentemente, assumem o próprio relato de vida, que camponeses e operários ascendem socialmente e se integram à cultura dominante, “mesmo se isso for no âmbito de uma luta militante destinada a suscitar uma consciência de classe”¹²⁷. Contudo, esse depoimento “só tem chance de ter repercussão (e valor), seja nos meios intelectuais engajados, seja junto ao grande público, se for mediado pelo circuito dominante”¹²⁸.

¹²⁵ DALCASTAGNÉ, 2012, p. 15.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 3.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 133.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 138.

3. O CAULE

3.1 A circulação de impressos na Fortaleza do século XIX

O caminho percorrido pelos impressos na Fortaleza da segunda metade do século XIX contradiz a tese de que pouco ou nada se lia no Brasil oitocentista. Isso porque, embora as taxas de analfabetismo fossem alarmantes¹²⁹ e os equipamentos culturais escassos, tanto no país quanto na província do Ceará, havia aqueles que se esforçavam para fazer chegar ao leitor livros, jornais e revistas saídos na última hora nas outras províncias como no além-mar.

Referimo-nos, em primeiro lugar, aos pequenos comerciantes, livreiros, editores e tipógrafos que, valendo-se da modernização dos meios de transporte e de informação – tais como portos, estradas de ferro e telégrafos – mobilizavam-se para levar instrução e promover a emancipação daqueles interessados no universo da leitura. Esses trabalhadores realizavam esse empreendimento através do contato com outros livreiros e tipógrafos da Inglaterra, França, Alemanha e Portugal, conforme levantamento de Ozangela de Arruda Silva (2011)¹³⁰.

Quem também contribuía para a promoção do livro e dos impressos no Ceará eram estudantes e intelectuais que, a partir da década de 1870, criaram seus grupos de cunho literário e científico “voltados à instrução por meio de escolas noturnas e conferências”¹³¹. Dentre essas associações, destacam-se a Fênix Estudantal (1870), a Academia Francesa (1872-1875), o Clube Literário (1887), a Padaria Espiritual (1892-1898), o Centro Literário (1894), a Academia Cearense de Letras (1894), cujos membros “atuaram intensamente, trabalhando em jornais e revistas, ministrando aulas gratuitas ao proletariado, debatendo os problemas da província, produzindo livros e propagando a instrução como a grande ferramenta transformadora da sociedade”¹³².

A ampliação dos espaços públicos de leitura também foi de fundamental importância para a circulação dos impressos, para o surgimento de novos nomes na literatura local, além, é claro, para a promoção da cultura e do letramento, na medida

¹²⁹ Nas estatísticas relativas ao ano de 1887, Fortaleza aparece com 26.493 habitantes; destes, 9.656 sabiam ler e escrever e 17.287 eram analfabetos (cf. BEZERRA, Paulo (org.). *apud* GONÇALVES, 2001, p. 367.

¹³⁰ SILVA, Ozangela de Arruda. **Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

¹³¹ *Ibid.*, p. 22.

¹³² *Ibid.*, p. 23.

em que possibilitava a instrução formal e informal e a socialização de leituras. A primeira iniciativa nessa direção deu-se com a criação do Liceu do Ceará, em 1845, seguido da Biblioteca Pública do Ceará, em 1867, e do surgimento de algumas escolas particulares¹³³. Por outro lado, a cidade também começava a contar com gabinetes de leitura, praças, clubes e cafés, os quais funcionavam como espaços para troca de ideias em torno do livro.

No setor privado de promoção da leitura através do mercado livreiro, destacam-se três nomes: o do português Manuel Antônio de Rocha Júnior, considerado, para alguns, o primeiro comerciante do livro no Ceará, em razão de ter aberto, por volta de 1849, uma seção, no seu pequeno comércio, para venda e aluguel de livros, cujos títulos ele anunciava nos jornais; o de Joaquim José de Oliveira, considerado por outros o primeiro livreiro do Ceará, em consequência de abrir sua loja, diferente daquele, especializada em livros, no ano de 1857; e o do cearense, natural de Quixeramobim, Gualter Rodrigues da Silva, um importante comerciante livreiro que, durante a década de 1880 e 1890, vendia, editava, distribuía e intermediava doações de obras¹³⁴. Por causa de suas boas relações, sobretudo com “representantes profissionais da Província, muitos deles ligados ao Partido Liberal e às campanhas pela abolição dos escravos”, Gualter se tornou um dos principais comerciantes do livro na segunda metade do XIX, além de construir “a imagem de um homem ligado ao desenvolvimento das letras”¹³⁵.

Nessa época, “os livros não eram vendidos apenas em livrarias, assim como os livreiros não vendiam apenas livros”¹³⁶. Para se ter uma noção, como também já antecipamos na introdução desta dissertação, há relatos de venda de livros na Fortaleza do XIX em farmácias (como é o caso da de Rodolpho Theophilo, cujo livro de sua autoria ele comercializava em seu próprio empreendimento), joalherias (como a de Jacques Weil), barbearias (como a 15 de novembro, localizada na Praça do Ferreira) ou ainda em lojas de diversos. Destacam-se, por outro lado, os leitores que anunciavam venda e troca de livros por meio dos jornais, bem como negociantes, vendedores de rua e caixeiros, que contribuía, nesse grande todo, para a circulação de impressos em Fortaleza.

¹³³ *Ibid.*, p. 40.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 47.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 56.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 33.

Essa abertura do comércio livreiro e de impressos na capital cearense possibilitava, além da organização dos espaços de leitura, de instrução e de formação intelectual, um primeiro esboço do que seria a fundação de um sistema literário cearense, nos termos de Antonio Candido (2014), constituído pela tríade autor, leitor e obra, que, reunidos, permitiam a formação de uma continuidade literária, isto é, de uma tradição de escritores que começavam a circular nas terras alencarinas. Entre esses nomes, não ganhavam relevo apenas os de uma elite letrada; os mais rebeldes e subversivos, das classes mais modestas, também forjavam sua entrada no campo literário cearense, como é exemplo Otacílio de Azevedo.

Porém, para um entendimento melhor desse processo, convém analisarmos, antes, como ocorreram os processos de educação no Ceará nesse período, bem como as estratégias da classe trabalhadora para promover a instrução dos seus pares.

3.2 Investir o sonho na cultura letrada

A situação da educação dos filhos da classe trabalhadora da cidade de Fortaleza, no período compreendido entre o último quartel do século XIX e o primeiro do século XX, não era das mais promissoras. As condições precárias de vida, justificadas pela estiagem, pela migração compulsória do interior para a capital, pela baixa escolaridade dos chefes de família, somadas ao descaso do estado com a camada mais frágil da sociedade, dificultava o acesso das crianças e jovens à escola e, conseqüentemente, ao universo dos livros.

Como as escolas fossem poucas e a fome, muita, não era prioridade para uma família que seus filhos esquentassem os bancos escolares, quando poderiam, por meio do trabalho, complementar a renda familiar¹³⁷. O fato de a colheita dos frutos provenientes do estudo não vir a curto prazo também reforçava a relevância do trabalho sobre o estudo, entendido pela máxima “quem tem fome, tem pressa”. Nessa lógica, “as meninas eram solicitadas pelas mães para as atividades domésticas, e os meninos, no interior, para os trabalhos da roça e, nas cidades e na

¹³⁷ Em panfleto distribuído pela Associação Graphica do Ceará e transcrito no jornal *A Liberdade*, temos a consideração: “O filho do operário quando chega à idade de ir para a escola, mandam-no para a oficina: em vez do livro, dão-lhe a ferramenta do ofício. É mais uma vítima que vai ser devorada pelo Moloch do capitalismo implacável”. (*A Liberdade*, nº1, 1º quinz. de set/ 1918. RJ) *apud* GONÇALVES, 2001, p. 418.

capital, para auxiliar os pais nos serviços de oficinas ou em pequenos empregos”¹³⁸. A consequência disso era o abandono de pelo menos 50% dos estudantes matriculados nas escolas antes de sequer concluírem o curso primário.¹³⁹

“A defasagem nas práticas pedagógicas e nas políticas educacionais do sistema de ensino daquele período, somados à indiferença dos administradores públicos com a educação das crianças pobres e a manutenção dos caprichos políticos com fins eleitoreiros”¹⁴⁰, como as práticas clientelistas, também comprometiam o acesso à instrução primária pelos filhos dos trabalhadores cearenses. Com isso, restava aos líderes das famílias, operários da cidade e trabalhadores do campo, elaborar suas estratégias para instruírem a si e a seus filhos para além das instituições. Isso fizeram com maestria, apesar do cansaço, por meio da criação e da participação em associações, organizações, agremiações e imprensas próprias e por meio da criação de e circulação por espaços de sociabilidade em torno da instrução e do letramento.

Os gabinetes de leitura, por exemplo, eram alguns desses espaços nos quais “muitos jovens e filhos de agricultores e moradores pobres dos sertões e da cidade que não chegaram a preencher os bancos das escolas públicas ou particulares, tiveram [...] o primeiro contato com as atividades letradas”¹⁴¹. Espalhados pela capital e pelo interior do Ceará, no período compreendido entre 1870 e 1922, havia pelo menos 11 deles, além de seis entidades estudantis – nomeadas de agremiação, união e federação – e 55 congregações literárias – nomeadas de grêmios, sociedades, clubes e grupos¹⁴².

Além da frequência nos gabinetes de leitura, artistas, caixeiros e operários fabris viram a necessidade de se organizarem e de se associarem com o intento de solucionar o problema da instrução da categoria bem como de sua prole, por meio do associativismo. As estratégias passavam, por exemplo, por meio da jornada noturna de estudo, tais como as promovidas pelo *Partido Operário*, as quais “apontam para a preocupação destes agentes históricos em se inserir nos debates públicos através da educação e do acesso às letras e à instrução”¹⁴³.

¹³⁸ ALVES, Joaquim. “O Ensino Primário na Primeira Metade do Século XX” In: MARTINS FILHO, Antônio e GIRÃO, Raimundo. O Ceará – Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1966, p. 363.

¹³⁹ PASSOS, *op. cit.*, p. 107.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 111.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 112

¹⁴² MOTA *apud* PASSOS, *op. cit.*, p. 112.

¹⁴³ PASSOS, *op. cit.*, p. 126

No jornal daquele partido, *O Combate*, viu-se a disposição do “Conselho de Instrução do Partido Operário” quanto às aulas e à oferta de matrículas, a compor a grade curricular do ensino secundário, as disciplinas de Português, Francês, Inglês, Alemão, Aritmética, Álgebra, Geografia, Geometria, História e Desenho.¹⁴⁴

A *Sociedade Artística Beneficente*, com fundação em 09 de novembro de 1902, foi uma destas organizações “promotora de benefícios entre a classe artística desta capital, no interesse e para auxílio mútuo de seus associados”¹⁴⁵. Funcionava na rua Barão do Rio Branco, 453, em prédio próprio, e possuía pelo menos 457 sócios, das mais diversas artes, com matrículas sempre superiores a 100 alunos¹⁴⁶.

A frequência nestes espaços, além de promover a instrução, dirimia, por extensão, o abuso do álcool por parte dos artistas e trabalhadores associados, prática muito comum à época, motivo de orgulho para seus associados.

Hoje, é muito mais difícil encontrar-se no seio de nossa associação um artista, ou mesmo um operário, que se dê ao vício da embriaguês, ou que ande praticando atos em desabono de sua conduta (...) As escolas criadas e mantidas pelo ‘Centro Artístico Cearense’, têm sido para o proletariado do Ceará, de uma soma incalculável de benefícios. Estes estabelecimentos de instrução, que muito elevam o conceito público a nossa Benemérita agremiação, têm sempre funcionado com uma matrícula nunca inferior a 70 alunos, com frequência diária de 40¹⁴⁷.

O *Círculo dos Operários e Trabalhadores Católicos São José* também se propôs a ser uma dessas organizações voltadas à instrução dos trabalhadores, com a diferença de que, nesse caso, possuía uma orientação cristã e anticomunista. Com fundação em Fortaleza, em 14 de fevereiro de 1915, o *Círculo* manteve “uma escola noturna primária e secundária para os sócios, cuja matrícula em 1919 foi de 60 alunos e outra de meninos pobres, com matrícula de 80 alunos”¹⁴⁸.

Em oposição a ela, a *Associação Gráfica do Ceará* também fundou uma Escola Operária Secundária. No seu jornal *A Voz do Graphico*, a associação anunciou a fundação e a abertura de matrículas. “Chamadas como “À Escola, camaradas!” e “Aproximai-vos da luz!” mostraram a ênfase que os redatores do jornal deram primando pela formação dos trabalhadores, não somente ao desenvolvimento intelectual, mas também na formação política¹⁴⁹”.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 126

¹⁴⁵ Almanaque do Ceará (1920, p. 228) *apud* PASSOS, *op. cit.* p. 116.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 116.

¹⁴⁷ “Centro Artístico Cearense” *In*: Primeiro de Maio – Órgão do Centro Artístico Cearense. Ano: V, nº 64. Fortaleza: 08/fevereiro/1909. p. 01. *apud* PASSOS, *op. cit.*, p. 134.

¹⁴⁸ Almanaque do Ceará (1920, p. 240) *apud* PASSOS, *op. cit.* p. 118.

¹⁴⁹ *Voz do Graphico*, 06/jan/1921, nº 02, *apud* PASSOS, *op. cit.*, p. 118.

Esses modos de auto organização e autogestão apontavam também “a compreensão de que certos trabalhadores organizados não ficaram a mercê das iniciativas estatais, tampouco das elites letradas, a criar suas alternativas frente à precariedade do acesso à rede pública primária, bem como, das condições onerosas estipuladas pela rede privada de ensino”¹⁵⁰. Essas instituições parecem ter compreendido que “através da educação letrada, seria mais favorável a inclusão daquele segmento nas questões cotidianas do ambiente republicano, não deixando seus anseios esmorecerem frente às adversidades econômicas e descasos públicos”¹⁵¹.

Muitas vezes, porém, nem esses esforços davam conta de erradicar o analfabetismo entre a classe trabalhadora e seus filhos. Isso porque a evasão nessas escolas era uma realidade latente. Segundo Passos (2009), lendo o Almanaque do Ceará de 1920, pelo menos 42% dos trabalhadores abandonavam a escola das associações, o que se explicava, “em parte, pelo cansaço e exaustão que caíam sobre os ombros e olhos dos frequentadores, uma vez que o turno das aulas era noturno, após exaustivas jornadas de trabalho”¹⁵².

Alguns trabalhadores que conseguiam driblar o cansaço e a rotina estafante de trabalho, muitas vezes, por conta do apreço pela instrução, alimentavam “demasiada ansiedade para fazer parte dos círculos letrados da época, imaginando estar entre os homens de política, intelectuais, escritores, jornalistas etc”¹⁵³.

Caso notável, no Ceará, é o de Sabino Batista, que viria a ser, posteriormente, um dos fundadores da *Padaria Espiritual*. Servente da Biblioteca Pública, cargo “que o possibilitou certa intimidade com as discussões literárias do período”, aproveitava-se da baixa frequência da biblioteca “para se entregar à leitura, tendo à mão os livros que não podia comprar”¹⁵⁴.

ele “começou a fazer versos mesmo antes de penetrar nos mistérios da ortografia”. Era comum pensar ser relativamente certo entre eles entender que da literatura para a vida pública em poucos passos se fazia. E com o poeta em questão foi mais ou menos assim: superando adversidades, ele custeou seu livro com recursos próprios, vendendo-os de casa em casa, em busca do reconhecimento público. Como bem relatou seu companheiro Antônio Sales: “Ferrão por natureza, metia-se por toda a parte, e a sua fealdade risonha foi fazendo relações em todas as partes [e ao passar do tempo] já era figura visível nas rodas sociais mais diversas, e quando se

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 114.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 119.

¹⁵² *Ibid.*, p. 117.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 121.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 121.

fundou a Padaria Espiritual, ele já tinha credenciais para entrar nela. Da Biblioteca passou-se para uma secretaria do estado [época em que militou no CRC, durante o governo do Cel. Ferraz]¹⁵⁵”.

Como Sabino, Rodolpho Theophilo era um desses que persistiram em busca da realização da emancipação operária. Por volta de 1868, relata que

Passava o dia na praia, exposto ao sol, no serviço do algodão. Ao escurecer, sentado à carteira a copiar o borrador! Voltava às 9 horas da noite das aulas e recolhia-me ao quarto, uma espelunca quente e com mais muriçocas do que nas florestas do Amazonas. Ia preparar as lições alumiadas por uma miserável vela de carnaúba, de vintém, pois não podia comprar estearina. Estudava três horas, o tempo que a vela durava a luz¹⁵⁶.

A realidade é que “a possibilidade de mérito intelectual, prestígio público e ascensão econômica nos centros urbanos alimentaram os desejos de muitos jovens de modesta origem social do período, que depositaram seus sonhos de realização na cultura letrada¹⁵⁷”. Casos como os de Batista e Theóphilo, “inspiraram muitos trabalhadores do período que entenderam aquela transição de regimes políticos [do Império para a República] como oportunidade de ascensão social”¹⁵⁸.

O primeiro passo para esta empreitada era se ver publicado em pasquins, folhas e jornais da cidade. O jornal *O Meirinho*, para ficar em um exemplo dentre outros, “foi o passaporte para a vida pública de muitos caixeiros, operários gráficos, estudantes e letrados sem projeção pública nas rodas literárias e intelectuais de Fortaleza, no final da década de 1880”¹⁵⁹. Mas, para essa entrada, algumas ferramentas eram indispensáveis, o que exigia um esforço maior dos que tinham a obstinação de tornar-se um literato apesar dos poucos recursos. Dentre elas, destaca-se o

domínio das formas, combinar perfeitamente as palavras e atingir o belo nas rimas com a arte dos versos. Apresentar intimidade com a leitura dos principais escritores nacionais e internacionais, suas obras, os temas e as polêmicas assuntados na imprensa literária, assim como o domínio da oratória, previa também o acesso garantido naquele orbe de “iniciados”¹⁶⁰.

É importante ressaltar que, naquele contexto, de fins do XIX e início do XX, a maioria da população era analfabeta. Nesse sentido, “apresentar trato com algum dos aspectos acima, mesmo ligados às camadas sociais de menor poder aquisitivo

¹⁵⁵ *Ibid.* p. 121.

¹⁵⁶ THEOPHILO, *op. cit.*, p. 26.

¹⁵⁷ PASSOS, *op. cit.*, p. 121.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 121-122, acréscimo nosso.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 126.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 111-112.

(caixeiro, tipógrafo, amanuense etc) [...] teria sem grandes esforços interlocutores de diferentes posições sociais e profissões”¹⁶¹.

Essa inserção, no entanto, não era feita sem atritos, na medida em que as forças dominantes estavam o tempo todo buscando preservar os seus espaços. Assim, por exemplo, os poetas “tinham de contentar-se com a inserção de seus versos [quase sempre sonetos, talvez também pela economia de espaço], nalguma coluna de jornal de boa vontade¹⁶²”, isto é, “a todo o custo, foram vislumbradas formas de menor resistência, estratégias de se “furar o bloqueio” ou adentrar no restrito mundo das letras¹⁶³”. Com isso, “vê-se quão tortuosa e diferenciada dos intelectuais de renome foi a escalada daqueles outros escritores pelo tão sonhado prestígio e reconhecimento nas rodas literárias”¹⁶⁴.

A busca pelo reconhecimento entre os “distintos” era uma importante meta para aqueles de origem social modesta que detiveram certo instrumental. Inserir-se nas rodas literárias, participar dos eventos do meio compensava qualquer esforço. Ver seus textos publicados nos órgãos de imprensa à época era entendido como ingresso junto aos círculos intelectuais. Não por menos, esta cultura meritocrática foi um *modus pensandi* muito presente no seio das camadas urbanas, sobretudo, um sentimento alimentado pela evidenciada cultura política republicana nos seus primórdios¹⁶⁵.

O jornal, nesse sentido, teve uma função importantíssima, visto que “foi bem mais que um “porta-voz” de uma “classe” organizada. Era também aquele espaço de publicação das idéias e textos literários de tantos modestos e pretensos escritores, que tiveram naqueles jornais mais abertura para se apresentarem ao público leitor”¹⁶⁶.

Contudo, a distinção de classe entre os trabalhadores pobres que forjavam um tempo para a instrução e o letramento e os letrados de berço não passava despercebida, de modo que “nem sempre os estudos e a intimidade com a literatura puderam garantir posição social privilegiada aos letrados sem grandes vínculos com as esferas do poder, pois, muitos deles foram atropelados pelas contendidas partidárias”¹⁶⁷. A prática do apadrinhamento, comum durante muito tempo na política

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 127.

¹⁶² LIMA *apud* PASSOS, *op. cit.*, p. 129.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 12.9

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 129

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 129

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 134.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 138.

nacional e cearense, também era fator que influenciava e limitava o acesso dos trabalhadores-escretores às rodas e círculos literários.

Por esse motivo, muitos trabalhadores-escretores autodidatas cearenses, apesar de terem investido seus sonhos de realização na cultura letrada, caíram no ostracismo ou foram devorados pela História dominante. Com a pesquisa bibliográfica, histórica e literária, porém, poderemos, quem sabe, recuperar esses nomes ou, pelo menos, render alguma homenagem aos seus esforços de reivindicar para si e para os que vieram depois o direito à escrita literária.

3.3 Trabalho e instrução na imprensa dos trabalhadores do Ceará

A educação no Ceará, no fim do século XIX e início do XX, conforme mencionamos no tópico anterior, sofreu uma severa negligência do estado no que diz respeito, sobretudo, à assistência aos mais pobres, na forma de criação de escolas e projetos que pudessem educar, formalmente, aquele povo. Contudo, nem por isso esse trabalho deixou de ser feito. Não pelas mãos dos governantes, atadas por interesses particulares, como é de praxe, mas pelas mãos livres de “homens e mulheres simples, talhados na rusticidade do meio, que se transformam ou assumem para si a tarefa de educadores em seus pequenos círculos de opinião”¹⁶⁸.

Tratam-se de sujeitos modestos que teimam em ocupar livrarias e cafés, praças e bondes, mercados e feiras, pés de árvores e balcões de bodegas, arriscando-se, muitas vezes, a serem “expulsos [...] à pata de cavalos ou com a violência de um simples olhar desdenhoso do dono do café – no silêncio, o velho e rude jargão: conheça o seu lugar”¹⁶⁹. São trabalhadores e voluntários que forjam, reinventam e recriam, no difícil tempo da rotina, modos de auto educação e de educação coletiva e solidária.

Dentre as estratégias escolhidas para esse fim, estão a criação de escolas, de bibliotecas e de imprensa próprias¹⁷⁰. Nesta última, ganha destaque o lema

¹⁶⁸ GONÇALVES, *op. cit.*, p. 298.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 298.

¹⁷⁰ Segundo Gonçalves (2001), nesse período “vão surgindo as tipografias e com elas os jornais das facções partidárias começam a ser impressos e circular no Ceará Provincial. Àqueles primeiros jornais do século XIX seguem-se os periódicos, folhetos, opúsculos, panfletos, discursos, poemas, relatórios, livros, revistas, as folhas literárias dos jovens intelectuais. É a difusão da palavra impressa representando as artes, os ofícios, a primeira experiência de formação de partido operário, as primeiras greves. É a circulação das ideias entre abolicionistas, republicanos, socialdemocratas, socialistas, anarquistas, acompanhando as mudanças finisseculares e chegando às primeiras décadas do século XX (p. 56).

defendido a larga escala, especialmente entre os caixeiros: “trabalho e educação”. São páginas e páginas de jornais, suplementos, revistas, “panfletos, folhetos, transcrições, reproduções, imagens [...]”¹⁷¹ que nos revelam como essa bandeira atuou como “componente central das diretrizes programáticas esboçadas pelas entidades, associações e partidos operários no Ceará [...]”¹⁷², fruto de um esforço coletivo e solidário no interior da classe trabalhadora.

O objetivo era simples: combater toda e qualquer forma de “atitudes de ignorância, superstição, obscurantismo, apatia, desunião, atrofia do pensamento, desorganização [...]”¹⁷³, que pudessem prejudicar o bem-estar e o pleno desenvolvimento da classe¹⁷⁴. Daí a defesa pelo tempo de descanso e pelo tempo de instrução, muitas vezes combatidos pelos patrões, sempre sequiosos que seus empregados se tornassem simples apêndices das máquinas.

Na contramão de suas fantasias, porém, estava a busca, quase instintiva, dos trabalhadores pela educação. Em alguns jornais – ou no “livro do pobre”¹⁷⁵, como era chamado – é possível perceber essa reiterada defesa da educação como um tópico vultoso e transformador para a classe trabalhadora, conforme dado à estampa em matéria da *Voz do Graphico*, na qual se observa uma tentativa de persuadir o trabalhador a ocupar os bancos escolares:

assim sendo, instruíamo-nos o quanto antes. Hoje mesmo, quando chegarmos em nossas casas, depois de manjar o nosso feijão, devemos procurar as escolas, noturnas ou diurnas, para educar e instruir o nosso espírito, a nossa consciência [...] Nada mais triste e vergonhoso do que um operário ignorante. Senão vejamos. Sou operário [...], adoeço, preciso fazer uma carta [...], mas acontece que eu não sei ler [...] e tenho que recorrer a estranhos – é triste e vergonhoso, não achas camarada?¹⁷⁶

No jornal *O Operário*, da mesma maneira, podemos ler elogios à educação, mais uma vez, associada ao trabalho. Nesta ocasião, porém, como ponte para o fortalecimento moral, o bem estar e a garantia do futuro:

O trabalho e a educação são os caminhos por onde deve se guiar o operário. Do trabalho vem a força, a musculatura que faz desaparecer a indolência e a morosidade. Da educação nasce o bem estar da família, a economia e o crédito que são a única felicidade do homem pobre. Do

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 293.

¹⁷² *Ibid.*, p. 300.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 300.

¹⁷⁴ Para Gonçalves (2001), “outro elemento não desprezível no crescimento da importância do tema da educação e da instrução no rol das reivindicações operárias e de seus programas doutrinatórios, liga-se ao fato da crescente necessidade de mão de obra qualificada e semiquilificada” (p. 329).

¹⁷⁵ *O typographo*, ano I, nº2, 08/08/1866 *apud* GONÇALVES, *op. cit.*, p. 365.

¹⁷⁶ *Voz do Graphico apud* GONÇALVES, *op. cit.*, p. 412.

trabalho resulta o desenvolvimento das artes e da indústria [...] e a educação é que prepara o homem para todas as investigações [...] Assim, pois, artistas, trabalhai pela vossa educação, certos de que dela resultará o vosso futuro, da vossa família e da vossa pátria¹⁷⁷.

Naquela transição de séculos, a defesa do lema ganhava, cada vez mais, espaço no imaginário comum dos cearenses – trabalhadores ou não, ricos ou pobres –, de modo que até mesmo jornais liberais, por motivos outros, esboçavam uma defesa da instrução, como pode ser observado n’*O Ceará*:

O pobre não tem sapatos, não tem roupas, não tem livros, não pode frequentar as escolas, tem que crescer analfabeto, sem o ABC, sem instrução técnica, produzindo pouco. Ao menos por interesse, por egoísmo, para melhor gozarmos das vantagens da organização social vigente, deveríamos pleitear a instrução do povo. Elevado o nível mental dos trabalhadores, aumentada a sua capacidade de produção, nós os privilegiados, teríamos maior margem de gozo. Por motivos de justiça, por motivos econômicos, somos partidários entusiastas da utilização de toda organização escolar existente em benefício daqueles à custa de cujo trabalho vivemos¹⁷⁸.

Mas era nos jornais das entidades operárias, dos núcleos militantes, “das associações beneficentes, das artes e ofícios do partido operário, da confederação operária, das greves, dos caixeiros, dos libertários, do partido socialista e outros mais¹⁷⁹”, feitos por aqueles que “quase sempre estavam às margens do jogo dos dominantes da política local, escorraçados da vida pública, com nenhum pertencimento à elite econômica¹⁸⁰, que se fazia uma defesa veemente da educação e do trabalho “como formulação programática central¹⁸¹ e não como benesse do patronato, que buscava se beneficiar da ignorância dos trabalhadores.

A criação de escolas por essas mesmas entidades trabalhistas, bem como sua larga divulgação na imprensa, dão conta desse esforço de promoção do letramento. Em 1874, por exemplo, como uma das ações da *Academia Francesa*, temos a criação de uma Escola Popular destinada a pobres e operários. Com funcionamento no terceiro turno, das 18h30 às 22h, depois da jornada de trabalho, “jovens intelectuais, como em memoráveis torneios, agitavam questões sociais, religiosas, filosóficas, históricas e literárias¹⁸².

¹⁷⁷ *O Operário*, ano I, nº11, 15/05/1892 *apud* GONÇALVES, *op. cit.*, p. 368.

¹⁷⁸ *O Ceará*, ano IV, 14/07/1928 *apud* GONÇALVES, p. 382.

¹⁷⁹ GONÇALVES, *op. cit.*, p. 303

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 303.

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 385.

¹⁸² *Ibid.*, p. 356.

O *Partido Operário* também mobilizou-se em prol da defesa da instrução com a criação de uma escola própria, conforme matéria de *O Combate*. Na nota é possível perceber a distinção do trabalho desta organização em detrimento das instituições públicas e privadas:

[...] convém aqui referir que a escola noturna do Partido Operário é a única que temos compatível com a parte pobre de nossa população. Ali não se pergunta pelo calçado, pelo paletó, como acontece nas aulas públicas e particulares. Tudo é farrapo e tudo é pobreza. Livros, tintas, e papéis, são ainda fornecidos pelos mesmos operários que trabalham para manter na ociosidade homens válidos e aptos¹⁸³.

De igual maneira, a *Sociedade Beneficente 20 de Abril* cria também uma Escola Noturna para os desvalidos, com aulas diárias para 192 matriculados, conforme nota de *O Cearense*¹⁸⁴. No interior do estado, em Quixadá, filiada ao *Centro Artístico Cearense*, tomamos nota também da *Escola Noturna Solón de Magalhães*¹⁸⁵. São exemplos que nos contam que “[...] o tema da Educação e da Instrução em fins do século XIX é combustível que alimenta discursos de variados matizes e provém dos mais diversos pontos”¹⁸⁶.

As bibliotecas fundadas por essas instituições, por sua vez, também atuavam como casas de instrução. A do *Centro Artístico Cearense*, por exemplo, era aberta ao público e possuía em torno de 250 títulos, “além de jornais e revistas recebidos de outros estados”. A biblioteca do *Sindicato dos Trabalhadores Gráficos de Fortaleza*, por outro lado, arguía que “a nossa biblioteca não é, absolutamente, de uso privado do sindicato, visamos, com isto, prestar serviços à coletividade proletária. Não somos egoístas, acima do interesse próprio está o da humanidade sofredora, parte integrante do nosso sublime ideal”¹⁸⁷.

A promoção da educação também se dava “nas fábricas, nos sindicatos, nos locais de moradia, nos partidos, no lazer, nas greves e noutros momentos de luta reivindicatória por direitos sociais, políticos e culturais [...] [onde] são construídas múltiplas práticas educativas que configuram um processo de auto-educação”¹⁸⁸. Além disso, também aconteciam

nos comícios, nos *meetings*, no primeiro de maio como festejo ou demonstração política, [...] na procissão do santo da devoção, nas

¹⁸³ *O Combate*, ano I, nº33, 19/05/1892 *apud* GONÇALVES, *op. cit.*, p. 366.

¹⁸⁴ *O Cearense*, 24/07/1890 *apud* GONÇALVES, *op. cit.*, p. 366.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 395.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 366.

¹⁸⁷ *Trabalhador Graphico*, ano I, nº18, 16/08/1930 *apud* GONÇALVES, *op. cit.*, p. 430.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 300.

quermesses, onde escolhem a “rainha dos caixeiros” e a “rainha dos operários”, nos bailes do Clube Caixeiral, no arrasta-pé das festas de S. João e S. Pedro, nas festas da quadra carnavalesca, nas idas ao Cine Centro e ao Amerikan Kinema [...] nos times suburbanos de futebol¹⁸⁹.

Por outro lado, as conferências ocorridas nos salões das entidades, nos atos de protestos e nas assembleias – onde se lia Kropotkin, Gorki, Proudhon, Marx, dentre outros¹⁹⁰ – eram também espaços de educação, nesse caso, ainda mais especiais, se levarmos em consideração que, por se tratarem de leituras comentadas, possibilitavam que aqueles que não sabiam ler tivessem acesso à palavra impressa. Além disso, essas confluências, no dizer de Gonçalves (2001), funcionavam também “como mecanismo de propaganda e educação, propiciavam o debate e constituíam momentos de socialização do repertório de autores e temas da tradição socialista, além de favorecerem o conagraçamento e a manifestação dos laços de camaradagem, em si um ato comunicativo”¹⁹¹.

Essa “demanda por educação, instrução e uma incontida sede de saber, no meio operário, constituem também expressões de sua pertença ao mundo, de manifestação de sua consciência de classe”¹⁹². No capítulo seguinte, veremos como Otacílio de Azevedo é exemplo notável de trabalhador, da transição do XIX para o XX, que, através da sua expressão poética, deu o passo em busca de seu lugar no mundo.

¹⁸⁹ *Ibid.*, pp. 295-296.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 426.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 481.

¹⁹² *Ibid.*, p. 463.

4. O FRUTO

4.1 O caminho aberto para Otacílio de Azevedo

Nascido em Monte Alegre, distrito de Canindé, no Ceará, em 11 de fevereiro de 1892, Otacílio de Azevedo teve de se mudar muito cedo para a capital, Fortaleza, aos dezoito anos de idade. Ali, conforme o tempo foi passando, ocupou-se precocemente dos mais diversos ofícios: foi funileiro, caixeiro, copiador de retratos, pintor de placas e paredes, de letreiros de loja e tabuletas de cinema, fotógrafo, porteiro e operador de cinema.

Em tempos em que se escolhia o pão ou a instrução, a Otacílio não foi dado o direito de alfabetizar-se na escola formal. Por esse motivo, mesmo sendo filho de professor – o qual partiu quando ele tinha apenas oito anos de idade – Azevedo buscou instruir-se sozinho, no ler e no escrever, tornando-se, ainda muito jovem, um autodidata do mais alto nível.

Para essa instrução, também contou com a ajuda de amigos, como relata no livro de reminiscências *Fortaleza Descalça* (2012):

Quando eu era criança, em Redenção, havia dois meninos que sempre me mereceram grande amizade e respeito. O primeiro, o Janga, me emprestava todas as semanas *O malho*, onde eu lia soletrando as “Aventuras do Zé Caipora”, escritas e desenhadas por Angelo Agostini, e *O Tico-Tico*, com histórias de Chiquinho, Zé Macaco e outros ídolos da gurizada.¹⁹³

Ainda menino, sem estudo formal, já escrevia suas quadrinhas, como a registrada pelo seu filho, Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, em depoimento para o Museu Cearense de Comunicação:

Zé Domingos pede inverno
Pr’a bodeguinha aumentar,
A Taninha pede seca
Pros alfenim não melar.¹⁹⁴

A quadrinha, lúdica, traço que marcaria a poesia do poeta, já prenunciava o caminho que trilharia: na forma, primava pelo verso rimado e metrificado; no conteúdo, pela referência aos pequenos detalhes da identidade interiorana e cearense: o dono do pequeno comércio que pede chuva em meio à seca, “a bodeguinha”, tão particular ao interior do Ceará, o diminutivo “Taninha” para tratar

¹⁹³ AZEVEDO, 2012, p. 142.

¹⁹⁴ AZEVEDO, Miguel Ângelo *apud* BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Fortaleza: Museu do Ceará, 1962, v. 4, p. 287.

com carinho algum conhecido, assim como a menção ao “alfenim”, doce feito com açúcar também típico dessa região.

Assim, Otacílio continuou escrevendo seus versos e, em contato com poetas que circulavam pela praça do Ferreira, entre eles, Carlos Gondim¹⁹⁵, Cruz Filho¹⁹⁶, Genuíno de Castro¹⁹⁷, Antonio Furtado¹⁹⁸, Soares Bulcão¹⁹⁹, Beni Carvalho²⁰⁰, dentre outros²⁰¹, cedo adentrou ao universo dos sonetos – principal gênero do fim do século XIX e início do XX, também o mais fácil de caber na página do jornal – sempre apresentando suas criações aos intelectuais da época. Sobre esse aprendizado, relata o poeta, aprendeu “métrica por uma questão pessoal, por vaidade. Os meus versos já saíam metrificados espontaneamente, pelo bom ouvido que possuo”²⁰².

A estreia do autor, porém, se dá na imprensa em 1913, quando, no *Ceará Operário*, publica, entre agosto e setembro daquele ano, três poemas: “Anita”, “No Cemitério” e “Não sei”, dentre os quais apenas o último se incorporaria em seu segundo livro, *Alma Ansiosa* (1918), com o título “Pesadelo” e novas alterações. No

¹⁹⁵ Carlos Gondim “nasceu na antiga vila de Coité, hoje Aratuba, em 1886 e foi morto em Fortaleza em 1930”. Nas palavras de Azevedo, “era um tipo másculo, de atleta, nariz adunco, olhos de águia estriados de sangue, testa curta, amparando um velho chapéu de massa cinzenta com abas curtas e enroladas. Sobrancelhas espessas punham sombras nos olhos tristes, onde se lia uma tristeza incontida. Era um doente mental e sua mágoa não tinha remédio (AZEVEDO, 2012, p. 230).

¹⁹⁶ José da Cruz Filho nasceu em Canindé, a 16 de outubro de 1884 e faleceu em Fortaleza a 29 de agosto de 1974. Ali, estudou no colégio dos Frades Capuchinhos, sendo, depois, professor no mesmo estabelecimento. No governo de Justiniano de Serpa exerceu os cargos de Inspetor Escolar Regional e Oficial de Gabinete; era, ainda, professor de Português e Literatura no Liceu do Ceará. (AZEVEDO, 2012, p. 210).

¹⁹⁷ Genuíno de Castro foi diretor da revista *Fênix* e, como tal, muito ajudou Otacílio de Azevedo “nos meus primeiros tempos de poeta”. Foi também redator de revistas e membro da *Academia Rebarbativa*, ao lado de Mário Linhares, Raul Uchoa, Jaime de Alencar e Joaquim Pimenta, os quais abandonou, mergulhando na mais triste solidão” (AZEVEDO, 2012, p. 205).

¹⁹⁸ “Alto, gordo, agoniado, com o paletó de casimira sempre aberto, mostrando a camisa frouxa que mal lhe sustentava a enorme barriga, era um verdadeiro dicionário de palavras eruditas. Uma enorme bengala de ponta retorcida descansava-lhe no braço esquerdo. Seus olhos vivos e penetrantes, arregalados ao extremo, emprestaram à sua fisionomia a aparência de um louco em certos momentos. Cuspindo cada frase que pronunciava, lia para os amigos os seus magníficos sonetos neoparnasianos com grande entusiasmo, emprestando-lhes grande beleza. [...] Nasceu Antonio Furtado em Quixeramobim em 1893, falecendo em Fortaleza em 1932. Formou-se pela Faculdade de Direito do Ceará e, por concurso, foi ali professor catedrático de Direito Jurídico, por volta de 1921. (AZEVEDO, 2012, p. 264).

¹⁹⁹ José Pedro Soares Bulcão era, além de poeta, excelente jornalista, destemido, considerado valente, naqueles tempos em que os jornais eram veículos de intrigas que se faziam pessoais, polêmicas acesas que terminavam, na maioria das vezes, em lutas a bengalas, murros ou bofetões. [...] Pertencia ao Instituto do Ceará e à Academia Cearense de Letras, onde militou galhardamente”. (AZEVEDO, 2012, p. 191).

²⁰⁰ “[...] um grande poeta que demonstrava em seus versos profundo conhecimento do idioma e da métrica – obrigatória àquela época. Acolhia-me com simpatia e sincera admiração. Comentava minhas produções, destacando este ou aquele verso feliz. Era Beni Carvalho um grande poeta e um amigo fiel”. (AZEVEDO, 2012, p. 215).

²⁰¹ *Ibid.*, p. 530.

²⁰² AZEVEDO, 2012, p. 148.

mesmo ano, publica, na *Revista Fênix*, o soneto “Último olhar”, também incorporado em *Alma Ansiosa*, novamente com modificação no título, alterado para “A curva do caminho”. No ano seguinte, na revista *Panóplia*, publica o soneto “Vestal” e, mais adiante, em 1915, estampa o soneto “Esperança”, no *Correio do Ceará*²⁰³.

Até então, Otacílio de Azevedo só havia aparecido na imprensa, em jornais e revistas. A estreia em livro acontece apenas no ano seguinte, com a publicação de *Dentro do passado* (1916), livro impresso em Fortaleza pela *Tipografia Moderna-Carneiro & Cia.*, quando o poeta tinha vinte e quatro anos de idade. Na verdade, tratava-se de um opúsculo com catorze sonetos escritos em versos alexandrinos, os quais voltariam a ser republicados em *Alma Ansiosa* (1918), segundo livro do poeta, agora, com apenas dez sonetos e uma série de modificações feitas. Chama a atenção, nesses exemplos, o constante esforço de Azevedo em retrabalhar os seus versos, como um operário que apara arestas e lima excessos.

Dentro do passado (1916) poetiza o amor entre o eu-lírico e Cleonice, personagem que, certa feita, desperta da tristeza e da solidão (“ela era triste e só”) para tornar-se “altiva, alegre e deslumbrante”, quando enfim sente “o mais puro e sincero e ilimitado amor” pelo “simples fazedor destes magoados versos...”. Quis o destino, porém, que ambos se separassem: “Largo tempo passou...” sem que o eu-lírico tivesse superado a paixão pela amada. Por esse motivo, volta, então, a procurá-la, mas o que encontra é uma Cleonice fria, em cujo “semblante havia/ a algidez tumular de um coração de pedra”. Desse amor, restou, apenas, “o pranto/ a mágoa, o desespero, a realidade, a dor”²⁰⁴.

Em *Fortaleza Descalça* (2012), Otacílio de Azevedo justifica a menção à personagem Cleonice. O poeta conta que, indo a Canindé, a pedido do irmão, para realizar um trabalho como pintor, deparou-se com a beleza da filha do homem que o contratara. Segundo relata a respeito dela, “era uma menina de olhos verdes, cabelos de ouro, beleza arcangélica e que me fez sonhar com um mundo estranho e impossível, diferente daquele em que eu sempre vivera. Era o início de um romance que me amargaria os dias pelo resto da vida...”²⁰⁵.

²⁰³ BARREIRA, *op. cit.*, p. 531.

²⁰⁴ AZEVEDO, 1986, p. 29.

²⁰⁵ AZEVEDO, 2012, p. 85.

Tratava-se de um amor impossível, dadas as circunstâncias: “ela era muito rica e bonita. Eu, paupérrimo e horrorosamente feio, dentes estragados [...] Era uma fidalga e eu apenas um miserável plebeu”²⁰⁶. Revela-nos o autor, porém, que “foi este amor que me fez poeta. Guardei seu nome por toda a vida, substituindo-o pelo de Cleonice, uma constante nos meus primeiros versos”²⁰⁷.

Dolor Barreira (1962), a respeito dessa obra de estreia de Otacílio de Azevedo, classifica o verso do poeta como “fácil, espontâneo, evidenciando, no seu autor, uma irreprimível inclinação para a poesia”. Além disso, afirma o historiador e crítico, o poeta “obedece, outrossim, às mais rigorosas exigências da métrica”, visto que “os alexandrinos são harmoniosos, e o pensamento, que os inspira, tradu-lo o poeta artisticamente”²⁰⁸.

Clóvis Monteiro (1917) argumenta que *Dentro do passado* (1916) possui versos “de um moço rico de talento, conquanto ainda não opulentado de cultura, e no qual se verifica uma espontânea tendência para a poesia”. Acrescenta, ainda, que Otacílio de Azevedo “conduziu-se com aprumo na elaboração do trabalho” e que “o jovem poeta está em condições de fazer obra de mais peso”, fato que se consolidará à medida que o poeta “for tomando conhecimento profundo da língua que maneja”²⁰⁹.

A emoção de ver seu primeiro livro publicado foi tanta que o poeta, numa espécie de felicidade clandestina, conta que

[...] fiquei tão contente e orgulhoso que, na primeira noite, perdi inteiramente o sono. Passei a noite acordado, contemplando o meu primeiro fruto intelectual que, em letras de forma, me parecia a coisa mais bela do mundo... Muitas vezes me deitei, para logo levantar-me, acender a lamparina e ficar com o folheto nas mãos, a reler os meus versos. Colocava-o longe, perto, observava-o fascinado. Lia e relia, às vezes angustiado, à procura de um possível erro tipográfico que pudesse ser visto pelos leitores²¹⁰.

Um ano depois da publicação de *Dentro do Passado*, em 1917, Otacílio de Azevedo conta no *Correio Cearense* que compôs a obra “com a mesma naturalidade que obtenho em contar o seu enredo melancólico e plangente a qualquer pessoa”, que não se torturou “a procurar rimas difíceis, que apenas despertam a banalidade dos versos” e que só se arrepende apenas de não tê-los retocado, pois,

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 86

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 87.

²⁰⁸ BARREIRA, *op. cit.*, p. 547.

²⁰⁹ MONTEIRO *apud* BARREIRA, *op. cit.*, p. 548.

²¹⁰ AZEVEDO, 2012, p. 288.

segundo ele, “a poesia deve ser retocada, burilada e, se preciso for, refundida para não se confundir com a vulgar”²¹¹.

Fazendo valer esses princípios, o autor cearense retoca e refunde os seus versos, fazendo-os ressurgir em seu segundo livro, *Alma Ansiosa* (1918), o qual veio à lume com a nomeação do autor para ocupar uma cadeira no Grêmio Literário Cearense – órgão responsável por publicar essa segunda obra, dois anos depois da primeira.

Daí em diante, não parou mais. Na imprensa, aparece sucessivas vezes, como no sobralense *O Jornal*, onde colaborou e publicou os poemas “Cardo” (08/12/1932), “Saudade” (11/12/1932), “Indecisão” (18/12/1932), “Natal de um triste” (25/12/1932), “Coroa de espinhos” (08/02/1933), “Milena” (15/02/1933), “Graúna” (05/02/1933); algumas “Trovas” (12/02/1933), (23/07/1933), (06/08/1933), (13/08/1933), dentre outras, mas também crônicas, como “O inverno” (22/02/1933) e “Fio de Ariadne” (29/02/1933)²¹².

Nesta última, Otacílio de Azevedo narra um encontro curioso ocorrido entre ele e um sujeito misterioso, mas também muito culto, num restaurante. Na ocasião, esse senhor bombardeia o poeta com perguntas sobre livros e escritores, na aparente tentativa de, gabando-se, intimidá-lo. Perguntava: “Conhece, o ilustre poeta, *A morte de D. João*, de Guerra Junqueiro?”, “Já leu, também, os célebres *Sermões de Vieira?*”, “Leu, acaso, *A mulher de luto*, de Gomes Leal?”, “Não lhe recorda, *Salomé*, de Oscar Wilde?”, “e *A Relíquia*, de Eça de Queiroz?”.

Embora não explicita as suas respostas, Otacílio parece ter se constrangido com a situação, sobretudo na hora da despedida, quando, ao receber um cartão do tal sujeito, não possuía um com suas atribuições para retribuir. A surpresa, que ilustra a simplicidade do poeta, ainda estava por vir. Conta Otacílio: “Ao chegar em casa, corri direitinho ao dicionário e qual não foi, porém, o meu assombro ao se me deparar com o significado da palavra – culinário – sua verdadeira profissão. Caíra-me, sem me sentir, o cigarro da boca”²¹³.

No jornal *A Ordem* (1916-1933), o poeta cearense também publicou, no mesmo ano, os poemas “Réstia de sol”, “Esforço inútil” e “O Meu Relógio”,

²¹¹ AZEVEDO *apud* BARREIRA, *op. cit.*, p. 295.

²¹² Todos os poemas citados se encontram em *O Jornal*, de Sobral, nas datas referidas, nos anos de 1932 e 1933. Foram consultados e podem ser conferidos através do site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, conforme Anexo B.

²¹³ *O Jornal*, 29-01-1932, p. 2. Sobral.

respectivamente, em 27/05/1933 e 07/07/1933. Em *O Sertão*, temos nota de publicação de algumas trovas, como a de 15/07/1949.

Depois de *Dentro do passado* (1916) e *Alma Ansiosa* (1918 – 2. ed. 1955), vieram ainda *Musa Risonha* (1920 – 2. ed. 1936 – 3. ed. 1949), *Sugestão do Luar* (1921), *Réstia de sol* (1942 – 2. ed. 1967), *Redenção* (1944), *Desolação* (1947), *Últimos poemas* (1958), *A origem da lua* (1960), *Adágios, Mezinhas e Superstições* (1966) e *Fortaleza descalça* (1980), este último publicado postumamente²¹⁴.

4.2 Poeta pobre e poeta alienado? – ou Quem é esse caboclinho?

Certa feita, na ocasião de uma festa de Natal no *Salão Juvenal Galeno*, no ano de 1921, Henriqueta Galeno perguntou ao jovem Otacílio de Azevedo se ele não tinha nenhuma poesia sobre o Natal. Acontecia que, naquela noite, o presidente do Estado, Justiniano de Serpa, que também era poeta, juntar-se-ia à festa. Embora não tivesse de prontidão algo a ser lido, o modesto Otacílio saiu a andar pelas ruas e praças do centro, à procura da inspiração. Depois de muito andar, eis que ela veio. No salão, o poeta fez a leitura da sua mais nova composição, o soneto “Natal de um Triste”²¹⁵, o qual levou a plateia ao regozijo.

O Dr. Justiniano de Serpa levantou-se e bateu palmas. Depois (conforme vim a saber posteriormente), perguntou ao poeta Cruz Filho, que estava a seu lado: – “Quem é esse caboclinho?” Cruz Filho deu-lhe meu nome. Penso que a isso se deve o fato de eu figurar, apesar de social e mesmo literariamente ainda obscuro, na coletânea *A poesia cearense no Centenário* [...] Ouvi dizer que alguma má vontade que havia contra mim, devido à minha modesta condição social, foi dissipada pela admiração que consegui despertar nesse homem extraordinário que foi Justiniano de Serpa.²¹⁶

Otacílio de Azevedo era, como podemos ver, um jovem ambicioso, cuja falta de instrução formal não o impediu de entrar nos certames literários. A origem do poeta, no entanto, não passava despercebida pelos críticos e literatos cearenses, os quais vez ou outra, ora com, ora sem preconceitos, colocavam na balança o desafio e as contradições de lerem um trabalhador-escritor. Entre estes, destaca-se a fala de Francisco Alves de Andrade:

o que avulta, o que domina, o que nos impressiona, porém, na arte de Otacílio, é a antítese entre o operário e o erudito, ou melhor, o autodidata que soube se expressar em alto estilo, revelando conhecimentos da

²¹⁴ AZEVEDO, Sânzio. “Introdução”. In: **Trigo sem joio**, 1986, p.11.

²¹⁵ Poema presente no Anexo B desta dissertação.

²¹⁶ AZEVEDO, 2012, p. 75.

natureza e da vida, da mitologia e da literatura que ele aprendeu por si mesmo.²¹⁷

Mario Linhares, por sua vez, ao elogiar o talento do poeta que honrava a sua geração, também registra o impacto da condição social de Otacílio de Azevedo no seu modo de ser:

[...] simples operário, sempre em precárias condições financeiras, não lhe foi permitido vestir boas roupas e apresentar-se com elegância nos círculos sociais, do que resultou, por isso mesmo, ter-se tornado um tímido e arredio, a olhar tudo de longe, esquivo dos agrupamentos ruidosos ou, em outros termos, como diria Liberato Bittencourt, não poder aparecer nas grandes rodas, impondo-se definitivamente²¹⁸.

Também o poeta cearense Antonio Sales, quando do lançamento da obra *Alma Ansiosa* (1918), redige uma carta endereçada a Azevedo, publicada no *Correio Cearense* em dezembro de 1918, tecendo suas considerações sobre a obra do autor, sem deixar, é claro, de mencionar, como vimos argumentando, sua origem humilde:

Quem conhece a humildade de sua posição e a imperfeição do seu preparo intelectual, só pode ter uma palavra para comentar seu livro: talento. Só talento e muito talento poderia, do pouco que você tem vivido e estudado, tirar estas estrofes cálidas, harmoniosas e cintilantes em que vibra e chora a alma de um verdadeiro poeta. Tão jovem, tão pobre, tão desajudado de todos os meios de cultura e de bem-estar, seu talento, como uma semente nascida debaixo de uma pedra, medrou e achou caminho para a luz, que a fecundou numa floração de sonho e beleza²¹⁹.

Para Pierre Bourdieu (1998), esse modo de julgar a aparência não é sem motivo:

Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar-se a pessoas em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (com a roupa, os adereços, a cosmética e, principalmente, as maneiras e a conduta)²²⁰.

Mas, ao contrário do que se poderia supor, os versos de Otacílio de Azevedo pouco ou nada, segundo a crítica, revelavam de sua origem social. A própria escolha da forma de composição – o soneto – bem como os temas – o crepúsculo, o romantismo, a melancolia, a “arte pela arte” – são supostamente reveladores dessa ausência com a questão social.

²¹⁷ ANDRADE *apud* BARREIRA, *op. cit.*, p. 285.

²¹⁸ LINHARES *apud* BARREIRA, *op. cit.*, p. 530.

²¹⁹ SALES *apud* BARREIRA, *op. cit.*, p. 569.

²²⁰ BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 199, p. 193.

A esse respeito, é relevante o comentário de Jáder de Carvalho acerca dessa “alienação” do poeta: “Filho do povo, oriundo da camada mais modesta desse povo, poderia ter sido, se ideologicamente conscientizado, o maior vate proletário do seu país, tamanha é a força dos seus símbolos, a magia da sua palavra e o poder inigualável da sua inspiração”²²¹.

Já para Lúcio Alcântara, essa falta de reivindicações sociais na poesia de Otacílio de Azevedo não diminuía o artista nem reduzia a grandeza de seu trabalho²²², pelo contrário, afirma o ex-governador, “o único compromisso do artista é com a verdade que lhe sopra o gênio, seja ele agradável ou não aos poderosos. A este princípio foi fiel Otacílio de Azevedo, pois só cantou os sentimentos que brotaram espontâneos e fluentes de sua alma simples e sensível de esteta”²²³.

Analisando o todo de sua obra, porém, nos questionamos: seria mesmo o autor cearense um poeta alienado? O que teria levado Otacílio de Azevedo, de origem tão humilde e reconhecida, a deixar de lado os problemas sociais de que ele também era vítima e transpor para o verso apenas as angústias da alma, com seus sentimentalismos? Respondendo a segunda pergunta, o próprio filho do poeta, Sânzio de Azevedo, ao afirmar que “a poesia de Otacílio parece aristocrática demais para quem se iniciou em tão humildes condições sociais e materiais”, pondera que isso se deve, provavelmente:

não somente à sua índole de sonhador, mas também à influência poderosa que, sobre sua arte, exerceram as leituras de seus poetas prediletos, dentre os quais destacamos Antonio Nobre, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Emílio de Menezes, Augusto dos Anjos, Alphonsus de Guimarães, B. Lopes...²²⁴

Confirmando essa hipótese, em *Fortaleza Descalça* (2012), Azevedo revela que, a partir do contato com a biblioteca pessoal do seu amigo Abraão Carvalho, pode tomar conhecimento do “mundo maravilhoso de autores como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Gomes Leal, Júlio Dinis, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Victor Hugo, Máximo Górkki e uma infinidade de outros autores”²²⁵. Nas palavras do artista cearense, foi Abraão quem o “fez, pela primeira vez, penetrar no mundo encantado dos livros”²²⁶.

²²¹ CARVALHO *apud* AZEVEDO, 1982, p. 314.

²²² ALCÂNTARA *apud* AZEVEDO, 1982, p. 314.

²²³ AZEVEDO, 1982, p. 314.

²²⁴ *Ibid.*, p. 314.

²²⁵ AZEVEDO, 2012, p. 67.

²²⁶ *Ibid.*, p. 68.

A respeito da primeira questão aqui colocada, sobre a questão social e o engajamento na poesia otaciliana, ganha relevo a autobiografia em verso do poeta intitulada “Musa Risonha”, publicada primeiramente em 1920 pela *Tipografia Moraes*; numa segunda edição, com o título modificado para “Musa Alegre e Triste de Otacílio de Azevedo”, em 1936, pela *Tipografia Minerva* e, com uma terceira edição, publicada por iniciativa de um amigo de infância, em Porto Alegre, pela *Livraria do Globo*, em 1949²²⁷.

4.3 Musa Risonha: uma autobiografia operária em verso

O livro *Musa Risonha* (1920)²²⁸, composto de sessenta e uma estrofes, narra, em versos, a trajetória do poeta Otacílio de Azevedo, pontuando momentos marcantes da vida do autor, desde o nascimento, passando pela partida de sua cidade natal, Monte Alegre, em Redenção, até sua chegada à capital Fortaleza, onde viveu até seus últimos momentos.

Mil oitocentos e noventa... e tantos
fora o espaço fatídico e iracundo
que a onze de fevereiro – o mês dos prantos
abri meus olhos trêmulos ao mundo!... (60)²²⁹

Unindo “as duas pontas da vida”, isto é, alinhando o momento do nascimento com o instante da redação do livro, quando o poeta tinha vinte e cinco anos, Otacílio de Azevedo rememora suas alianças familiares e fraternais; as brincadeiras e dificuldades da infância; sua formação autodidata; o que era para ele a religiosidade; e, de modo especial para nossa análise, sua relação com o trabalho, desde as primeiras experiências até aquelas mais desgastantes, contra as quais precisou se rebelar em nome da cultura da escrita, da leitura e do livro.

Na obra em destaque, o eu-lírico inicia a autobiografia em versos justificando sua razão de sê-la: um interlocutor havia lhe pedido um autorretrato do autor, e ele, gentilmente, atendeu o pedido – “ei-lo”, ele nos diz. Se o pedido do retrato era para ser feito na forma de pintura, visto que o poeta era também pintor, não podemos precisar; contudo, audacioso que era, Otacílio de Azevedo responde à solicitação

²²⁷ AZEVEDO, 1986, p. 14.

²²⁸ Optamos por colocar o livro *Musa Risonha* (1920) como apêndice, na íntegra, ao final desta dissertação. Primeiramente, para facilitar a leitura; em segundo lugar, por ser este um livro um tanto raro. Também para orientar o leitor, colocamos ao final de cada estrofe em análise sua numeração correspondente.

²²⁹ *Ibid.*, p. 81.

fazendo uma pintura com palavras, mais que isso, em versos, extrapolando o gênero autorretrato, na medida em que põe, no papel, detalhes de sua história e de sua personalidade que a tela talvez não fosse capaz de captar.

A esse interlocutor, o eu-lírico dirige-se em outros momentos ao longo das sessenta e uma estrofes. Mais à frente, ele se refere a ele, agora, ela, como “meiga senhora”: “uma vez que não tens, **meiga senhora**, / neste instante a menor ocupação, / vou também **te** dizer, sem mais demora,/ do que tenho vivido e ganhado o pão”. (31) ²³⁰. Pressupõe-se, portanto, que a interlocutora, por ter lhe “encomendado” um retrato, teria tempo suficiente para ler os mínimos detalhes de sua vida, como a sua subsistência. Adiante, ele a interpõe novamente: “Já não uso os cabelos sobre os ombros,/ que há na fotografia que **ora vês** (51)²³¹ e, na estrofe seguinte, “não **te** convenço de que sou bonito/ disto não **tenhas** mínimos receios” (52)²³². Agora, o poeta não usa vocativos para se referir a ela, ficamos sabendo da interpolação a partir das desinências verbais, em acordo com o pronome pessoal “tu”, suprimido nos versos. Por fim, na última estrofe, dirige-se a ela novamente, agora, para legitimar seu autorretrato: “tudo que acima expus é mais que exato,/ melhor do que eu ninguém **te** falaria. / E, além de **teres** o melhor retrato, / **possuis** também minha – autobiografia”²³³. Mais uma vez, utiliza a segunda pessoa do singular e o pronome oblíquo “te” para tecer uma interlocução, aproximando, por isso mesmo, o leitor (na posição de terceira pessoa) do diálogo que ali se encerra.

Ao final do livro, ficamos nos perguntando: a quem, afinal, o poeta se dirige? Não há nenhuma menção expressa. Supomos, inicialmente, tratar-se apenas de uma leitora ou de uma admiradora: quem mais pediria a um artista o seu retrato? Contudo, quando paramos para analisar o título da obra, observamos que se trata de um sujeito no feminino, assim como nas interações: “Musa risonha”. Teria sido a própria poesia a interlocutora do poeta?

Voltemos ao início. Para atender o pedido da interlocutora, ou da *Musa Risonha*, o poeta descreve o que lhe é, segundo ele, mais aparente, isto é, suas características físicas: “baixo, moreno, olhos tristonhos” (1), “sobrancelhas espessas. Fronte larga,/ afilado nariz, testa direita”(2), “um pouco corcunda...” (3), “frágil [...]

²³⁰ *Ibid.*, p. 77.

²³¹ *Ibid.*, p. 80.

²³² *Ibid.*, p. 80.

²³³ *Ibid.*, p. 81.

físico” (3)²³⁴, “já não uso os cabelos sobre os ombros” (51), e, por tudo isso, conclui, com bom humor, que “só cabeça e corpo tenho feios” (52)²³⁵.

O retrato da primeira camada de quem é o artista está desenhado. Porém, como a escrita permite um detalhamento mais minucioso do que a pintura, o poeta acrescenta às características físicas traços de sua personalidade, primeiramente, quando adjetiva os próprios olhos, considerados por ele “tristonhos”; em seguida, mais uma vez, por meio de adjetivos, acrescenta que sua expressão é “dolorosa” (2) e a boca, “amarga” (2), cujo sorriso é “de angústia, contrafeita...” e arremata: “sou triste” (7)²³⁶.

As qualificações para seu físico demarcam, portanto, um traço da personalidade do eu-lírico: a melancolia. Ora, sabemos que os escritores brasileiros, em geral, flertam com esse sentimento, assim o é desde os poetas românticos, dos quais Otacílio de Azevedo também bebeu para se formar enquanto leitor e poeta. Na autobiografia, contudo, temos algumas pistas sobre o que poderia justificar essa tendência na poesia e na vida do autor.

Primeiramente, ganha relevo a ausência da figura paterna, cuja partida precoce levou o poeta a se retirar para Fortaleza, à procura de sobrevivência:

Quando meu pai morreu eu era criança
 tinha oito anos somente e hoje é que digo
 que com ele morreu toda a esperança
 de encontrar sobre a terra um outro amigo (19)²³⁷

Bernardino Ferreira de Azevedo, professor de ofício e pai de Otacílio, “morreu pobre e ignorado” (12), porém, nas palavras do filho, foi “um homem santo! Um talento incompreendido” (13), que “da arte de ser bom soube o segredo” (12)²³⁸. Como o poeta anuncia na estrofe em destaque, a partida do pai deixou-o solitário e desesperançoso de encontrar alguém que suplantasse aquela ausência, justificando, portanto, seu traço melancólico. Com a morte do provedor, o poeta nos diz:

Fiquei pobre e sozinho ao léu do mundo
 ao poder da miséria e à fome exposto...
 E ainda agora se vê num dó profundo
 a tristeza estampada no meu rosto... (20)²³⁹

²³⁴ *Ibid.*, p. 73.

²³⁵ *Ibid.*, p. 80.

²³⁶ *Ibid.*, p. 73.

²³⁷ *Ibid.*, p. 75.

²³⁸ *Ibid.*, p. 74.

²³⁹ *Ibid.*, p. 75..

Assim, a morte do pai, responsável por, depois de tantos anos, ainda estampar a tristeza no rosto do filho, revela que, além de uma lacuna afetiva, deixou também aberto um caminho para a pobreza material, na forma da exposição à fome e à miséria. À procura de algum consolo, “entre os homens – criaturas miseráveis –”, diz-nos o poeta, “nenhum achei que me estendesse a mão...” (21)²⁴⁰. A consequência disso, destaca, foi uma

[...] mocidade dolorosa,
sempre viúva de afetos e carinhos,
fui como a erva que nasceu medrosa
entre as urzes e os cardos dos caminhos... (11)²⁴¹.

Além da ausência paterna, a perda de uma filha também é usada, pelo eu-lírico, como aprofundamento de sua melancolia. Conta-nos ele:

Há uns seis anos atrás, certa menina,
para a minha caipora ser completa
de tal forma tornou-se me divina
que, perdido de amor, eis-me, hoje, poeta! (55)²⁴²

É a perda da filha, portanto, que faz a sua infelicidade permanente ser completa – no verso, é isso que “caipora” quer dizer. Ao mesmo tempo, é essa figura que, ao tornar-se divina, é a responsável por transformar o simples jovem em poeta. Também por causa dela, resguardava-se ele de “ser nunca um desgraçado/ se uma filha por mim tenho no céu” (54)²⁴³. Nesse sentido, as perdas da filha e do pai são elaboradas e ressignificadas pelo poeta, que encontra, nessas ausências, a presença e o chamado para a poesia.

A trajetória, sobretudo a infância pobre, intensificada a partir da morte do pai, também pode servir de justificativa para a melancolia do autor. Isso podemos observar a partir das oito estrofes, das sessenta e uma, que o poeta dedica a rememorar os brinquedos e as brincadeiras da primeira fase da vida. Conta-nos ele:

Quando eu era pequeno, era pedante
(como esse tempo já distante vai...):
Ao pescoço, amarrados num barbante,
os botões das ceroulas do papai...
Num comprido cordão que eu mesmo fiava
entre os amigos que chamavam brancos,
em lugar de brinquedos, arrastava...
de papai os tristíssimos tamancos...

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 75.

²⁴¹ *Ibid.*, p. 74.

²⁴² *Ibid.*, p. 80.

²⁴³ *Ibid.*, p. 80.

Em vez de ricas vestes à marujo
 como um meu camarada sempre tinha
 eu andava, coitado, além de sujo,
 numa roupa de sacos de farinha.

Onde quer que passasse, os mais tranquilos
 olhares descobriam logo presa
 à calça a marca azul *60 quilos*
 sob o dístico rubro de *Nobreza!*

Quando eu completava anos, os presentes
 eram de papelão mal feito carro
 e um bando de moleques indecentes
 uns moldados em cera, outros em barro!

Visto não ter um carneirinho branco
 como o filho mais velho do Fontoura,
 trazia, muita vez, tristonho e manco,
 entre as pernas um cabo de vassoura!

Em toda a mocidade, sempre avessa
 nunca tive um boné de lã ou fio;
 trazia amargamente na cabeça
 o forro da cartola do meu tio!

Meu cavalo de talo de carnaúba
 tinha um nome bonito e era alazão,
 enfeitado de flores de monguba.
 oh, meu cavalo, que recordação! (22 a 29)²⁴⁴

Os versos acima revelam um traço muito particular da pobreza: a criatividade. Na ausência de brinquedos prontos e caros, o pequeno Otacílio, de forma lúdica, criava um universo de encanto e fantasia a partir de objetos e utensílios que encontrava ao alcance da mão. Assim, brincava com botões das ceroulas e tamancos do pai, cabo de vassoura, talo de carnaúba e até com o forro da cartola de um tio. Os presentes, por sua vez, eram humildemente feitos de papelão; os bonecos, moldados em cera ou em barro, e as calças que vestia, por outro lado, eram feitas com sacos de farinha, naquela época, feitos de algodão.

Nessa descrição detalhada dos brinquedos improvisados, o poeta deixa claro a distinção de classe (bem como a sua consciência) que havia entre a sua família, humilde, e a de alguns de seus vizinhos, como “o filho mais velho do Fontoura” (27), para ele, um representante dos “amigos que chamavam brancos” (23), que se vestiam com “ricas vestes à marujo” (24) e usavam “boné de lã ou fio” (28)²⁴⁵.

Para o poeta, contudo, fica evidente que essa fase não foi só de tristeza. Primeiramente, porque, ao se lembrar do cavalo feito com talo de carnaúba, ele diz

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 76.

²⁴⁵ *Ibid.*, p. 76.

“oh, meu cavalo, que recordação!” (29), em um tom saudosista, e, em segundo lugar, porque inicia a estrofe seguinte a essa reminiscência destacada por nós com o verso “Que saudades que eu tenho do passado” (35)²⁴⁶.

Esse passado, de desventuras e melancolia, é vivido por Otacílio de Azevedo na sua pequena cidade natal, ironicamente chamada de Monte Alegre. Diz ele:

Nasci no Monte Alegre – um lugarejo
quatro léguas depois de Redenção
Entretanto sou triste... e sempre vejo
em vez da liberdade, a escravidão. (7)²⁴⁷

Por meio da antítese “alegre/triste”, o poeta demarca o paradoxo de ter nascido em um lugar cuja alegria do nome não atravessava sua experiência de pessoa nascida ali. Além disso, nos versos três e quatro, o eu-lírico elabora nova antítese, contrastando, dessa vez, os termos “liberdade” com “escravidão”. Na experiência do autor, conforme elabora, sempre viu esta em detrimento daquela.

Nesse último caso, se fosse um poeta alienado, como alguns críticos fizeram supor, com “escravidão” Azevedo estaria apenas se referindo a uma ausência de liberdade, no sentido de não ter direito de ir e vir ou de escolha. Contudo, conhecendo a história do município de Redenção, sabemos que o poeta estava, nas entrelinhas, referindo-se à abolição da escravatura no Ceará, cuja cidade mencionada foi o primeiro município do Brasil a libertar seus escravizados, em 1º de janeiro de 1883, cinco anos antes da promulgação da Lei Áurea, que aboliu, pelo menos em registro, esse regime na história do país. Não por acaso, a cidade se chama “Redenção”, palavra que o poeta, sabiamente, rima com seu contraste, “escravidão”.

Em outros momentos da poesia otaciliana, essa questão da escravidão reaparece, agora, na forma de livro dedicado à cidade e ao tema, intitulado “Redenção”, contrariando, mais uma vez, a tese de que seria um poeta alheio às questões sociais. O poemeto, de 67 estrofes, foi escrito em dezembro de 1943 e publicado em 1944 pela *Livraria José de Alencar*, e, posteriormente, incluído no livro “Desolação”, de 1947, com o acréscimo de mais uma estrofe²⁴⁸.

Para o historiador Dolor Barreira, trata-se do melhor livro do autor. Na obra, o poeta faz uma ode às paisagens naturais da cidade de sua infância, ao mesmo

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 77.

²⁴⁷ *Ibid.*, p. 73.

²⁴⁸ AZEVEDO, 1982, p. 15.

tempo que narra o comércio escravista na cidade, e a alegria quando do momento de redenção:

A cabocla é vendida a quem der maior lance!
 Despem-na, como outrora, à helênica Frineia...
 Nem Castro Alves sonhara o trágico romance,
 cujo enredo equivale a mais rubra epopeia!
 [...]
 Mas Redenção que se aguardava, há muito, ansiosa,
 mal a aurora rompeu do ano de oitenta e três
 quis por seu turno a rebelião e, mais gloriosa
 que o resto do Brasil, proclamara-a de vez!
 [...]
 Todas as ruas se embandeiraram de mil cores,
 é impossível supor a alegria geral...
 Atapetam-se, em cheio, as calçadas de flores,
 dizem velhinhos: – Nunca houve festa igual!
 [...]²⁴⁹

A imprensa operária cearense também louvou a abolição da escravatura no estado, como sinônimo de civilidade, conforme artigo d’*O Operário*:

O Ceará, um punhado da imensa terra brasileira, foi o primeiro a empunhar a espada para abater o gigante que retinha a sua civilização debaixo das cadeias de aço com o nome execrado de escravidão. [...]

Não estamos com o espírito eivado de bairrismo para não enxergarmos direito, mas ninguém desconhece que o exemplo do Ceará quebrando as cadeias manietar seus filhos [...] expurgou o cancro que nos privava de tomar parte no banquete da civilização.²⁵⁰

Com o povo de sua cidade, porém, parece o poeta viver uma contradição. Para ele, de volta ao *Musa Risonha* (1920), tratava-se de um

Povo ingrato, o de minha santa terra,
 povo que só venera a burguesa,
 povo que desconhece o bem que encerra
 uma estrofe de amor e de poesia! (8)²⁵¹

No caso, a inconformidade do poeta com seus concidadãos estava no fato de eles, primeiramente, venerarem a burguesia – contra a qual o poeta se colocava, por exemplo, quando diz sobre sua gargalhada ser “uma lança medonha e inquebrantável/ com que firo os ouvidos dos burgueses” (5)²⁵² – e, em segundo lugar, por não terem a sensibilidade de reconhecer o valor da poesia, apontando, aí, talvez, para uma falta de reconhecimento do seu trabalho poético.

²⁴⁹ AZEVEDO, 1986, pp. 140-145.

²⁵⁰ *O Operário*, ano I, nº13, 24/05/1892 *apud* GONÇALVES *op. cit.*, p. 453.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 74.

²⁵² *Ibid.*, p. 73

Na estrofe seguinte, porém, ele cria uma adversativa para fazer uma ressalva dos seus sentimentos em relação ao povo que ali vivia:

Contudo quero um bem extraordinário
à minha terra com seu povo, enfim
que hoje, se me assemelha áureo santuário
cuja porta se fecha para mim²⁵³.

A cidade, agora elevada à condição de santuário, como acontece quando deixamos a nossa cidade natal, imortalizando-a como um lugar sagrado, ideal, belo e um refúgio, mostrava-se, ao mesmo tempo, fechada para ele: tanto porque não podia mais voltar, visto que já se encontrava estabelecido na capital Fortaleza, quanto fechada no sentido de não se abrir à apreciação da (sua) poesia.

O poeta encerra esse assunto pintando, mais uma vez, com palavras, a paisagem do lugar. O tom é elevado, erudito, de sincera nostalgia:

Ainda lhe vejo as serras azuladas
como um cetíneo e diáfano lençol
que se esfizesse em lâminas prateadas
aos ósculos de luz do ardente sol... (10)²⁵⁴

O emprego dos adjetivos “azulada”, “cetíneo”, “diáfano”, “prateadas”, “ardente”, relacionados “às serras”, demarcam esse tom elevado, na medida em que eles desenham uma paisagem séria, colorida e amorosa da cidade de Monte Alegre, evocando um imaginário positivo do lugar. O advérbio temporal “ainda”, por outro lado, também assinala que, passado tanto tempo, aquela imagem permanecia atravessando a memória e os sentidos do poeta, sempre saudoso do lugar de onde veio.

Por falar em origem, a ascendência do poeta também ganha destaque na sua autobiografia em verso. Além da referência ao pai, como já mencionamos, Otacílio de Azevedo dedica uma estrofe à sua mãe, Felismina Maria da Conceição:

Mamãe, prima primeira de Jesuíno
Brilhante – cujos feitos são louvores,
branca, de olhos azuis, cabelo fino,
era dos Paivas de Pajeú das Flores (15)²⁵⁵

Diferente das adjetivações atribuídas ao pai – definido como homem “que da arte de ser bom soube o segredo”, “homem santo” e “um talento incompreendido” –

²⁵³ *Ibid.*, p. 74.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 74.

²⁵⁵ *Ibid.*, p. 75.

qualidades, portanto, psicológicas, o poeta qualifica a mãe apenas pela aparente beleza física “branca, de olhos azuis, cabelo fino” e pela sua ascendência, como a louvável particularidade de ser prima de primeiro grau de Jesuíno Alves de Melo Calado, ou Jesuíno Brilhante, considerado o primeiro cangaceiro do sertão nordestino, conhecido por ser uma espécie de Robin Hood, que tirava dos ricos para dar aos pobres.²⁵⁶ Acresce-se a isso, o fato de ser ela da família dos Paivas, de Pajeú das Flores, no estado de Pernambuco. Sobre sua personalidade ou características psicológicas, contudo, nada ficamos sabendo, o que revela, talvez, uma diferença no trato do feminino em comparação ao masculino.

Das famílias Feitasas e Ferreiras,
Brilhantes, Paivas e Azevedo, enfim,
sou rebento carnal. Horas inteiras,
botei dois a correr... atrás de mim! (16)²⁵⁷

Assim, define o poeta a sua linhagem. Ainda sobre ela, chama a atenção o momento em que Azevedo menciona o fato de quase não ter nascido se o pai, que “cursou tanto tempo o Seminário”, tivesse sido, “em vez de professor, simples vigário”:

Ah, se ele se ordenara eu não teria
Nascido... Mas no meu modo de ver,
segundo Allan Kardec, nasceria
mesmo mamãe não tendo de nascer... (14)²⁵⁸

Flertaria, o nosso poeta, com o espiritismo kardecista? Possuía algum credo? Algumas estrofes remetem à questão da religiosidade na poesia otaciliana, como expressa abaixo:

Não acredito mais em S. Francisco
e esvaziei da inocência o último alforje...
Ah! dias em que eu via no áureo disco
da lua, a imagem do Senhor S. Jorge! (44)
[...]
Na estranha confusão que me verruma,
de espíritas, católicos, ateus,
protestantes, e mil dogmas em suma,
creio que existe apenasmente Deus! (46)²⁵⁹

²⁵⁶ Para mais informações a respeito dessa figura mítica, ver artigo de Wallysson Maia para o Jornal da Tribuna: <https://jornaltribuna.com.br/2021/03/quem-foi-jesuino-brilhante-o-primeiro-cangaceiro-da-historia/> acesso em 05/03/2023 às 19h40.

²⁵⁷ *Ibid.*, p. 75.

²⁵⁸ *Ibid.*, p. 74.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 79.

O poeta coloca-se, portanto, na posição de alguém que se desprende da religião e, mais do que isso, dos dogmas. Não se considera nem espírita, nem católico, nem ateu, nem protestante, visto que crê única e exclusivamente em Deus – aqui, provavelmente o Deus cristão. Para ele, a crença nos santos – São Francisco e São Jorge, por exemplo – cuja imagem observava na lua, também não passava de inocência, deixada para trás com o amadurecimento.

O que o faz amadurecer é, sem dúvidas, além das perdas e da pobreza, a iniciação precoce no mercado de trabalho. Sem dogmas para se prender e com o pão a se ganhar, restava ao jovem Otacílio de Azevedo encontrar o próprio sustento. Assim foi que

De oito anos aos quatorze – funileiro,
De quatorze aos dezoito – copiador
de retratos e, agora, por terceiro,
sou fotógrafo, poeta e sou pintor... (32)²⁶⁰

Como muitos meninos pobres do interior do Ceará no início do século XX, Otacílio de Azevedo não teve o direito de escolher a escola em detrimento do trabalho. Naquela época, esta não era sequer uma escolha, mas sim uma condição, conforme discutido no capítulo anterior desta dissertação. Assim foi que, aos oito anos de idade, quando ainda criança, já se expunha ao trabalho com chapas de metal, trabalho que faria até o início da adolescência, aos quatorze anos de idade.

Essa prática do trabalho infantil encontra precedentes na História, por exemplo, através dos documentos lidos por Karl Marx em *O capital* (2019), no qual o filósofo alemão esboça a jornada de trabalho excessiva daquelas crianças que, durante muito tempo, por ser mais barata, era mais vantajosa para os patrões.

Crianças entre 9 e 10 anos de idade são arrancadas de suas camas imundas às 2, 3, 4 horas da manhã e forçadas a trabalhar, para sua mera subsistência, até as 10, 11, 12 horas da noite, enquanto seus membros se atrofiam, seus corpos definham, suas faces desbotam e sua essência humana se enrijece inteiramente num torpor pétreo, cuja mera visão já é algo terrível. Não nos surpreende que o sr. Mallett e outros fabricantes se manifestem em protesto contra qualquer discussão sobre esse assunto [...] ²⁶¹.

Negado ao nosso poeta o acesso à escola, restou a ele, rebelde que era, instruir-se por conta própria. A esse respeito, ele nos conta:

Nunca transpus as portas de uma escola,

²⁶⁰ *Ibid.*, p. 77.

²⁶¹ MARX, *op. cit.*, p. 404.

O pouco que aprendi só a mim devo...
 Escrevo andando... e enche-se-me a cachola
 de ideias, cada vez que, andando, escrevo. (53)²⁶²

Autodidata, nunca frequentou a escola, mas soube a vida toda conciliar o trabalho do braço com o do cérebro – parafraseando Edgar Rodrigues²⁶³ – empregando-se em ocupações que despendiam algum trabalho braçal – para as quais foi funileiro, caixeiro, pintor de letreiros de lojas e tabuletas de cinema, decorador de paredes, porteiro, operador de cinema – e lhe exigiam, além do corpo, alguma subjetividade, para as quais foi fotógrafo, poeta, cronista e pintor de retratos e de paisagens.

Numa de suas principais ocupações, isto é, na condição de pintor – a que se dedicaria até o fim da vida – Otacílio de Azevedo, em 1914, empregara-se na *Companhia de Bondes Ceará Light Tramways and Power Co. Ltda*, onde executava, nas palavras dele, um “serviço [...] dos mais pesados nas dez longas horas de labuta”²⁶⁴. Nesse trabalho, “penoso e demorado”, nosso pintor “absorvia todo aquele pó vermelho da tinta básica, que se localizava nos meus brônquios, provocando-me escarros sanguinolentos como os dos tuberculosos”²⁶⁵.

Mas foi “nos intervalos desse serviço estafante e perigoso”, que nosso poeta escreveu, “escondido dos patrões ingleses, dentro das enormes valas onde os bondes estacionavam para receber reparos”, seu “segundo livro de poesias, ‘Alma ansiosa (1918)’”²⁶⁶. O referido livro também é mencionado no *Musa Risonha* (1920), símbolo da resistência de um operário sobre as forças brutais daqueles que julgavam que operário não deveria fazer poesia.

Publiquei, há dois anos, “Alma Ansiosa”,
 livro que fala de ânsias e desejos
 e retrata a saudade dolorosa
 de um passado de amor, fundido em beijos! (47)²⁶⁷

À *Ceará Light*, empresa na qual Otacílio escreveu o seu primeiro livro, o autor dedica, com seu olhar crítico e ao mesmo tempo poético, alguns quartetos, revelando a rotina e os percalços por que passava.

²⁶² AZEVEDO, 1986, p. 80.

²⁶³ RODRIGUES, Edgar. “Prefácio”. In: GONÇALVES, A.; SILVA, Jorge E. (orgs.) **A imprensa libertária no Ceará: 1908-1922**. Fortaleza: Imaginário, 2000, p. 10.

²⁶⁴ AZEVEDO, 2012, p. 101.

²⁶⁵ *Ibid.*, p. 101.

²⁶⁶ *Ibid.*, p. 101.

²⁶⁷ AZEVEDO, 1986, p. 79.

Empreguei-me na “Light” o longo espaço
de três anos brutais, consecutivos,
as forças diminuindo no cansaço
ante um grupo integral de homens cativos.

[...]

Nos pesados labores cotidianos
eu sempre tive a pretensiosa astúcia
de comparar-me a Gorki, aos dezoito anos,
ante a miséria colossal da Rússia.

E ficava-me, absorto, horas perdidas,
a sonhar com o Kuvalda e outros, a esmo
e voltava, chorando tantas vidas,
à triste realidade de mim mesmo...

[...]

Contristava-me a vida de operários
julgados ao labor, de unhas e dentes,
ante a miséria horrenda dos salários
e a revolta final dos impotentes!²⁶⁸

Aqui, Azevedo recorre às rimas ABAB, combinando ora substantivos com substantivos, como em “espaço” (v.1) e “cansaço” (v.3); “astúcia” (v.6) e “Rússia” (v.8); “operários” (v.13) e “salários” (v.15); ora combinando adjetivos com adjetivos, como em “consecutivos” (v.2) e “cativos” (v.4); ou ainda combinando substantivos com adjetivos, mesclando, nesse caso, diferentes classes gramaticais (rimas ricas), tais como em “cotidianos” (v.5) e “anos” (v.7); “perdidas” (v.9) e “vidas” (v.11), “dentes” (v.14) e “impotentes” (v.16).

Além disso, chama-nos a atenção no excerto destacado as referências que o poeta faz à Rússia e a um dos principais nomes da sua poesia, Máximo Gorki. Esse estreitamento que Azevedo faz se deve porque, assim como ele, o poeta russo, antes de se tornar poeta, teve também uma vida laboriosa de trabalhador do braço e do cérebro, ocupando-se, desde a infância, em cargos como sapateiro, desenhista e lavador de pratos, o que aponta, nesse caso, para uma identificação que provavelmente lhe servia de inspiração, embora julgasse a aproximação pretensiosa. Ainda sobre essas referências, cabe destacar a que Azevedo faz ao citar Kuvalda, um dos personagens de Gorki, demonstrando que, além de admirador, era também exímio leitor de sua literatura, fato que comprovaremos mais adiante.

É interessante também destacar que, ao mesmo tempo que se coloca na posição, segundo ele, pretensiosa de se aproximar do poeta Gorki, o eu-lírico não deixa de se identificar como membro da classe operária, a qual vivia as consequências da exploração capitalista, identificada, no poema, através de versos

²⁶⁸ *Ibid.*, p. 78.

como “a miséria horrenda dos salários” (v. 15). Nesse plano, Azevedo faz um movimento muito interessante de se aproximar, ao mesmo tempo, do intelectual, sem se distanciar do trabalhador, figuras as quais ele assumia como sua identidade e, por isso mesmo, as corporificava.

Essa identificação do poeta enquanto trabalhador aparece explicitamente na estrofe:

Dentre o estreito cubículo asfixiante
semelhávamos, nós trabalhadores,
todo o quadro sombrio e agonizante
que há nas páginas reais de “Amassadores”. (41)²⁶⁹

A referência à obra de Máximo Gorki, que o poeta referencia repetidas vezes, aproxima o que é fato e real do que é imaginário e artístico. Essa aproximação aponta para uma capacidade de elaboração inventiva e criadora de Otacílio de Azevedo que via, até mesmo nas dificuldades, a possibilidade de explorar o seu senso estético. Com um olhar capaz de conectar reiteradamente a pintura à literatura, e esta àquela, o poeta, por meio do abuso de adjetivos, desenha aquele cenário torpe: era um lugar “estreito”, “asfixiante”, “sombrio” e “agonizante”, para, através da arte, ilustrar o que lhe era real.

A esperança de melhorias, contudo, não aparecia. Na estrofe seguinte, continuando sua aproximação com a obra russa, o poeta cita algumas personagens para elaborar as dificuldades enfrentadas:

Em vez de Tânia, vinha ter conosco
toda alegre e jovial, dona Esperança;
mas, vendo o nosso abrigo úmido e tosco,
achou de bem fazer uma mudança

e ficar mesmo perto da oficina
para aumentar meu desespero inglório,
ao contacto aromal da gente fina
– todos os empregados do Escritório! (42)²⁷⁰

Para a infelicidade e desespero do poeta, a esperança preferiu ficar perto da oficina, onde os empregados do escritório, todos bem perfumados, ficavam.

Ainda sobre a jornada brutal, à que dedicaria três anos de sua vida, Azevedo aponta que o pior do trabalho não era a penosidade, a insalubridade e o salário

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 78.

²⁷⁰ *Ibid.*, p. 78.

vergonhoso, mas “a ausência completa de justiça ou de caridade por parte dos donos da Companhia”²⁷¹. Conta ele, lembrando-se de um episódio:

certa vez um dos operários sofreu um acidente: um grande choque o projetou dentro de uma vala e ele quebrou uma perna. Durante algum tempo ele viveu de pequena parte dos nossos salários; nós nos cotizávamos e ele recebia, agradecido, a nossa esmola. Graças a isso não morreu de fome junto à família. Um dia, ele voltou ao trabalho e ao entrar, mancando um pouco, um dos ingleses, em sua fala arrevezada, declarou que ele estava na rua – não queriam, ali, aleijados. Não havia, àquele tempo, amparo legal ao trabalhador no Brasil²⁷².

A experiência na companhia de bondes lhe foi tão marcante que, cinquenta anos depois da publicação de seu livro de poemas *Musa Risonha* (1920), em que dedica alguns versos à *Ceará Light*, como expresse acima, o poeta escreveu o poema “Aquela lamparina” (1969), no qual recorda a vida naquela companhia.

Quando eu era rapaz e me fiz poeta,
obedecendo aos trâmites da sina,
meus versos escrevia à chama inquieta
de fumarenta e velha lamparina...

Todo o passado, agora, se projeta
como um caleidoscópio na retina
dos olhos d’alma numa dor secreta
que os meus cinco sentidos alucina.

Tudo o que amo e em que os olhos trago imersos
lembra a antiga candeia enferrujada
que iluminara os meus primeiros versos...

Tudo o que me envaidece hoje eu daria
por ela, os meus troféus, a obra premiada,
ou mesmo a glória, se a tivesse um dia!....²⁷³

É à lamparina da companhia, portanto, à que Otacílio de Azevedo dedica toda a sua glória de poeta. Ainda que o trabalho nesta empresa tenha sido estafante, foi nela, não em outra, que ele começou a rabiscar os primeiros versos, os quais fariam dele um símbolo da poesia cearense, ainda que, nesta realidade, ele tenha sido apenas uma exceção.

Àquelas figuras desprezíveis, como o eram seus patrões, Otacílio de Azevedo dedicava sua gargalhada:

A minha gargalhada inimitável,
que tem sido invejada tantas vezes,
é uma lança medonha e inquebrantável

²⁷¹ AZEVEDO, 2012, p. 103.

²⁷² *Ibid.*, p. 103.

²⁷³ AZEVEDO, 1986, p. 225.

com que firo os ouvidos dos burgueses!²⁷⁴

As referências à voz do autor são recorrentes no poemeto. Além da estrofe citada acima, o poeta diz em outros momentos:

Em ré-maior canto qualquer modinha.
tão formidando, às vezes, é o meu berro,
que (danada de raiva) uma vizinha
jurou que meu pulmão fosse de ferro!
[...]
No dia em que encontrar quem m'a suplante,
na mais obscena e sórdida espelunca
mergulharei e, oh! céus! desde esse instante,
por toda a vida, não rirei mais nunca!²⁷⁵

O eu-lírico refere-se à sua voz como “o meu berro”, “a minha gargalhada inimitável” e “uma lança medonha e inquebrantável” capaz de causar a ira da vizinhança, a inveja dos que ousam imitá-lo e ainda a cólera dos burgueses. Para o poeta, a única coisa que poderia calá-lo seria alguém capaz de alcançar e superar a sua risada, pois, nesse instante, perderia o riso.

Mas, apesar de todos os percalços que o trabalho na Companhia de Bondes lhe impunha, como os versos dedicados à *Ceará Light* nos mostram, foi no período em que esteve empregado lá que Otacílio mais leu, ainda que sob péssimas condições: “muitas vezes lia à noite inteira à luz de fumarenta lamparina de querosene e às cinco da manhã corria ao emprego, chegando na hora exata”²⁷⁶; tarefa que só foi possível com a ajuda do seu amigo e pequeno comerciante, Abraão Carvalho, que “possuía uma grande biblioteca”²⁷⁷, a qual pôs à sua inteira disposição.

Em *Musa Risonha* (1920), o eu-lírico também faz referência às suas leituras. Ele diz:

Diabos levem Camilo Flammarion,
Tolstoi, Voltaire, Cervantes e Lombroso,
que fizeram perder todo o bom-tom...
das antigas histórias de Trancoso... (49)²⁷⁸

O contato com os grandes autores da literatura (Tolstoi, Voltaire, Cervantes) e das ciências (Flammarion e Lombroso) fez com que as antigas histórias infantis (como as de Trancoso) deixassem de ser de grande relevância, visto que, agora,

²⁷⁴ *Ibid.*, p. 73.

²⁷⁵ *Ibid.*, p. 73.

²⁷⁶ AZEVEDO, 2012, p. 90.

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 67.

²⁷⁸ AZEVEDO, 1986, p. 79.

sua alma se encontrava despertada para questões mais maduras. Chama a atenção também o fato de Flammarion ser, além de astrônomo, um dos principais divulgadores do Espiritismo, o que corrobora com a tese de que nosso poeta era leitor dessa vertente.

4.4 A formação do poeta e intelectual Otacílio de Azevedo

Em um poema inédito, intitulado “Café Riche” – um dos principais pontos de encontro de intelectuais no centro de Fortaleza no primeiro meado do século XX – presente na coletânea *Trigo sem Joio*, organizada pelo filho do autor, Sânzio de Azevedo, Otacílio menciona também suas experiências de leitura e de escrita e, de modo especial, de contato com os intelectuais cearenses que moldaram a sua formação de poeta.

A lembrança é uma pintora
que pinta bem direitinho,
e além da tinta ainda doura
estradas que eram de arminho...

Oh! que saudades supremas
do tempo em que, mesmo mixe,
eu lia aos outros meus poemas,
às mesas do Café Riche!

Em frente, à banca oitavada,
monóculo e gesto Ilhano,
barba negra derramada
à camisa, o José Albano..

Cruz Filho, Antonio Furtado,
Ivo Bleasby e Irineu Filho,
Carlos Gondim... Um passado
cheio de glória e de brilho!

Veza por outra como um risco
de luz que viesse de um astro,
já transformado em corisco
– o poeta Luís de Castro!...

[...]
Sílvia Julio, historiador,
Beni Carvalho, alma inquieta,
eu ainda era só pintor,
começava a ser poeta!²⁷⁹

Nos versos, o poeta rememora os momentos em que lia aos amigos os seus primeiros poemas nas mesas do *Café Riche*. Naquela época, era ainda o jovem Otacílio “só pintor”, e estava apenas, nas palavras dele, começando a ser poeta.

²⁷⁹ AZEVEDO, 1986, p. 211.

Para a missão, compartilhava a palavra e a escuta com outros intelectuais e poetas que ocupavam o mesmo espaço. A lista era grande: José Albano, Cruz Filho, Antonio Furtado, Ivo Bleasby, Irineu Filho, Carlos Gondim, Luis de Castro, Mario da Silveira (a quem dedica *Sugestão do Luar* (1921), Herman Lima, Sidney Neto, Jáder de Carvalho, Mozart Pinto, Quintino Cunha, Rubens Falcão, Mário Linhares, Júlio Maciel, Dartagnan, Soares Bulcão, Sílvio Julio, Beni Carvalho, Raimundo Varão, Leão de Vasconcelos, Sabóia Ribeiro, Sales Campos, Clóvis Monteiro, Genuíno de Castro e Antonio Sales, poetas os quais são mencionados nas vinte e uma estrofes que compõem o poema em questão. Ao revisitar o passado, Azevedo nos mostra aqueles poetas e amigos que contribuíram para a sua formação. Alguns, famosos até hoje na literatura cearense; outros, esquecidos pelo tempo e pela historiografia. Todos, porém, marcantes para a vida e obra do pintor-autor.

Semelhante a um grande cálix,
símbolo da admiração,
que bom que era o Antonio Sales
para a nossa formação...

A esse tempo, em discussões,
uns por menos, outros mais,
líamos as produções
do padre Antonio Tomás.

Tudo passou... Uns morreram,
outros já estão bem velhinhos:
– são rosas que emurcheçeram
dentro dos próprios espinhos!...²⁸⁰

Na *Fortaleza Descalça* (2012), o poeta narra que, “ledor incansável de tudo que me caía às mãos, era a poesia, de todas as artes a que mais me elevava o espírito. A poesia de Cruz Filho, perfeita, me transportava ao mundo helênico onde eu esquecia as agruras de uma vida de pobreza e sacrifício”²⁸¹. Nesse sentido, a poesia tinha para o nosso poeta o poder também de ser um antídoto para os males que o afligiam.

Além da leitura e das trocas com seus pares de Fortaleza, Otacílio de Azevedo foi, conforme mencionado em momentos anteriores, fortemente influenciado pela poesia e história de vida do escritor russo Máximo Gorki. Esse encontro foi intermediado por Raimundo Varão, que, com frequência, pedia ao jovem Otacílio que fosse até a *Livraria Banco do Ceará* “comprar-lhe um livro de Máximo

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 213.

²⁸¹ AZEVEDO, 1986, p. 210.

Gorki, recentemente traduzido e intitulado *Os Degenerados*²⁸². Esse passeio, segundo relato das crônicas reminiscentes, não era eventual: “Fui novamente lá [...] e do mesmo autor, outro livro, desta vez, *Os ex homens*”. Varão fazia apenas uma ressalva: que “o tradutor devia ser o Moraes”²⁸³.

A literatura russa era, a julgar pelas declarações de Azevedo e pela recorrência dos pedidos, de muita estima para o amigo e companheiro de trabalho: “Com o decorrer dos anos ainda comprei para o poeta Varão vários livros de Máximo Gorki – *Na Prisão, Os Amassadores*; de Liev Tolstoi, *Anna Karenina, Ressurreição e Últimas palavras*”²⁸⁴.

O local frequentado por Otacílio de Azevedo, para satisfazer os desejos de Varão, era a *Livraria Imperial*, ou, como era chamada, a *Imperial Porta* – “o último refúgio dos intelectuais da terra” – e também a “única livraria que ostentava uma vitrine inteira com obras publicadas no Ceará”²⁸⁵. No balcão, o caixeiro responsável por atender os pedidos de Azevedo era Clóvis Mendes, o qual “não era apenas um vendedor de livros. Era um livreiro na moderna acepção. Conhecia o produto que vendia – apontava-o, discutia-o. Orientava e escolhia-o”²⁸⁶, o que ilustra com beleza a formação intelectual dos caixeiros e livreiros à época.

O sucesso de Máximo Gorki na biblioteca particular de Raimundo Varão (a que Otacílio de Azevedo possuía irrestrito acesso) e a facilidade de encontrar os livros do autor, inclusive de obras recém traduzidas e lançadas, conforme vimos, dão conta da ampla circulação de Gorki e de outros escritores russos nos espaços de leitura e de socialização do livro na cidade de Fortaleza no primeiro quarto do século XX. Isso se confirma na medida em que a Otacílio não foi solicitado que comprasse apenas um livro do autor de *Os Amassadores*. Pelo contrário, o poeta cearense foi repetidas vezes à *Imperial* e não relatou em nenhum momento voltar de mãos vazias. Antes disso, teve acesso a variados títulos do referido autor.

Na imprensa cearense, no período estudado, vemos repetidas vezes menções ao nome de Gorki. O jornal *A Nota*, por exemplo, anuncia, em chamada do dia 07 de outubro de 1917, a expulsão do escritor russo de seu país, para o jornal, “a mais brilhante figura do revolucionário país dos estepes”. Já o *Jornal do Ceará* traz

²⁸² *Ibid.*, p. 52.

²⁸³ *Ibid.*, p. 52.

²⁸⁴ *Ibid.*, p. 52.

²⁸⁵ *Ibid.*, p. 54.

²⁸⁶ *Ibid.*, p. 54.

ao público nota a respeito do julgamento de Gorki em 17 de Abril de 1905 e sua expulsão do comitê dos democratas russos em matéria do dia 15 de dezembro de 1909. A *Lucta*, de Sobral, traz, por sua vez, em matéria curiosa, a resposta do “célebre escritor russo” a um jornalista que, prevendo sua morte, pediu-lhe “umas notas biográficas”, no que Gorki, pegando um papel, respondeu-lhe, mais ou menos como Otacílio de Azevedo fez em seu *Musa Risonha*:

1862: nascido em Nijni-Novgorod
 1878, aprendiz de sapateiro.
 1879, aprendiz de desenhador.
 1880, ladrão.
 1880 (bis), creado de bordo
 1883, operario em uma fabrica de biscoutos.
 1884, carregador.
 1885, ajudante de padeiro
 1886, comparsa de teatro.
 1887, vendedor ambulante de fructas
 1888, tentativa de suicidio.
 1889, britador de pedras da estrada de ferro.
 1890, escrivão de advogado.
 1891, operario em uma salina.
 1891 (ainda), vagabundo
 1892, publica a primeira novella >>Marka Ciuda<<
 1893, a celebridade, a riqueza!
 E, talvez de aqui a alguns dias se feche a lista com 1914 – a morte!²⁸⁷

O *Jornal* (1932-1935) traz, em crônica de Abdias Lima, de 12 de fevereiro de 1932, o relato do articulista afirmando que tem sobre sua banca de trabalho dois livros: “Candido”, de Voltaire, e “Lenine”, de Máximo Gorki: “me ajoelho ante estas duas histórias maravilhosas da literatura universal”.

O jornal *A Razão* (1929-1938), por outro lado, anunciou a morte do escritor russo em coluna no dia 19 de Junho de 1936. Além disso, em agosto, trouxe, em três colunas dos dias 02, 07 e 08, textos escritos e publicados pelo autor em seu jornal *A Vida Nova*, a respeito do bolchevismo. Essas menções reiteram que o nome de Gorki era comum na imprensa do estado, assim como nas bibliotecas, livrarias e em outros espaços de circulação da palavra e do livro.

Na imprensa de feição operária, vemos n’*A Voz do Graphico* o louvor ao autor russo: “Brilhante, sublime e nobre, ao lado da personalidade máscula de Máximo Gorki – essa alma bondosa e simples (...)”. A própria nomeação de um clube, o *Clube Socialista Maximo Gorki*, dá conta desse apreço e envolvimento de parte dos trabalhadores com o autor e suas ideias.

²⁸⁷ A *Lucta*, Sobral, 07 mai. 1914.

Como Otacílio, Gorki foi um importante escritor, também trabalhador, que fez o trabalho do cérebro em consonância com o do corpo. Nascido na Rússia, em 1868, teve uma infância difícil, marcada pela miséria:

ele mesmo chamou ironicamente “as minhas Universidades” àqueles anos de ajudante de cozinheiro nos navios do Volga, jardineiro, padeiro, vendedor de frutas, ferroviário, anos de vagabundagem do bosiak, em cuja inquietação se confundem o destino do proletário sem lar e o instinto nômade do eslavo (CARPEAUX, 2008, p. 320).

A história de vida do autor de *Minhas Universidades* e sua insubordinação ao trabalho mecânico, sem imaginação e fantasia, influenciaria enormemente a trajetória do poeta cearense. Além de Gorki, porém, tomamos nota de outras leituras de Azevedo, como o caso de Tolstói, também russo; de vários clássicos da literatura portuguesa, tais como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro; dos naturalistas Aluísio Azevedo e Coelho Neto; dos parnasianos Olavo Bilac e Raimundo Correia; do simbolista Cruz e Sousa; do francês Victor Hugo, dentre outros. Era também leitor de folhetim, o que sabemos quando relata: “tive em minha vida momentos aventurecos semelhantes àqueles descritos em romances folhetinescos, como os de Alexandre Dumas, Michel Zevaco e Conan Doyle”²⁸⁸. Ora,

Como bem reconheceram os livros de memória e a historiografia literária cearense, a circulação dos textos de autores ligados a diferentes escolas filosóficas e literárias, do Ultra-Romantismo ao Decadentismo-Simbolismo, como Schopenhauer, Baudelaire, Mallarmé e Antônio Nobre, foi marcante entre os poetas de Fortaleza na virada do século XIX para o século XX (Azevedo, 1992 e Azevedo, 1996). Certamente, essas obras que chamaram a atenção pela crítica ao cientificismo, materialismo, evolucionismo e ao positivismo “que conduziram a literatura e a arte para o caminho do anticientismo, da imaginação e da intuição” (Moretto, 1989. p. 24), foram lidas, apreciadas e seus conteúdos semânticos absorvidos por inúmeros leitores de Fortaleza naquele período, que passaram a ensaiar seus versos e rimas após a aquisição junto às livrarias e empréstimos às bibliotecas nas instituições ou entidades que freqüentaram²⁸⁹.

Assim formou-se Otacílio de Azevedo. Não formalmente, nos bancos escolares ou numa universidade, como alguns dos poetas citados por ele, muitos dos quais pertencentes às classes mais abastadas de Fortaleza, mas por meio do autodidatismo, dos círculos de leitura, das discussões em torno dos livros, das tertúlias literárias, práticas muito comuns na Fortaleza deste século. Prova disso é o número significativo de cinemas e cafés localizados no centro da cidade, onde intelectuais e curiosos se reuniam para ler e discutir os poetas vivos e mortos.

²⁸⁸ AZEVEDO, 2012, p. 83.

²⁸⁹ PASSOS, *op. cit.*, p. 135.

Na crônica “Minha chegada a Fortaleza”, presente no livro de reminiscências *Fortaleza descalça* (2012), Otacílio de Azevedo menciona o espanto com a movimentação da “cidade grande” e as aventuras que viveu na companhia do irmão ao desbravar, logo nos primeiros dias de sua chegada, os espaços que a cidade ofertava:

No outro dia, sol a pino, visitamos a Praça do Ferreira, onde tomamos um refresco no Café do Comércio, artístico quiosque feito de madeira. Havia outros, um em cada esquina da Praça: Café Java, Café Elegante e Restaurante Iracema. [...]

À porta do cinematógrafo – o *Amerikan Kinema*, ouvia-se uma campanha, anunciando o início da primeira sessão. [...]

Nos lugares hoje ocupados pelo Banco do Brasil e o edifício dos Correios e Telégrafos, havia dois quiosques redondos [...] um deles era o *Café Fênix*.

Na Rua Formosa, hoje Barão do Rio Branco, perto da esquina com São Paulo, ficava o *Cinematógrafo Rio Branco*, de Henrique Mesiano.[...]

Frequentamos o *Cinema Julio Pinto*, na rua Major Facundo, em cuja classe havia uma cacimba coberta por um tablado e sobre o qual ficava a orquestra. [...]

No quinto dia fomos ao *Cinema Di Maio*, situado vizinho ao famoso *Art Nouveau*. [...] ²⁹⁰

Outra prova cabal desse clima boêmio é que o jovem Otacílio (quando chega a Fortaleza em 1910 tinha apenas 18 anos) podia encontrar, sentada nos bancos das praças, uma verdadeira multidão da qual “uns liam *O Malho*, outros a *Leitura Para Todos*, outros ainda o *Jornal do Ceará* ou *A República* (este, jornal do presidente do Estado, dr. Antonio Pinto Nogueira Acioli)²⁹¹. O próprio autor também fazia parte do grupo: “Depois, sentados nos duríssimos bancos de ripas da Praça do Ferreira, líamos *O Malho*, divertindo-nos com as aventuras do Zé Caipora, escritas e desenhadas por Angelo Agostini”²⁹².

Como funcionário de um daqueles cinemas, o cinematógrafo Julio Pinto, o primeiro do tipo falado de Fortaleza, relata o nosso poeta:

O cinema empregava dois pintores de tabuletas, um rapaz chamado Alfredo e eu. Cabia-me a parte mais difícil e trabalhosa: eu reproduzia ali, com tinta à cola, retratos dos artistas preferidos, então: Tom Mix, Harold Lloyd, Max Linder, Charles Chaplin [...], além dos emblemas das fábricas em evidência, a “Monogram”, a “Nordisk”, a “U. F. A.”, a “Pathé”, a “Biograph”²⁹³.

²⁹⁰ AZEVEDO, 2012, p. 39.

²⁹¹ *Ibid.*, p. 40.

²⁹² *Ibid.*, p. 42.

²⁹³ *Ibid.*, p. 46.

Ainda sobre a Fortaleza do primeiro meado do XIX, relata Otacílio de Azevedo:

No Café do Pedro Eugênio recitava-se, cantava-se, falava-se de política. Muitas vezes a conversa esquentava e atravessava a noite inteira. Discutiam com ardor Walter Pompeu, Moésia Rolim, Moacir Caminha, Juarez Castelo Branco, José Leví, Eurico Pinto, Chammarion, Quintino Cunha, Ulisses Bezerra, Oscar Domingues e muitos outros²⁹⁴.

Mas o que leva pessoas como Otacílio de Azevedo, que nunca frequentou a escola e cuja vida era atravessada pelo trabalho por vezes estafante e perigoso, a escrever literatura? Como uma arte, que tem algumas das formas mais baratas de concepção²⁹⁵, o que deveria fazer dela, portanto, uma forma de expressão artística acessível, é, historicamente, apropriada²⁹⁶ por poucos? Por que Otacílio de Azevedo é uma exceção e não parte da regra?

Para Foucault (1996), a produção dos discursos, em toda sociedade, “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”²⁹⁷. Isso implica afirmar que “não (se) tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”²⁹⁸.

Regina Dalcastagnè (2005), lendo o filósofo francês, aponta que esse controle do discurso nada mais é do que “a negação do direito de fala àqueles que não preenchem determinados requisitos sociais: uma censura social velada, que silencia os grupos dominados”²⁹⁹. Em trabalho complementar a este, questiona-nos a autora:

Pensem no quanto é grande o desejo de escrever para que essas pessoas se submetam a isso – a fazer o que “não lhes cabe”, aquilo para o que “não foram talhadas”. Imaginem o constante desconforto de se querer escritor, ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é “muita pretensão.”³⁰⁰

²⁹⁴ AZEVEDO, 1986, p. 49.

²⁹⁵ SILVA, *op. cit.*, p. 34.

²⁹⁶ Para ler um pouco mais a respeito do conceito de apropriação aqui empregado, ver: CHARTIER, Roger. Formas e sentido – Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

²⁹⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3º ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 9.

²⁹⁸ DALCASTAGNÈ, 2005, p. 9.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 19.

³⁰⁰ DALCASTAGNÈ, 2012, p. 15..

Otacílio de Azevedo, como tantos outros, ultrapassou a barreira “dos que não podem fazer literatura”. Escreveu *apesar* do trabalho, nas mesas dos cafés, nos intervalos do labor, nos passeios pelas praças. No dia 21 de fevereiro de 1969, como gesto simbólico, mas não definidor de seu sucesso literário, entrou para a Academia Cearense de Letras, para ocupar a vaga deixada por Andrade Furtado³⁰¹. Em abril de 1978, faleceu, deixando, como fruto do seu incansável trabalho físico e intelectual, doze livros publicados.

Por tudo isso, deixar que os versos de Otacílio de Azevedo ressoem é dar vazão para que outros populares e trabalhadores possam – porque são seres humanos que fabulam e porque, sem dúvidas, estão cheios de histórias para contar – escrever literatura. Afinal, lançando mão dos versos de Manoel de Barros, “pessoas desimportantes dão para poesia”³⁰².

³⁰¹ Ver AZEVEDO, Sânzio de. Prefácio. In: **Trigo sem Joio**. Fortaleza: Sem editora, 1986.

³⁰² BARROS, Manoel de. Matéria de poesia. In: **Matéria de poesia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alaguara, 2019, p. 15.

5. CONCLUSÃO: A SEMENTE

5.1 Não se nasce poeta, torna-se

Aninha era uma empregada doméstica, meio calada e de voz abafada. Trabalhava na casa de uma escritora renomada e tinha como particularidade o gosto pela literatura. Não só isso: era uma leitora exigente. Desprezava os romances policiais e ficava insatisfeita com histórias “água com açúcar”. Nas suas palavras, gostava de coisas complicadas. À patroa, certo dia pediu um livro emprestado. Não qualquer um. Um de sua autoria. Mas, não obteve sucesso. Clarice Lispector, a patroa, “não queria atmosfera de literatura em casa”. Preferiu dar à empregada um romance policial, que, para seu espanto, Aninha classificou como “pueril”³⁰³.

O exemplo acima, extraído de duas crônicas de Clarice Lispector, servem de mote para o que o senso comum apregoa a respeito dos trabalhadores populares: são ignorantes; o que sabem é muito pouco; quando gostam de alguma arte, é sempre a mais vulgar. Os exemplos destacados nesta dissertação, porém – dentre os quais o de Otacílio de Azevedo é caso notável – evidenciam exatamente o contrário: trabalhador lê, fabula, escreve, estuda, declama, discute, se emociona com arte e, como qualquer indivíduo sensível, tem o direito de não se restringir ao que lhe é dado.

Em nossa análise, destacamos a experiência literária e autodidata do trabalhador-escritor Otacílio de Azevedo. Ele foi, antes de tudo, um trabalhador pobre, filho de pais pobres, que não herdou nenhum capital financeiro ou cultural³⁰⁴. Seu caminho em torno do livro e da literatura o fez a partir das trocas com “os amigos dos livros”, nas rodas de conversas, nos passeios, nas visitas aos gabinetes de leitura e às bibliotecas, nos cafés, nas barbearias, nos bancos das praças, nas casas de amigos. Ali, mas também nos intervalos dos trabalhos que ocupou – foi pintor, funileiro, caixeiro, fotógrafo etc. – soube aproveitar-se da boa prosa e do contato com as leituras para fazer-se sujeito de si mesmo.

³⁰³ LISPECTOR, Clarice. “A mineira calada” e “Por trás da devoção”. In: **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 49 e 50.

³⁰⁴ Para Bourdieu (1998), capital cultural consiste em “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis” (p. 28). In: **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Mas, como poderia um simples aspirante a poeta – um pobre trabalhador, sem as vestimentas adequadas nem apadrinhamentos – vir a ser poeta, num meio moldado contra pessoas como ele? Talento seria suficiente? Esforço resolveria a questão? Conforme pontuamos, Otacílio de Azevedo não surgiu na literatura cearense do nada. Embora talentoso e esforçado, para que o autor alcançasse algum espaço e notoriedade na cena local, uma série de fatores colaboraram, advindos, sobretudo, de uma série de mudanças – muitas das quais surgidas da transição do rural para o urbano – que vão modificando o espaço geográfico da cidade de Fortaleza mas também as relações humanas que ali se estabeleciam.

Quando Otacílio chega a Fortaleza, as tipografias, por exemplo, já exerciam o seu trabalho, embora muitas vezes ainda de forma artesanal. A imprensa, por sua vez, funcionava a pleno vapor na capital desde os fins do primeiro meado do século XIX. A imprensa alternativa, dos trabalhadores populares como Otacílio, também possuía os seus números semanais e seus leitores (ou ouvintes) assíduos. Os livreiros, por outro lado, traziam de outras províncias e do além-mar livros, jornais, revistas, impressos enfim que ajudaram a formar os primeiros leitores da cidade. Os espaços de circulação da palavra falada e impressa, por fim, também possibilitavam que diferentes grupos circulassem pela cidade e, nesses passeios, trocassem ideias, lessem jornais, entrassem em debates, declamassem poemas.

Mas como escrever e publicar sem dinheiro? Sem ser estudante do Liceu? Sem frequentar a Faculdade de Direito? Sem apadrinhamentos? Sem as roupas adequadas para assumir o *ethos* de poeta? Como tornar-se poeta, lido e respeitado, sendo um trabalhador popular? Como incluir-se nesse meio?

Na lista de leituras referenciadas pelo autor em seus poemas, crônicas e nos depoimentos e textos críticos de terceiros, percebe-se que Otacílio de Azevedo estava sempre lendo os clássicos, lendo o que os “medalhões” da época, nas palavras dele, liam. Isso fica latente desde *Dentro do passado* (1916), seu primeiro livro, quando escreve o verso “e sentiu qual Beatriz nunca sentiu por Dante/ o mais puro e sincero e elimitado amor!”³⁰⁵. Em *Alma Ansiosa* (1918), na “Canção dos que sofrem”, quando o poeta compara: “mais atroz que o rancor que envenenou Otelo,/ mais ardente que o fogo onde expirou Sodoma”³⁰⁶, e, mais à frente, quando faz nova comparação: “buscando um novo sonho e a inspiração buscando/ como Fingal,

³⁰⁵ AZEVEDO, 1986, p. 29.

³⁰⁶ *Ibid.*, p. 53.

sozinho, a procurar Teodora”³⁰⁷, mas também no poema “Deus”, ainda no mesmo livro, quando faz variadas referências a figuras mitológicas:

[...]
A estátua de Perseu a decepar Medusa,
de Leonardo da Vinci a célebre Gioconda, [...]”
tudo que acusa o artista e a natureza acusa,
desde o sábio que pensa ao vagalhão que estronda!

“Mergulharão no horror no ciclone, desfeitas
as obras de Virgílio, Horácio, Dante, Homero,
e em mil nuvens de pó transformar-se-ão as seitas
de Inácio Loiola e Martinho Lutero.

Atlas aos ombros tendo o amplo globo do mundo,
de Rodes o colosso, o Coliseu, a Esfinge.
Desde o pequeno grão de areia, vagabundo
ao Everest, cuja frente os céus atinge!

As muralhas da China, a Notre Dame, o tecto
da Capela Sixtina, as pinturas de Goya,
de Rembrandt, de Van Dick, Apeles, Tintoretto,
– o mesmo fim terão da destruição de Tróia.³⁰⁸

Em *Musa Risonha* (1920), continua o seu largo esforço. Dessa vez, a referência fica por conta dos autores lidos:

Diabos levem Camilo Flammarion,
Tolstoi, Voltaire, Cervantes e Lombroso,
que fizeram perder todo o bom-tom...
das antigas histórias de Trancoso...
[...]
Nos pesados labores cotidianos
eu sempre tive a pretenciosa astúcia
de comparar-me a Gorki, aos dezoito anos,
ante a miséria colossal da Rússia!³⁰⁹

No poema homônimo do livro *Sugestão do luar* (1921), o poeta escreve: “na frase do imortal gênio Baudelaire.../ Quero a embriaguez da carne, a volúpia. A mulher”.³¹⁰

No livro *Réstia de Sol* (1942), o poema “Sugestão do crepúsculo” traz uma série de referências a personagens gregos, bíblicos e da literatura mundial:

Erram sombras pluviais de vultos doloridos.
Dáfinis oscula, ansioso, a boca de Cloé...
Evocando lokanaan, olhos no azul perdidos,
soluça Salomé...

É um corte infeliz de almas apaixonadas

³⁰⁷ *Ibid.*, p. 54.

³⁰⁸ *Ibid.*, p. 56.

³⁰⁹ *Ibid.*, p. 78-79.

³¹⁰ *Ibid.*, p. 87.

que viveram do amor na dourada manhã...
 Ante as róseas visões das mulheres amadas,
 agoniza Don Juan...

Ante a diafaneidade esmaecida que encanta
 e põe no poente em fogo áurea renda de luz,
 faz poesias de amor ao crepúsculo Santa
 Teresa de Jesus...³¹¹

No livro *Redenção* (1944), há outras referências a autores e personagens:

É a página de amor arrancada ao compendio
 da grandeza onde o heroísmo aliado aos corações
 suplantar no brilho o crepitante incendio
 do oiro de Ali-Babá e os quarenta ladrões!
 [...]
 Sobe o pano... O cenário é a mesma praça antiga
 do Mercado onde estão a classe pobre e a média.
 Nem Shakespeare lhes suplanta o enredo-atroz que o diga
 o exórdio principal da histórica Tragédia.
 [...]
 A cabocla é vendida a quem der maior lance!
 Despem-na, como outrora, à helenica Frinéia...
 Nem Castro Alves sonhara o trágico romance,
 cujo enredo equivale à mais rubra epopeia!
 [...]
 E a negra escravidão que a raça subjugara,
 e tornara-a oprimida e em tudo subalterna,
 era uma espécie de terror que se alastrara
 tal na Motologia o monstro – hidra de Lerna.
 [...]
 Para se descrever a miséria tremenda
 dos escravos, tal qual, precisamente foi
 fora inútil, talvez, com toda a corrigenda,
 a pena magistral do próprio Edgar Poe!

Quem o valor dirá dessa pleiade de astros
 que se empenhara em prol de redenção? Define-o
 a obra sólida e sã, que outras leva de rastros,
 desse que se chamou José do Patrocínio!
 [...]
 Terminara o furor ciclópico dos relhos.
 Fora Perseu que vendo a vil megera intrusa
 sem auxílio sequer de mágicos espelhos,
 decepara a cabeça horrível de Medusa!
 [...]
 Terra-Mãe. A sonhar com teu mundo azulado,
 de estrelas de oiro a arder na cúpula de anil!
 sem Ayescha que de mim se apiede, destronado,
 choro, como o fizera o Rei Moiro Boabdil!³¹²

Em *Desolação* (1947), vemos, no poema “Suprema glória”, referências à obra de Cervantes:

E é por isso que sou o Dom Quixote inimigo
 do agro moinho do mal, cujas moendas consomem

³¹¹ *Ibid.*, p. 109.

³¹² *Ibid.*, pp. 134-146.

da ampla seara do Bem o oiro fulvo do trigo.³¹³

No mesmo livro, em “Natal de um triste”, o poeta faz referência a um clássico da música:

Alguém canta... Os ouvidos agora, ouvem
uns prelúdios de amor tão doloridos
que acredito a única arte a de Beethoven...³¹⁴

Por fim, faz referência ao pai da filosofia, Sócrates, num poema homônimo, citando também a sua esposa, como prova de conhecimento profundo, não superficial, do filósofo:

– Sócrates fala aos crentes. É o bastante
para que se encha de um fulgor sidério
todo o sombrio cárcere asfixiante
à palavra divina que é um saltério.

Xantippa – a esposa leal, sob cautério
de uma angústia mortal traz-lhe, arquejante,
sentença de morte. E um brilho etéreo
ilumina-lhe o angélico semblante.³¹⁵

Como pode ser observado, o esforço de Otacílio de Azevedo, e a sua capacidade leitora e criadora, eram significativos. As diferenças, no entanto, eram evidentes, uma vez que, apesar da aproximação dos poetas e dos pensadores clássicos, Otacílio de Azevedo não poderia deixar de ser um trabalhador-escritor, um poeta-operário, embora seus versos muitas vezes ensaiem nos enganar.

Isso porque essa condição atravessa a forma e chega ao conteúdo, por meio da tematização do seu lugar de trabalhador-escritor. A esse respeito, Otacílio escreveu *Musa Risonha* (1920), onde essa questão é mais latente, mas também outros livros de temáticas sociais (como “Redenção”) e outros sonetos esparsos, nos quais rememora e reforça suas experiências enquanto sujeito popular e também trabalhador e trabalhador-escritor.

Aí está, talvez, a sua relevância para os estudos literários: para elaborar as suas questões e os temas caros a elas, isto é, para falar da intransigência dos padrões, dos salários de fome, da exploração do capital, das relações empregatícias de poder e dominação, das alternativas frente a essa exploração, por meio da leitura e da escrita, por exemplo, recorre ao modo de dizer legitimamente aceito – o soneto, o poema metrificado – subvertendo, assim, a forma e o pressuposto parnasiano de

³¹³ *Ibid.*, p. 156.

³¹⁴ *Ibid.*, p. 157.

³¹⁵ *Ibid.*, p. 167.

“arte pela arte” para dar lugar à “arte pelo trabalho”. É seu modo de ser lido, de circular na imprensa e de ser aceito pelos historiadores e críticos.

As palavras rebuscadas do seu repertório e o apreço pela estética parnasiana também reforçam nossa tese de que o poeta buscou se aproximar do gosto aceito socialmente para alcançar certa notoriedade na cena literária cearense. Do contrário, se tivesse utilizado uma linguagem simplória, sem floreios, sem preocupação com a gramática normativa e com os metros do verso, teria Otacílio de Azevedo sido lido, circulado, elogiado pelos medalhões da época? Se tivesse assumido um tom mais rude contra a burguesia, contra quem sutilmente se colocava, teria adentrado no livro *A poesia cearense no Centenário* (1922)? Teria ele ocupado um lugar na Academia Cearense de Letras? Cabe ao leitor inferir.

No que concerne à escrita do autor, como pode ser observado no poema “Meu verso”, presente em *Desolação* (1947), não era pretensão sua ser um poeta preciosista, com linguagem escorregada, difícil e distante tematicamente da realidade material, isto é, distante dos seus. Antes disso, o poeta queria apenas que seu verso voasse como o vento e corresse como o curso de uma água, sem leito certo ou destino:

Que outro, não eu, traga assente
no que escreve um diamantino
modo, escorregado, e mais fluente
lapidado em oiro fino.

Eu, não. Escrevo somente
o que sofro, o que imagino.
Sonho o Verso – água corrente
sem leito certo ou destino...

Ao meu Verso – água sem curso
cabe, ao menos, o recurso
de refletir a visão

das asas em movimento
que solta de encontro ao vento
o moinho do coração!³¹⁶

Com esses versos, Otacílio de Azevedo põe-se lado a lado com aqueles trabalhadores-escritores e trabalhadores-leitores que driblaram o tempo da exploração do capital para forjar um tempo outro de descanso, de imaginação e de fantasia.

³¹⁶ *Ibid.*, p. 151.

Ora, se é verdade que Otacílio não foi o primeiro, também não é menos verdade que não tenha sido o último. Uma simples busca na internet é o bastante para identificar casos muito similares, evidentemente em outros contextos, em que o perfil do trabalhador popular autodidata volta à tona, com os casos dos sujeitos que escrevem e se inscrevem no cenário literário à custa de muito sacrifício. Igualmente, são trabalhadores que pouco frequentaram a escola, que pouco possuíam condições materiais de publicar os seus livros, e que, da mesma maneira, escreveram driblando o tempo e a jornada cansativa de trabalho.

Em Guaianases, interior de São Paulo, por exemplo, tomamos nota de um cobrador que escreveu livros inspirados nos passageiros da sua linha de ônibus. Anásio Silva, 51, é um migrante, assim como Otacílio de Azevedo, que saiu da Bahia para a capital paulista, à procura de melhores condições de vida. Há pelo menos 25 anos na profissão, revela que tudo que escreveu o fez no ônibus: “fora eu não consigo. A mulher e os filhos não deixam”.

O autor de *Cena Urbana* (2017), publicado com financiamento próprio, e *Vim de Longe* (2010), lançado no Sarau da Maloca de 2010, escreveu também os livros de contos *Do outro lado do corre* e *Memórias de cobrador*, estes últimos ainda não publicados por falta de dinheiro. São histórias o mais das vezes inspiradas na realidade, mas também que flertam com a fantasia³¹⁷.

Em Pernambuco, Genicleide Lima, 55, também cobradora, escreveu o livro de poesias *Petálas de Gemaguili* (2020), contando os casos e causos surgidos de sua observação da rotina no trânsito. A autora, que, diferente da maioria dos trabalhadores populares, conseguiu chegar à universidade – o que sinaliza para um novo perfil desses escritores – conta que escreve, também como Otacílio de Azevedo, durante o período do trabalho, entre uma viagem e outra: “Pego caneta, papel e, onde tem espaço, vou escrevendo. Não deixo nenhuma partezinha do papel em branco”³¹⁸.

No Rio de Janeiro, tomamos nota ainda da história de Neuza Nascimento, 62, empregada doméstica que publicou seu primeiro livro, *De Saracuruna a Copacabana* (2022), depois de angariar fundos com uma “vaquinha online”. O livro

³¹⁷ Ver

<https://mural.blogfolha.uol.com.br/2017/12/15/cobrador-escreve-livros-inspirados-nos-passageiros-de-guaianases/>

³¹⁸

Disponível

em:

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/02/17/cobradora-de-onibus-escreve-livro-de-poesias-que-retrata-rotina-no-transito.ghtml>. Acesso em: 28 set. 2023.

de contos e crônicas, escritos no trem, a caminho ou na volta das faxinas, ficou guardado por mais de vinte anos e veio à tona depois de muito esforço da escritora para vê-lo impresso.

Chama a atenção, na história de Neuza, a semelhança com a de um trabalhador-escritor aqui referenciado por nós: Rodolpho Theophilo. Como ele, Neuza trabalhou em casas cujas patroas não queriam empregadas doutoras. Conta ela que, certa feita, mostrou seus textos para uma delas – por acaso, jornalista – na esperança de, com isso, ser lida e ajudada:

Uma semana depois, voltei, ansiosa, e ela não falou nada. Eu então perguntei se ela tinha lido e ela disse que não tinha conseguido passar da segunda linha. Ela me disse, 'vai fazer sua faxina, cuidar dos seus filhos'. Ela achava que porque eu era empregada eu não podia escrever. E isso me paralisou por três anos.

Em outra ocasião, Neuza conta que tinha uma patroa que sempre a julgava muito inteligente. Por conta disso, aproveitou o elogio para pedir-lhe uma oportunidade para fazer um curso de datilografia, comum às mulheres da época. Em resposta, a patroa disse-lhe que, se ela quisesse, ao invés daquele, pagaria um curso de corte e costura: “Era como se eu só pudesse ser costureira”.

Em outro momento, Neuza lembra-se do episódio em que foi impedida de acessar a biblioteca de uma das casas em que trabalhava, porque “o marido não gostava que Neuza circulasse pela casa”³¹⁹.

Essas experiências contemporâneas de trabalhadores-escritores, que escrevem *apesar* da jornada de trabalho, apesar da indiferença, apesar das poucas condições materiais, revelam que o problema levantado nesta pesquisa ainda não está encerrado. Homens e mulheres comuns, diariamente, continuam a empunhar seus lápis e canetas não apenas como uma determinação contra aqueles que diziam ser esta tarefa improvável e impossível, mas sobretudo em favor de um projeto de vida que passa pela elaboração dos seus desejos e das suas fantasias, pela extensão do sonho, pelo descanso da mente e do corpo, pela criação de mundos onde a palavra é, também, carícia.

Nesse sentido, o que Otacílio de Azevedo faz ao escrever o primeiro verso nas valas dos vagões onde trabalhava na companhia de bondes é acender uma chama para futuros trabalhadores que, como ele, ousariam pegar a pena antes da

319

Disponível

em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2022/08/5026009-de-empregada-domestica-a-escritora-conheca-neuza-nascimento.html>. Acesso em: 28 set. 2023.

pá. Por esse motivo, seu gesto é, em si mesmo, uma ode ao direito à literatura e à escrita de literatura.

Se os sujeitos do passado calçaram o terreno para que Otacílio surgisse, os do futuro, que lhe sucederam, pedem que sejam lembrados em pesquisas futuras, em projetos que aprofundem as relações entre trabalho e escrita na literatura brasileira e que discutam sobre a importância da literatura como forma de expressão das vivências dos trabalhadores.

O passo que demos, sabe-se, não é o primeiro, nem se pretende ser o último, mas visa dar continuidade e importância aos nomes dos que, com alguma sorte mas sobretudo com muito trabalho, conseguiram escrever uma outra história, nem de cima, nem de baixo, mas de pé, da altura dos olhos, como deve ser.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Joaquim. “O Ensino Primário na Primeira Metade do Século XX” IN: MARTINS FILHO, Antônio e GIRÃO, Raimundo. **O Ceará** – Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1966, p. 363.
- ASSARÉ, Patativa. Aos poetas clássicos. *In: Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 17ª edição, 2002, p. 17-20.
- AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: Secult/CE, 2012.
- AZEVEDO, Otacílio. **Trigo sem joio**. Fortaleza: sem editora, 1986.
- AZEVEDO, Sânzio de. Otacílio de Azevedo e sua obra poética. *In: Aspectos da literatura cearense*. Fortaleza: UFC, 1982. p. 279-348.
- BARBOSA, Edmilson. Joaquim Pimenta. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2018.
- BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Fortaleza: Museu do Ceará, 1962, v. 4.
- BARROS, Manoel de. “Matéria de poesia”. *In: Matéria de poesia*. 1ª ed. — Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- BATISTA, W. L. . **Antonio Candido e as cartas de mamãe**. Ao Pé da Letra (UFPE. Online) , v. 21, p. 35-50, 2019.
- BATISTA, W. L. Leitores e leituras de Quarto de despejo na mídia impressa. *In: Cadernos de Estudos Literários* – CEL – 2019, dossiê de Carolina Maria de Jesus, organização de Atilio Bergamini, Fortaleza, ano 1, número 1, anualmente, março 2019, pp. 53-87.
- BERGAMINI, Atilio. Escravos: leitura, escrita e liberdade. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, p.115-136, 2017
- BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. *In: Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 257-269.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. *In: A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BUENO, Luís. “O intelectual e o turista”: regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira. **Revista IEB**, São Paulo, n. 55, p. 111-126, mar.-set. 2012.
- CANDIDO, Antonio. “Palestra na inauguração da biblioteca”. Disponível em <https://fpabramo.org.br/csbnh/palestra-na-inauguracao-da-biblioteca-por-antonio-candido/> Acesso em 01 mai. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 15° ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, 4° edição.

CANDIDO, Antonio. Uma aldeia falsa. *In*: **Na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1998.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental** – 3. ed. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4 v. – Edições do Senado Federal ; v. 107-D.

CHARTIER, Roger. “Leituras e leitores ‘populares’ da Renascença ao período clássico”. *In*: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**, v. 02. São Paulo, Ática, 1999.

CHARTIER, Roger. “Leituras ‘populares’”. *In*: **Formas e sentido** – Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COOPER-RICHET, Diana. **Classe operária e literatura**: ensaio sobre as representações e os fenômenos de aculturação. Trad. Francisco de Fátima da Silva. São Pulo: Fap-Unifesp, 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, 14 jan. 2005. Acesso em 10 out. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *In*: BESSE, Maria Graciete; TONUS, José Leonardo; DALCASTAGNÈ, Regina (Coords.) *La littérature brésilienne contemporaine Iberic@l*. **Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, 2012, n. 2, p. 13-18.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem dos discursos**. 3° ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GONÇALVES, Adelaide e LIMA, Rafaela Gomes. **Phenix Caixaerial**: história de uma biblioteca. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2021.

GONÇALVES, Adelaide. **A imprensa dos trabalhadores no Ceará**, de 1862 aos anos 1920. 2001. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

GONZAGA, Sérgio. Literatura marginal. *In*: FERREIRA, João-Francisco (Coord.). **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981. p. 143-153.

HOBBSAWN, Eric. Sapateiros politizados. *In*: **Mundos do trabalho**. 6° Ed. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2005.

JATOBÁ, Roniwalter. **Trabalhadores do Brasil**. São Paulo: Geração editorial, 1998.

LIMA, Susana Moreira de. O espaço social da voz: preconceito e literatura. *In*: DALCASTAGNÉ, Regina (org.). **Pelas margens**: representação na narrativa brasileira contemporânea. São Paulo: Horizonte, 2011.

LISPECTOR, Clarice. “A mineira calada” e “Por trás da devoção”. *In*: **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LYONS, Martyn. As classes operárias: leituras impostas, leituras secretas. *In*: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**, v. 02. São Paulo, Ática, 1999.

MANGUEL, Alberto. A leitura ouvida. *In*: **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro 1 – o processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MIRANDA, Ana. “O trabalho criativo”. *In*: Os trabalhadores na literatura brasileira. **Revista Sinpro-Rio** / Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. – no 04 (set. 2009). – Rio de Janeiro: Sinpro-Rio, 2009, pp. 7-9. Distribuição gratuita.

PASSOS, Gleudson. **Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos**. Produção Literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. 2009. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 49, pp. 19-32, set/dez 2016.

QUÊDO, Wanderley. Apresentação. *In*: Os trabalhadores na literatura brasileira. **Revista Sinpro-Rio** / Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. – no 04 (set. 2009). – Rio de Janeiro: Sinpro-Rio, 2009, pp. 5-6. Distribuição gratuita.

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**. Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

REIS, Zenir Campos. O mundo do trabalho e seus avessos: a questão literária. *In*: Bosi, Alfredo. (org.): **Cultura brasileira** - temas e situações. São Paulo, Ática, 1987.

ROCHA, João Cezar de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a ‘dialética da marginalidade’. **Letras**, Santa Maria, n. 32, pp. 24-70, jan-jun, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11909>. Acesso em: 20 nov. 2016.

RODRIGUES, Edgar. "Prefácio". *In*: GONÇALVES, A.; SILVA, Jorge E. (org.) **A imprensa libertária no Ceará: 1908-1922**. Fortaleza: Imaginário, 2000.

SUSSEKIND, Flora. "Nas suas costas estava escrito - Sapateiro". *In*: **O sapateiro Silva**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SIGNORINI, Inês. **O oral na escrita de sujeitos não ou pouco escolarizados**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SILVA, Mario Augusto Medeiros da. Introdução. *In*: **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SILVA, Ozangela de Arruda. **Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

TEIXEIRA, Rachel. "Desencaixes com plumagem". *In*: **O sapateiro Silva**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

THEOPHILO, Rodolpho. **O Caixeiro: reminiscências**. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 24-26.

THOMPSON, Edward P. Consciência de classe. *In*: **A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores (vol. III)**. tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

ANEXO A – MUSA RISONHA

1. Pediste-me, outro dia, o meu retrato.
— Ei-lo. Baixo, moreno, olhos tristonhos,
onde se esboça um misterioso e grato
sonho extraído de infinitos sonhos...
2. Sobrancelhas espessas. Fronte larga,
afilado nariz, testa direita.
Expressão dolorosa... Boca amarga,
num sorriso de angústia, contrafeita...
3. Sou um pouco corcunda... mas garanto
(embora seja frágil o meu físico)
que nunca tive medo de quebranto
nem receio de também morrer físico!
4. Em ré-maior canto qualquer modinha.
Tão formidando, às vezes, é o meu berro,
que (danada de raiva) uma vizinha
jurou que meu pulmão fosse de ferro!
5. A minha gargalhada inimitável,
que tem sido invejada tantas vezes,
é uma lança medonha e inquebrantável
com que firo os ouvidos dos burgueses!
6. No dia em que encontrar quem m'a suplante,
na mais obscena e sórdida espelunca
mergulharei e, oh! céus! desde esse instante
por toda a vida, não rirei mais nunca!
7. Nasci no Monte Alegre — um lugarejo
quatro léguas depois de Redenção.
Entretanto sou triste... e sempre vejo
em vez da liberdade, a escravidão.
8. Povo ingrato, o de minha santa terra,
povo que só venera a burguesia,
povo que desconhece o bem que encerra
uma estrofe de amor e de poesia!
9. Contudo quero um bem extraordinário
à minha terra com o seu povo, enfim

que hoje, se me assemelha áureo santuário
cuja porta se fecha para mim...

10. Ainda lhe vejo as serras azuladas
como um cetíneo e diáfano lençol
que se esfizesse em lâminas prateadas
aos ósculos de luz do ardente sol...

11. Na minha mocidade dolorosa,
sempre viúva de afetos e carinhos,
fui como a erva que nasceu medrosa
entre as urzes e os cardos dos caminhos...

12. Meu pai, cuja saudade me consome,
que da arte de ser bom soube o segredo,
morreu pobre e ignorado... Eis o seu nome:
Bernardino Ferreira de Azevedo.

13. Homem santo! Um talento incompreendido
e cursou tanto tempo o Seminário!
Perdeu muito, decerto, em não ter sido
em vez de professor, simples vigário...

14. Ah! se ele se ordenara eu não teria
nascido... Mas no meu modo de ver,
segundo Allan Kardec, nasceria
mesmo mamãe não tendo de nascer...

15. Mamãe, prima primeira de Jesuíno
Brilhante — cujos feitos são louvores,
branca, de olhos azuis, cabelo fino,
era dos Paivas de Pajeús das Flores.

16. Das famílias Feitosas e Ferreiras,
Brilhantes, Paivas e Azevedo, enfim,
sou rebento carnal. Horas inteiras,
botei dois a correr... atrás de mim!

17. Extraí doze dentes, e o que é ruim
é que uma viúva, toda tagarela,
quer por força que eu compre pra mim
a dentadura do marido dela...

18. Se é que por estes dias tal assunto
vai-se tornando cada vez eterno,

eu mando viúva, dentes e defunto
para os profundos côncavos do inferno!

19. Quando meu pai morreu eu era criança
tinha oito anos somente e hoje é que digo
que com ele morreu toda a esperança
de encontrar sobre a terra um outro amigo.

20. Fiquei pobre e sozinho ao léu do mundo
ao poder da miséria e à fome exposto...
E ainda agora se ve num dó profundo
a tristeza estampada no meu rosto...

21. Nesta luta de transes formidáveis
em que anseio chegar à perfeição
entre os homens — criaturas miseráveis —
nenhum achei que me estendesse a mão...

22. Quando eu era pequeno, era pedante
(como esse tempo já distante vai...):
Ao pescoço, amarrados num barbante,
os botões das ceroulas do papai...

23. Num comprido cordão que eu mesmo fiava
entre os amigos que chamavam brancos,
em lugar de brinquedos, arrastava...
de papai os tristíssimos tamancos...

24. Em vez de ricas vestes à marujo
como um meu camarada sempre tinha
eu andava, coitado, além de sujo,
numa roupa de sacos de farinha.

25. Onde quer que passasse, os mais tranquilos
olhares descobriam logo presa
à calça a marca azul *60 quilos*
sob o dístico rubro de *Nobreza!*

26. Quando eu completava anos, os presentes
eram de papelão mal feito carro
e um bando de moloques indecentes
uns moldados em cera, outros em barro!

27. Visto não ter um carneirinho branco

como o filho mais velho do Fontoura,
trazia, muita vez, tristonho e manco,
entre as pernas um cabo de vassoura!

28. Em toda a mocidade, sempre avessa,
nunca tive um boné de lã ou fio;
trazia amargamente na cabeça
o forro da cartola do meu tio!

29. Meu cavalo de talo de carnaúba
tinha um nome bonito e era alazão,
enfeitado de flores de monguba
oh, meu cavalo, que recordação!

30. Que saudades que eu teho do passado
em Pacatuba — ao lado do Silvinha,
fazendo versos para o seu noivado
todo luz e esplendor — Dona Rolinha!

31. Uma vez que não tens, meia senhora,
neste instante a menor ocupação,
vou também te dizer, sem mais demora,
do que tenho vivido e ganho o pão.

32. De oito anos aos quatorze — funileiro,
de quatorze aos dezoito — copiadador
de retratos e, agora, por terceiro
sou fotógrafo, poeta e sou pintor...

33. Empreguei-me na *Light* o amargo espaço
de três anos brutais, consecutivos,
as forças diminuindo no cansaço,
ante um grupo integral de homens cativos.

34. Enfadado de ouvir-lhes sempre a história
cujo tema era a fome, me dispunha
ouvir falar um só, que obteve a glória
deste soneto intitulado — O Cunha:

35. Eu tive um grande amigo, um belo moço,
que apesar de ser pobre, às vezes tinha
o orgulho de dizer sem mais sobroço,
só passar a perus, frangos, galinha...

36. Convidou-me, um domingo, para o almoço,
e eis numa estreita e mísera branquinha,
uns tres pratos de carne, arroz, um osso
e uma lata pequena de sardinha...

37. Depois de me dizer que, mesmo pobre,
passava a vida como gente nobre
toda a sopa no mel súbito cai...

38. Grita um menino que matava a fome:
— “Hoje sim, hein mamãe, a gente come,
como é bom este amigo do papai!”

39. Nos pesados labores cotidianos
eu sempre tive a pretensiosa astúcia
de comparar-me a Gorki, aos dezoito anos,
ante a miséria colossal da Rússia!

40. E ficava-me, absorto, horas perdidas,
a pensar no Kuvalda e, outros, a esmo,
e voltava chorando tantas vidas,
à triste realidade de mim mesmo...

41. Dentre o estreito cubículo asfixiante
semelhávamos, nós trabalhadores,
todo o quadro sombrio e agonizante
que há nas páginas reais de “Amassadores”.

42. Em vez de Tânia, vinha ter conosco
toda alegre e jovial, dona Esperança;
mas, vendo o nosso abrigo úmido e tosco,
achou de bem fazer uma mudança

43. e ficar mesmo perto da oficina
para aumentar meu desespero inglório,
ao contacto aromal da gente fina
— todos os empregados do Escritório!

44. Não acredito mais em S. Francisco
e esvaziei da inocência o último alforje...
Ah! dias em que eu via no áureo disco
da lua, a imagem do Senhor S. Jorge!

45. Completei, diz mamãe, vinte e seis anos,

e embora o batistério se desminta
pelos meus dissabores desumanos
sou capaz de jurar que já fiz trinta!

46. Na estranha confusão que me verruma,
de espíritas, católicos, ateus,
protestantes, e mil dogmas em suma,
creio que existe apenasmente Deus!

47. Publiquei, há dois anos, "Alma Ansiosa",
livro que fala de ânsias e desejos
e retrata a saudade dolorosa
de um passado de amor, fundido em beijos!

48. Hoje, porém, farto de beijos, choro
as auroras boreais dos tempos idos,
e um sorriso de luz aos céus imploro,
aquarelando poentes doloridos...

49. Diabos levem Camilo Flammarion,
Tolstoi, Voltaire, Cervantes e Lombroso,
que fizeram perder todo o bom-tom...
das antigas histórias de Trancoso...

50. Para um verso escrever sempre espontâneo,
que não seja arrastado, obscuro ou ruim,
fortifico a fornalha do meu crânio
com um bom copo, a vazar, de *Vermutin!*

51. Já não uso os cabelos sobre os ombros,
que há na fotografia que ora vês.
Já lhe assisti os últimos escombros
na semana passada deste mês...

52. Não te convenço de que sou bonito,
disto não tenhas mínimos receios.
A mais de mil pessoas tenho dito
que só cabeça e corpo tenho feios!

53. Nunca transpus as portas de uma escola
o pouco que aprendi só a mim devo...
Escrevo andando... e enche-se-me a cachola
de ideias, cada vez que, andando, escrevo!

54. Há um ano, mais ou menos, sou casado
e além de não ser mau, tirano ou réu,
não poderei ser nunca um desgraçado
se uma filha por mim tenho no céu!

55. Há uns seis anos atrás, certa menina,
para a minha caipora ser completa
de tal forma tornou-se-me divina
que, perdido de amor, eis-me, hoje, poeta!

56. Aprendi a sofrer e a amar a vida
embora os olhos tenha rasos de água,
cantando a minha angústia indefinida,
purificando a minha própria mágoa.

57. Aos nove anos - caboclo despachado -
eis o meu todo que saber convém
chapéu de palha desabado
e na boca um charuto de vintém.

58. O meu irmão mais velho, que se chama
Júlio Azevedo, além de retratista
é pintor, ama o Belo, as Artes ama
e umas vezes é poeta, outras flautista.

59. Os meus amigos com os quais enceto
amistosas palestras, hoje são
o sempre incomparável Sidney Neto
e o futuro doutor Rubens Falcão.

60. Mil oitocentos noventa... e tantos
fora o espaço fatídico e iracundo
que a onze de fevereiro – o mês dos prantos
abri meus olhos trêmulos ao mundo!...

61. Tudo o que acima expus é mais que exato,
melhor do que eu ninguém te falaria.
E, além de teres o melhor retrato,
Possuis também minha autobiografia.

ANEXO 02 – POEMAS DE “O JORNAL”

“CARDO”

Na impiedosa região de ermo, oblíquo talude
dos desertos sertões filho obscuro e bastardo,
entre pedras nasceu, sem nenhuma virtude,
de esquisita semente, exposta é chuva, o Cardo.

A princípio, dir-se-ia um ramo tenro. A miúde
o espinho lhe coroara a fronte... E um verde-pardo
colorido o vestira. Envelhecera... A rude
existencia lhe foi como penoso fardo!

Nasceu só. Viveu só! Nunca sentira a alfombra
de outra arvore, feliz! Nunca um fremito de asa
vibrou pelo seu corpo esquecido e sem sombra.

Razão porque o hás de ver, melancólico e languê,
ofertando ao bom sol que de beijos o abrasa,
como preto de humilde, igneos frutos de sangue!

Sobral, 1932.

“SAUDADE”

Saudade. Ansia. Crepúsculo. Sol poente...
Cinza de oiro do outono... Eu, pequenino,
Mergulhando, a sorrir, nagua corrente
pequenos barcos de papeis... O sino

do antigo Monte-Alegre, docemente,
solução ao sol-por... Tudo imagino:
— Mamãe de joelhos, a rezar e, eu crente,
postas as mãos num êxtase divino.

Saudade! As verdes moitas de molumbo
onde, outrora, eu brincava à luz do dia,
longe do dissabor a que sucumbo...

Saudade! Hoje chorando e mar de escolhos
esta noite tremenda de invernã
Originada de meus próprios olhos!

Sobral, 1932.

“INDECISÃO”

Houve sempre, entre nós, uma duvida... Uma
amarga indecisão — mixto de amor e medo...
E se a nosso respeito externámos alguma
palavra, fora um mutuo elogio, em segredo...

E este amor — Rosa ideal de corola de pluma
que nascêra ao sabôr dos prantos, no degrade
e que ainda hoje o meu ser divinisa e perfuma,
tinha que se acabar, ou mais tarde ou mais cêdo...

Quanta vez, a evocar os seus olhos de monja,
não passei triste e só, ante o horrôr que me chumbo
como se a alma me fôra amarissima esponja...

É pena que amôr, cheio de ansia e desejo,
capaz de me fazer o mais feliz, sucumba,
sem um sorriso, sem uma lágrima, um beijo!...

Sobral, 1932.

“NATAL DE UM TRISTE”

Natal. Paira em meu quarto silencioso
um não sei que nostálgico e tristonho...
cerro os olhos tristíssimo ao gozo
na volúpia divina de meu sonho...

Ansiedade... Renúncia. Ao tumultuoso
rumor alegre, excêntrico, me oponho,
Natal... Lembro as histórias de Trancoso...
Natal... Não sei porque a chorar me ponho!

Alguém canta... distante... Ao longe se ouvem
uns prelúdios de amor tão doloridos
que acredito a unica arte a de Beethoven...

Canta, creatura ideal, que, em mar de escolhos,
quero, ao menos, com a força dos ouvidos
apagar a miséria de meus olhos!....

Sobral, 1932.

“COROA DE ESPINHOS”

A ti que, injustamente, ao tumulto baixaste,
sempre humilde e bondoso e resignado e justo,
como a flor que ao tufão se desgarrando da haste,
morre, enchendo de aroma, o ingrato solo adusto!

A ti que de astros de oiro — os teus versos — povoaste
o amplo céu de teu sonho e, sem temôr nem susto,
o agro oceano do pranto, a sós, atravessaste
dentre a Galera real de teu talento augusto!

E que em paga do bem que inda hoje tua alma encerra
de desumanas mãos só recebeste o dardo
que te fez cair de joelho ainda abençoando a terra

consagro a alma através destes frutos mesquinhos,
cuja arvore sem sombra é o esqueleto de um cardo
sem verde de esperança e coroadado de espinhos!...

Sobral, 1933.

“MILENA”

Roseo botão de flor de essencias cheio
que o niveo luar do amor doira e perfuma,
do jardim da existencia, argente veio
de agua, lhe orvalha a veludez de pluma...

Cantar lhe a perfeição de balde anseio
sem uma frase que lhe sirva sem uma
palavra apenas, que alicerce o esteio
da inspiração que aos olhos meus se esfuma...

Que outro, acima de mim, os dons lhe cante!
Que ao meu verso, pueril, fogue o desplante
e nem de mirra e incenso tem sinal...

E eu me fique a afirmar, de alma vencida,
que a Milena é a beleza, é o sol, é a vida,
é a alegria dos olhos de Sobral.

Sobral, 1933.

“GRAÚNA”

Negra, da mesma cor do negro fruto oleoso
Da carnaúba em sansão, mal foge a noite bruna,
A ampla copa imperial do Joaseiro frondoso,
O aureo cauto desfere, ao sol nascente, a graúna!

Quando a sêca é tremenda e o calor impiedoso?
Como o cearense, emigra. A essa época oportuna
Abre as asas e parte... e, buscando outro poiso,
Faz que ao tremulo canto a nostalgia se una.

No astro exílio, a evocar os longinquos recantos,
Mergulhada num sonho, a clara voz desata,
Ora alegre e feliz, ora cheia de prantos...

E a cantar, sob o azul de nimbos se veste,
Na vertigem do som que nos prende e arrebatada,
É a alma sentimental dos sertões do nordeste!

Sobral, 1933.

“TROVAS”

Aquele beijo tão doce
de duração tão fagueira,
ah quem diria que fosse
amargar-me a vida inteira!

O coração que consigo
não traz queixumes de amor,
é como um relógio antigo
a bater... sem mostrador!

Há no seu rosto angustiado
vestígios de primavera...
ah! é bem certo o ditado:
<<Onde foi casa é tapera...>>

Cantigas, minhas cantigas,
cantai meu fado, mas não

desperteis nele as antigas
maguas de meu coração!

<<Quem canta seu mal espanta>>

— Rega um antigo rifão...
Quanto mais minha alma canta,
mais chora o meu coração!

Plantei rosas no meu peito,
de todas as qualidades...
mas o jardim foi desfeito
num canteiro de saudades...

Sobral, 1933

“TROVAS”

Fui a escola dos desejos
e disse-e o professor:
— É na cartilha dos beijos
o abecedario do Amor.

Dantes, quando te beijava
tão grande era o meu desejo
que, te beijando, julgava
que não sentias meu beijo!

Saudade — palavra fria,
ardente de a combater:
ah! bem feliz eu seria
se a não soubesse escrever...

<<Vales de amor não tem cura>>
triste de quem os tiver.
se for homem — que loucura!
que asneira — se for mulher!

De tanto beijar-te outrora
cheguei a te aborrecer,
mas por um teu beijo agora
daria o próprio viver!

Sonhei — que transe medonho —
que tu morrias, querida...

O pobre, nem mesmo em sonho
terá descanso na vida!

Sobral, 1933.

“TROVAS”

Meus olhos em tempos idos,
eram soldados do amor...
depois que foram traídos
são voluntários da dor!

Amor — crepúsculo da alma,
da vida — aurora sublime
as vezes exprime calma
e fúrias às vezes exprime!

É doce amar quando se ama
num roseo mar de desejos,
sentido que a alma se inflama
num infinito de beijos!

Amei — mas ai, foi tão triste
o meu viver quando andei
que nem sei se o goso existe
a gente amando, não sei...

Há nos teus olhos profundos
cheios de sonhos e de ardor
dois Universos, dois mundos
dos quais sou navegador...

Sobral, 1933.